

Inês Oliveira Duarte

**CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS SOBRE
AMIZADE, AMOR E PAIXÃO EM FUNÇÃO DE
DIFERENTES NÍVEIS ETÁRIOS**

Dissertação de Mestrado Orientada pela Professora Doutora Maria Elisa Chaleta

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

2011

“Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

Resumo

O estudo das emoções e o seu papel no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, tem suscitado, desde há muito tempo, o interesse de vários investigadores. Tal interesse permitiu que, actualmente, seja consensualmente reconhecido o carácter adaptativo das emoções e o papel central que desempenham no funcionamento humano (Melo, 2005). O conhecimento das emoções vai sendo adquirido ao longo do desenvolvimento, permitindo que o ser humano interprete e explique estados emocionais, para que possa desenvolver relações positivas com os outros (Flavell, Miller & Miller, 1999).

O presente estudo tem como objectivo identificar as concepções de crianças e jovens sobre amizade, amor e paixão em função de diferentes níveis etários. Para a realização do mesmo recorreu-se a uma amostra constituída por 40 sujeitos com 5, 10, 15 e 20 anos.

Os dados foram recolhidos através de entrevistas e analisados através da análise temática e categorial. Os resultados demonstram que as concepções dos conceitos estudados se vão modificando ao longo do desenvolvimento.

– **Palavras-chave:** emoções, sentimentos, amizade, amor, paixão, níveis etários

Abstract

“Conceptions of children and young people about friendship, love and passion in function of different age groups”

The study of emotions and his role on the cognitive, emotional and social development has long started to interest researchers. Such interest allowed that, nowadays, by general consent, is recognized the adaptative character of emotions and his central role on the human development (Melo, 2005). The knowledge about emotions will be acquired along development, allowing that the human being interpret and explain emotional states, to develop positive relations.

The aim of the present study is identify the conceptions of children and young people about friendship, love and passion in function of the age group. The sample included 40 subjects aged 5, 10, 15 and 20 years old.

The data was gathered using an open questionnaire and examined through categorical and thematic analysis. The results showed that the conceptions of the study concepts will change along development.

Key-words: emotions, feelings, friendship, love, passion, age groups

Agradecimentos

Um primeiro agradecimento é devido à Professora Doutora Maria Elisa Chaleta, pela orientação e por me ter sempre transmitido a motivação que eu tantas vezes perdi ao longo deste percurso.

Aos meus pais e à minha irmã por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditei.

Aos meus amigos, por estarem sempre ao meu lado e se mostrarem sempre interessados e disponíveis para me ajudar.

Aos meus colegas de trabalho por facilitarem as alterações de horário sempre que eu precisei.

Ao Andrew por todo o suporte que me deu e pela compreensão sempre demonstrada no tempo que não lhe dediquei.

Um último agradecimento vai para todos os pais que permitiram a participação dos filhos neste estudo, Agrupamentos de Escola e Professores que me facultaram a realização deste projecto.

A todas as crianças, adolescentes e jovens adultos que participaram neste estudo e que viabilizaram a realização do mesmo.

ÍNDICE

Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico	
Capítulo 1 – As Emoções e os Sentimentos.....	3
1.1.Emoções.....	3
1.1.1 Teorias das emoções: um primeiro enquadramento.....	3
1.1.2. Emoções Básicas.....	7
1.2.3. Cultura e Emoção.....	10
1.2. Emoções e Sentimentos.....	12
1.3. Desenvolvimento Emocional.....	14
1.3.1. Desenvolvimento emocional na Infância.....	16
1.3.2. Desenvolvimento emocional dos 2 aos 5 anos.....	17
1.3.3. Desenvolvimento emocional dos 6 aos 12 anos.....	18
1.3.4. Desenvolvimento emocional na adolescência.....	19
Capítulo 2 – Amizade, Amor e Paixão.....	19
a) Amizade.....	20
b) Amor.....	24
c) Paixão.....	35
Parte II – Estudo Empírico	
1.Objectivos do Estudo.....	39
2. Metodogia.....	40
2.1. População alvo do estudo.....	40
2.2. Amostra.....	40

2.3. Instrumentos e Procedimentos.....	41
2.3.1. Procedimentos.....	41
2.3.2. Instrumentos de Recolha de Dados.....	41
2.3.2.1. Guião de Entrevista sobre sentimentos, emoções, amor, amizade e paixão.....	41
2.3.2.1.1. Estudo Piloto.....	41
2.3.2. 1.2. Versão definitiva do guião de entrevista.....	43
3. Descrição e análise dos resultados.....	69
3.1. Análise descritiva dos temas.....	69
3.2. Análise do tema I – Sentimentos.....	70
3.3. Análise do tema II – Emoções.....	84
3.4. Análise do tema III- Amizade.....	94
3.5. Análise do tema IV – Amor.....	106
3.6. Análise do tema V – Paixão.....	119
4. Conclusões Gerais.....	131
Referências Bibliográficas.....	139
Anexos.....	148
Anexo 1.....	vii

Introdução

As emoções assumem um papel fundamental no funcionamento humano. A sua importância reflecte-se no papel que desempenham na organização do desenvolvimento cerebral e nos diversos domínios do funcionamento psicológico e social.

Ao longo dos anos têm sido desenvolvidas inúmeras teorias acerca das emoções. No campo da psicologia, os diferentes modelos explicativos das emoções e do desenvolvimento emocional apresentam uma característica comum – o reconhecimento do carácter adaptativo das emoções no desenvolvimento humano (Melo, 2005).

A elaboração deste estudo prende-se com o facto de nas últimas décadas as tendências teóricas no campo do desenvolvimento emocional se terem centralizado na emergência de diferentes afectos, nas suas correlações internas (neurológicas ou endócrinas) e nas circunstâncias em que foram estimulados (Izard & Malatesta, 1987) em detrimento dos aspectos relacionais. No entanto, na última década tem-se verificado uma alteração desta tendência. Actualmente, os estudos relacionados com o desenvolvimento emocional têm, muitas vezes, em atenção o contexto social/relacional da expressão e compreensão emocional (Veríssimo *et al.*, 2004).

As emoções não se reduzem a experiências sentidas, constituem-se também objecto do pensamento. O ser humano socialmente competente possui um conhecimento das emoções, bem como da sua relação com a cognição e o comportamento. Esta capacidade permite-lhe desenvolver uma auto-representação efectiva, relações positivas com os outros e a aquisição de vantagens inter-pessoais (Flavell, Miller & Miller, 1999).

O conhecimento das emoções vai sendo adquirido ao longo do desenvolvimento do sujeito. As crianças evoluem de inferências de emoções baseadas na visão de rostos felizes ou tristes para, com a idade, se tornarem conscientes de diversas fontes de informação que lhes permitem inferir emoções (Flavell, Miller & Miller, 1999). Com o aumento da idade, as crianças vão conseguindo compreender as regras de demonstração facial e as emoções conflitantes. As crianças mais velhas e os adolescentes inferem mais facilmente sentimentos espontaneamente e tornam-se cada vez mais precisas na interpretação e explicação dos estados emocionais (Flavell, Miller & Miller, 1999).

Oatley e Jenkins (1998) referem que uma das características mais importantes das emoções é a sua potencialidade para proporcionarem as infra-estruturas para a vida social, pois os planos que estimulam são geralmente planos que envolvem os outros. Este aspecto é algo que várias teorias da emoção têm vindo a negligenciar. “A prontidão que as emoções induzem fornece as estruturas de contorno para os modos particulares de relacionamento: as emoções de felicidade e de afecto proporcionam a cooperação, a tristeza permite o abandono da interacção social e a busca de ajuda, a cólera propícia o conflito com os outros e a ansiedade produz a precaução e a deferência” (1998, p. 155, 156). Assim, as emoções podem ser consideradas estruturas de orientação da vida do indivíduo, especialmente das suas relações com os outros.

Tendo em conta o que foi referido, o presente estudo revela-se importante, uma vez que se pretendem estudar conceitos essenciais, estruturantes na vida dos indivíduos. Trata-se de perceber como conceptualizam os sujeitos, ao longo do desenvolvimento, os sentimentos que dão sustentação às suas relações com os outros e que influenciam quer a sua personalidade, quer o sentido da sua própria vida.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – As Emoções e os Sentimentos

1.1. Emoções

1.1.1. Teorias das emoções: um primeiro enquadramento

O interesse pela pesquisa entre os sentimentos e o pensamento, entre as emoções e a cognição, verifica-se desde há muitas décadas e tem estimulado vários tipos de pensadores: escritores, artistas, filósofos e cientistas. Filósofos clássicos como Aristóteles, Sócrates, Platão, Epicuro, Descartes, Pascal e Kant, realçaram o papel das emoções na vida humana (Franco, 2007).

Apesar do papel central das emoções no funcionamento psicológico humano ser consensual entre os autores, nem sempre a sua definição é clara e objecto de consenso, variando de acordo com a ênfase dada pelas diferentes teorias às suas funções específicas e componentes (Fridja, 2004). O conceito de emoção é um conceito difícil de definir com precisão. Como refere Joseph LeDoux (1996, p.23): *“Infelizmente, uma das coisas mais significantes alguma vez dita acerca da emoção é que todas as pessoas sabem o que é, até lhes ser pedido que a definam”*.

Keltner e Shiota (2003) definem emoção como uma reacção funcional a um estímulo, evento externo, que temporariamente integra canais psicológicos, cognitivos, fenomenológicos e comportamentais para facilitar a adaptação, a resposta à situação actual. Uma das especificidades desta definição é que a emoção é vista como resposta a um estímulo externo, como uma ameaça ou um insulto (embora esta ameaça ou insulto possa ser recordada ou imaginada) e não como resposta a um estímulo interno, físico, como a fome ou a sede. Neste sentido, a emoção depende da avaliação cognitiva do estímulo externo (Kalat & Shiota, 2007). Por exemplo, se ouvirmos que alguém foi injustamente julgado, a nossa reacção varia, dependendo desse alguém ser um amigo chegado ou uma pessoa de quem nunca tínhamos ouvido falar antes (Lazarus, 2001). Nesta perspectiva, as emoções dependem de avaliações complexas de eventos e do seu significado. Assim, segundo estes autores, não é

surpreendente que as emoções variem tanto de pessoa para pessoa, de situação para situação e de cultura para cultura.

As emoções são um fenómeno extremamente complexo, cuja explicação requer análises cuidadosas e sistemáticas das suas múltiplas características e componentes. O motivo primordial para a complexidade das emoções é a sua grande sensibilidade face às circunstâncias pessoais e contextuais. Tipicamente, as emoções ocorrem quando percebemos mudanças significativas, positivas ou negativas, na nossa situação pessoal, ou em situações de pessoas que nos são próximas. Uma importante mudança positiva ou negativa melhora ou interrompe significativamente, uma situação estável relevante para os nossos interesses (Ben – Ze’ev, 2004).

A definição proposta por Oatley e Jenkins (1998) partilha dos pressupostos mencionados anteriormente. De acordo com os autores *“uma emoção é normalmente causada por uma pessoa, consciente ou inconscientemente, ao avaliar um evento como relevante para um assunto (um objectivo) importante; o núcleo de uma emoção é a prontidão para agir e a sugestão de planos – uma emoção dá prioridade a um dos tipos de acção a que atribui um sentido de urgência, assim, pode interromper, ou competir com processos ou acções mentais alternativos; uma emoção é normalmente experimentada como um tipo distinto de estado mental, por vezes acompanhado ou seguido de mudanças corporais, expressões, acções”* (p. 124). Esta definição baseia-se na obra de Frijda (1986) que apresenta a emoção como um conjunto de estados que incluem a apreciação, o contexto de avaliação, a prontidão para a acção e, por último a alteração psicológica, expressão, acção. Para este autor todas as emoções compreendem a avaliação de dois tipos possíveis: avaliação primária que se caracteriza pela apreciação do significado emocional de um evento e a avaliação secundária que se envolve na apreciação da emoção resultante (Frijda,1986). A componente avaliativa é claramente valorizada e as emoções são definidas como mudanças na tendência ou “prontidão para acção” (Frijda, 2008, p. 63). As emoções emergem assim como processos que permitem que as pessoas se concentrem em qualquer problema que surja e alterem a rota se sentirem necessidade de o fazer.

Stein, Trabasso e Liwag (1993) propõem estados ligeiramente diferentes, mas similares aos de Frijda, ao defenderem que o modo como a pessoa vê um evento – o enquadramento que utiliza, que depende dos valores e objectivos da pessoa – é determinante na forma como o evento é sentido e recordado pela pessoa. As crenças, as convicções, as inferências e os planos assumem um papel de relevo. A sua teoria preocupa-se com a representação da experiência emocional. O sistema de

representação que permite que o valor seja avaliado, alerta o sujeito para aquilo que pode trazer prazer ou dor. Este sistema de representação ou de valores tem três características fundamentais: é hierarquizado e sequencial em simultâneo (alguns objectivos têm mais valor do que outros) e é dinâmico. Realça a importância dos objectivos pessoais na compreensão de qualquer emoção. As diferenças encontram-se dependentes de eventos determinados que dão origem às emoções e dos planos específicos que vão determinar o êxito ou insucesso na obtenção do objectivo (Stein, Trabasso & Liwag, 1993).

Tanto na perspectiva de Frijda (1986) como na de Stein, Trabasso e Liwag (1993), o processo inicia-se com o reconhecimento de um evento como significativo o que na óptica de Lazarus (1991) corresponde à apreciação primária. Esta apreciação é constituída por três características: a relevância do objectivo, a congruência (ou incongruência) do objectivo e o envolvimento do ego e encontra-se ligada à motivação. Por sua vez, a apreciação secundária, expõe os pensamentos que se referem ao contexto, isto é, pensar nos planos e em como lidar com o acontecimento que casou a emoção. Lazarus (1991) sugere três avaliações secundárias ligadas à culpa e ao mérito, ao potencial de ajustamento e às expectativas futuras. A avaliação assume um papel central no ponto de vista deste autor, o indivíduo é visto como um ser avaliador que avalia cada estímulo com que se depara, atendendo à sua relevância pessoal e significado. O padrão particular das avaliações primárias e secundárias permite realizar distinções entre as várias emoções. Por conseguinte, o modo como o indivíduo se ajusta, alimenta e influencia a avaliação e a emoção, através do seu significado pessoal. A relação entre a pessoa e o ambiente é promotora da avaliação e da forma de ajustamento (significado relacional). Neste sentido, o interesse pessoal e a adaptação convertem-se em elementos decisivos para a emoção (Lazarus, 1991).

Com tudo o que já foi referido podemos verificar a importância do papel das emoções na adaptação do indivíduo ao meio. De acordo com a hipótese de Damásio (2003a), “As emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa” (p. 71). Em algumas situações avaliamos de forma consciente os objectos que causam as emoções (no verdadeiro sentido da palavra avaliar), tendo em conta não só a presença de um objecto mas a sua relação com outros objectos e a sua ligação com o passado. Nestas situações, realizam-se avaliações por parte do aparelho das emoções e pelo aparelho da mente consciente. Apesar de assumir que em determinadas circunstâncias a avaliação é um facto, Damásio (2003 a) sublinha que, em muitas outras circunstâncias, as emoções ocorrem

sem que o indivíduo possa fazer qualquer avaliação do objecto que as causa, bem como da situação em que esse objecto aparece. No entanto, mesmo quando uma emoção ocorre sem que tenhamos consciência do estímulo – emocional – competente, a emoção permanece a aludir que o organismo avaliou, de certa forma, a situação. “*O conceito de avaliação não deve ser exageradamente literal, e não pode ser sinónimo de avaliação consciente*” (p.72). Apreciar e responder automaticamente a uma situação é um êxito admirável da biologia e não é, de modo algum, menos notável do que a apreciação consciente de uma situação.

De acordo com Damásio (2003b) “*a emoção é a combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas disposicionais a esse processo, na sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais*” (p. 153). A emoção é uma resposta a grupos de estímulos perigosos ou valiosos, que advêm do meio externo ou interno. Funcionam como adaptações integrantes do mecanismo através do qual os organismos regulam a sua sobrevivência (Damásio, 2000). Segundo o autor todos estes fenómenos têm subjacente uma base biológica comum que pode ser apresentada do seguinte modo:

1. As emoções são conjuntos complexos de respostas químicas e neurais que formam um padrão; todas as emoções desempenham um papel regulador que conduz, de uma forma ou de outra, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo que manifesta o fenómeno; as emoções dizem respeito à vida de um organismo, mais precisamente ao seu corpo; a finalidade das emoções é ajudar o organismo a manter a vida.
2. Não obstante o facto de a aprendizagem e a cultura alterarem a expressão das emoções e revestirem-nas de novos significados, as emoções são processos biologicamente determinados, dependentes de dispositivos cerebrais estabelecidos de forma inata e sedimentados por uma longa história evolucionária.
3. Os dispositivos que produzem emoções ocupam um conjunto restrito de regiões cerebrais, indicando-se ao nível do tronco cerebral e progredindo para as partes superiores do cérebro; estes dispositivos fazem parte de um grupo de estruturas que tanto regulam como representam os estados corporais.
4. Todos estes dispositivos podem ser activados automaticamente, sem deliberação consciente; a variação individual e o facto de a cultura ter um papel

na formação de alguns indutores não negam a estereotipia, o automatismo e o objectivo regulador das emoções.

5. Todas as emoções usam o corpo como teatro (milieu interno e sistemas visceral, vestibular e músculo – esquelético), mas as emoções também afectam o modo de operação de numerosos circuitos cerebrais: ou seja, as variadas respostas emocionais são responsáveis por modificações profundas, tanto na paisagem corporal, como na paisagem cerebral. O conjunto destas modificações constitui o substrato para os padrões neurais que eventualmente se tornam nos sentimentos de emoção.

As emoções acontecem em dois géneros de situações. A primeira situação é quando o organismo processa determinados objectos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais (por exemplo, quando avista um rosto ou local familiares). O segundo caso ocorre quando a mente de um organismo recorda certos objectos e situações e os representa, enquanto imagens, no processo do pensamento (por exemplo, a recordação de um rosto amigo) (Damásio, 2003b).

1.1. 2. Emoções Básicas

Vários autores consideram que as emoções são fundamentalmente distintas umas das outras, como os elementos químicos são distintos uns dos outros. Os investigadores que trabalham segundo esta perspectiva referem certas emoções como emoções “básicas” ou “primárias” (Kalat & Shiota, 2007).

Habitualmente considera-se que algo é básico, fundamental ou primário quando lhe está associado o desempenho de uma função importante. De acordo com Averil (1994 *cit. por* Machado, 2003) o protótipo de um objecto pode ser estabelecido através de critérios funcionais. Neste sentido pode colocar-se a hipótese de que emoções básicas, prototípicas, são presumivelmente aquelas que desempenham funções vitais (Machado, 2003).

Kalat e Shiota (2007) referem alguns critérios utilizados para caracterizar uma emoção como “básica”. O primeiro critério e o menos controverso refere-se à universalidade das mesmas. Se uma emoção é básica, deve ocorrer em todas as sociedades e em quase todas as pessoas, excepto talvez em crianças e pessoas que sofreram danos cerebrais. Encontrar alguma emoção em todas as sociedades não é garantia para que essa emoção seja básica, mas encontrá-la em algumas sociedades e em outras não, iria implicar que seria socialmente construída e não um aspecto constituinte da natureza humana. O segundo critério é um pouco mais complexo e

refere-se ao facto de que a emoção básica deve facilitar uma resposta funcional a um evento específico da vida, ou “antecedente”. A ideia é a de que se todos partilharmos uma emoção, devemos envolver a capacidade para senti-la, e se envolvemos a tendência para senti-la, isso será útil para lidar com algum problema comum. O terceiro critério encontra-se associado à ideia de que a emoção básica deve ser precocemente evidente na vida. O problema é, quão cedo na vida uma emoção deve aparecer para ser qualificada de emoção básica. O quarto critério é defendido por vários psicólogos que assumem que, se uma emoção é básica, as pessoas devem ter constituído um modo de expressá-la, seja através da expressão facial ou tom de voz. O quinto critério deve ser o mais persuasivo: cada emoção primária deve ter a sua própria base fisiológica, presumivelmente um certo tipo de actividade do cérebro ou do sistema nervoso central. No entanto, apesar de os investigadores terem desenvolvido estudos acerca da fisiologia das emoções, as evidências actuais não demonstram conclusivamente que cada emoção é fisiologicamente distinta das outras (Kalat & Shiota, 2007).

A Teoria das Emoções Diferenciais (TED), de Carol Izard (Izard & Dougherty, 1982 *cit. por* Almeida, 2006) também remete para a existência de várias emoções básicas (interesse, alegria, surpresa, tristeza, raiva, aversão, contentamento, medo, vergonha/timidez e culpa) com características distintas, que podem actuar de forma independente do processamento cerebral cortical e colaborar na organização da percepção, cognição e comportamento. Quando se menciona a palavra emoção, surge frequentemente na mente uma das seis emoções ditas primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa ou aversão. Para além destas podem também surgir emoções secundárias ou sociais, nomeadamente, a vergonha, o ciúme, a culpa, ou o orgulho (Damásio, 2000). Damásio (2000; 2003a) faz ainda referência a emoções que denomina emoções de fundo, tais como o bem-estar ou o mal-estar, a calma ou a tensão.

As emoções que experimentamos na infância – emoções primárias estão associadas à ideia de que o ser humano está programado para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando detecta, individualmente ou em conjunto, determinadas características dos estímulos, no mundo ou no próprio corpo. Sentir os estados emocionais, ou seja, afirmar que se tem consciência das emoções, permite que tenhamos flexibilidade de resposta, com base na história específica das nossas interações com o meio ambiente. As emoções primárias estão dependentes da rede de circuitos do sistema límbico, sendo que a amígdala e o cíngulo detêm os principais

papéis. Apesar de constituírem o mecanismo básico, as emoções primárias não descrevem todos os comportamentos emocionais, para isso contam com a ajuda dos mecanismos de emoções secundárias. Estes, por sua vez, ocorrem mal começamos a ter sentimentos e a formar *ligações sistemáticas entre categorias de objectos e situações* (Damásio, 2003b). Damásio (2003a) refere emoções sociais que incluem a simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração e o espanto, a indignação e o desprezo. Reacções regulatórias e componentes das emoções primárias constituem-se como parte integrante, em diversas combinações, das emoções sociais. É possível, verificar o encaixe de componentes mais simples, quando, por exemplo, o desprezo faz uso das expressões faciais de nojo, uma emoção primária, que passa por um processo evolutivo em associação com a rejeição automática e benéfica de alimentos potencialmente tóxicos. O mesmo se verifica quando utilizamos palavras para descrever situações de desprezo e indignação moral – utilizamos termos como enojados ou desgostosos em relação a determinadas situações sociais. Embora possamos pensar que estas emoções apenas se manifestam nos seres humanos, o autor demonstra que as emoções sociais também se encontram nos animais. Este facto indica que a disposição que permite uma emoção social está intimamente impressa no cérebro destes organismos, com a prontidão para ser utilizada quando chega a devida altura. Segundo Damásio (2003a) em certos casos as emoções são, de facto, inteiramente inatas, noutros casos requerem um nível mínimo de exposição apropriada ao ambiente.

O processo das emoções secundárias requer a transposição das estruturas do sistema límbico para abarcar os córtices pré-frontais e somatossensoriais. Na sua hipotética experiência de emoção, muitas partes do corpo sofrem uma alteração no seu estado através da introdução de mudanças significativas. Um observador externo pode facilmente perceber muitas das alterações do estado do corpo (por exemplo, ao nível da cor da pele, postura corporal, expressão facial). Por outro lado, existem outras alterações do estado do corpo que só são percebidas pelo indivíduo no qual essas alterações ocorrem (Damásio, 2003b).

As emoções de fundo não são especialmente proeminentes mas são igualmente importantes. A identificação de emoções de fundo depende de manifestações subtis. Estas manifestações podem ser o perfil dos movimentos dos membros ou do corpo inteiro, bem como expressões faciais. As emoções de fundo podem ser vistas como resultado de combinações de reacções regulatórias simples

(Damásio, 2003a). Para ilustrar a questão das emoções de fundo o autor recorre ao exemplo de situações em que sentimos que uma pessoa está “tensa” ou “irritável”, “desanimada” ou “entusiasmada”, sem que tenha sido mencionada qualquer palavra para traduzir qualquer destes possíveis estados. O que estamos a detectar são emoções de fundo. Os indutores destas emoções são, habitualmente, internos e este tipo de emoção permite-nos ter sentimentos de fundo de tensão ou calma, de fadiga ou energia, de bem-estar ou mal-estar, entre outros (Damásio, 200).

Todos os fenómenos referidos anteriormente estão relacionados, directa ou indirectamente com a saúde do organismo. Todos eles estão associados a correcções adaptativas do estado do corpo e levam eventualmente a alterações no mapeamento dos estados do corpo. As situações que levam ao início das respostas adaptativas e a finalidade específica dessas respostas varia. A fome e a sede, por exemplo, são apetites simples. Reflectem as necessidades do corpo, ou seja, o objecto que as causa é geralmente interno. As emoções são geralmente reacções a algo exterior ao corpo (Damásio, 2003a; Kalat & Shiota, 2007). Outra diferença entre apetites e emoções é que as últimas tendem a enfraquecer com o passar do tempo, às vezes muito rapidamente (Robinson & Clore, 2002), enquanto os apetites persistem até alcançarem o seu objectivo. Damásio (2003a) menciona a interacção que ocorre entre as diferentes classes de reacção regulatória. Neste sentido, as emoções propriamente ditas influenciam os apetites e estes influenciam as emoções. Por exemplo, o medo produz uma acção inibitória na fome e na actividade sexual. Contrariamente, a alegria promove a fome e o sexo.

1.1.3.Cultura e Emoção

Os estudos interculturais das emoções dividem-se em duas vertentes principais: uma que tem um carácter universal e que preconiza que existem emoções fundamentais que ocorrem em todos os seres humanos e outra mais relativista que defende que as emoções são específicas das culturas em que ocorrem (Oatley & Jenkins, 1998). A primeira perspectiva está associada à ideia das emoções “básicas” que deveriam ocorrer em todas as pessoas. A segunda coloca a ênfase na construção social das emoções, no modo como cada sociedade cria modos culturais específicos de pensar, experienciar e expressar as emoções. No entanto, existe uma perspectiva que visa resolver esta contradição e que defende que alguns aspectos da emoção são inatos e universais, enquanto outros são socialmente construídos de diferentes formas por diferentes culturas (Kalat & Shiota, 2007). Ekman (1972, *cit. por* Oatley & Jenkins,

1998) na sua teoria neurocultural segue esta perspectiva, fazendo alusão a um factor universal e biológico, um pequeno conjunto de emoções fundamentais, como a felicidade e a ira, que são naturalmente expressas em programas motores que incluem sorrisos, o franzir do sobrolho e assim sucessivamente. Um outro factor é específico das culturas, um conjunto de regras de manifestação reguladoras de quando e onde cada expressão deve ser intensificada, suprimida, neutralizada ou disfarçada.

Oatley e Jenkins (1998) concluíram que apesar de existirem diferenças significativas na vida emocional em diferentes culturas e embora em distintas culturas algumas emoções sejam hiper-reconhecidas enquanto outras são hipo-reconhecidas, os aspectos emocionais comuns entre os povos são maiores do que as diferenças. São os pontos comuns interculturais que permitem o entendimento emocional entre pessoas de diferentes sociedades.

Lazarus (1991) apoia-se nos aspectos biológicos e culturais da emoção, no entanto considera-os insuficientes. A par dessa questão argumenta que a cultura pode afectar a emoção de quatro formas diferentes: através do modo como o indivíduo percebe os estímulos emocionais; por alteração directa da expressão emocional; ao ser determinante nas relações sociais e juízos críticos; e através de um comportamento altamente ritualizado (por exemplo, o luto).

Neto (2002) refere que existem vários estudos (Ekman & Friesen, 1971 *cit. por* Neto, 2002) que evidenciam a universalidade das expressões faciais da emoção. Estes estudos demonstram que um pequeno conjunto de emoções (felicidade, tristeza, aversão, ira, surpresa e medo) é expresso e reconhecido universalmente independentemente da cultura. No entanto, as culturas diferem nas regras que dirigem o modo como estas emoções universais podem ser expressas. *“As expressões faciais da emoção são influenciadas por factores universais, biológicos e inatos, e por factores culturalmente específicos”* (Neto, 2002, p. 109).

Baseados em estudos prévios acerca das diferenças culturais na complexidade emocional (experiência de emoções positivas e negativas em resposta ao mesmo evento), Shiota, *et. al.*, (2010) desenvolveram um estudo no qual, “americo-asiáticos” e “americo-europeus” experienciaram uma emoção positiva particular – amor – e uma emoção negativa situacional, durante conversas estruturadas em laboratório com o seu parceiro romântico. Os participantes “américo-asiáticos” referiram mais facilmente ambos, o amor e a emoção negativa, enquanto os “américo-europeus” referiram sentir ou amor ou a emoção negativa, durante as interacções.

Num estudo de Wang (2003), no qual participaram crianças (entre os 3 e os 6 anos) mães e outros adultos chineses e americanos, foi-lhes pedido que identificassem em 20 pequenas histórias a emoção do protagonista, da sua idade, género e etnia. Foram seleccionadas faces representando diferentes emoções e foi utilizada uma escala para medir a intensidade das mesmas. As crianças americanas demonstraram um melhor entendimento global das situações emocionais em comparação com os seus pares chineses, principalmente nas emoções negativas. Tanto as crianças como os adultos americanos deram valores mais altos aos estados sentimentais dos protagonistas do que os indivíduos chineses. Em ambas as culturas, crianças e adultos, perceberam diferentes emoções em situações específicas. Estas diferenças culturais podem estar associadas às diferentes práticas de socialização utilizadas pelas famílias nas duas culturas. No entanto, adultos chineses e americanos perceberam as mesmas emoções na maioria das situações das histórias, o que reflecte a existência de protótipos comuns de emoções através das culturas.

1.2. Emoções e Sentimentos

“Não é raro verificar-se alguma confusão terminológica entre sentimentos e emoções, dois termos que podem significar processos relacionados, mas distintos, e que são frequentemente usados de forma equivalente” (Melo, 2005, p.12).

Existe uma continuidade entre emoções e sentimentos e é difícil delimitar fronteiras entre ambos. No entanto, é habitual que a emoção seja distinguida do sentimento pelas suas características de curta duração e maior intensidade (Slepoj,1998). De acordo com Frijda (2008), enquanto as emoções têm uma duração limitada, os sentimentos podem persistir ao longo da vida. No entanto, emoções e sentimentos têm a mesma estrutura. Ambos podem ser caracterizados por um objecto, a sua avaliação e uma propensão particular para agir em relação a esse objecto – uma propensão latente e disposicional no caso dos sentimentos e uma propensão acentuada no caso das emoções.

Procurando fazer a distinção entre sentimentos e emoções, Damásio (2003a) define emoções como *“acções ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz, ou em comportamentos específicos”* (p. 44). Alguns desses comportamentos podem só ser visíveis através de sondas científicas modernas, como é o caso da determinação de níveis hormonais sanguíneos. Contrariamente, os sentimentos não são visíveis para o público, tal como acontece com as outras imagens mentais. *“As emoções desenrolam-se no teatro do corpo. Os sentimentos desenrolam-*

se no teatro da mente” (p.44). Enquanto as emoções fazem parte dos mecanismos de regulação da vida, os sentimentos contribuem para essa mesma regulação mas a um nível superior. As emoções e os sentimentos encontram-se intimamente relacionados, no entanto, através de métodos científicos modernos é possível examinar objectivamente os comportamentos que perfazem uma emoção e, dessa forma, estudar a base dos processos do sentimento. O autor chama a atenção para a falsa crença de que os sentimentos ocorrem primeiro e se exprimem em emoções. Na sua óptica esta visão é incorrecta porque na evolução biológica, as emoções vieram em primeiro lugar, na frente dos sentimentos. (Damásio, 2003a)

“É através dos sentimentos, que são dirigidos para o interior e são privados, que as emoções, que são dirigidas para o exterior e são públicas, iniciam o seu impacto na mente”. O termo sentimento encontra-se associado à experiência mental e privada de uma emoção, por sua vez, o termo emoção é utilizado para designar o conjunto de respostas que constitui uma emoção e que muitas vezes são publicamente observáveis. O indivíduo não pode observar um sentimento noutro indivíduo, contudo pode observá-lo em si próprio quando tem percepção dos seus próprios estados emocionais (Damásio, 2000)

Neste processo a consciência também assume o seu papel permitindo que os sentimentos se tornem conhecidos do indivíduo que os experimenta. Porém, o autor refere que não estamos conscientes de todos os nossos sentimentos. Para clarificar esta questão Damásio faz a distinção entre três fases ao longo de um contínuo: o *estado de emoção*, que pode ser desencadeado e executado de forma não consciente; o *estado de sentimento*, que será representado de forma não consciente; e o *estado de sentimento tornado consciente*, ou seja, que é conhecido pelo organismo. Deste modo o papel da consciência permite que os sentimentos tenham influência no sujeito que os tem, para além do aqui e agora imediato. “Sentir” os sentimentos facilita o planeamento de formas de resposta adaptativas, originais e adequadas às situações (Damásio, 2000).

Damásio (2000) refere ainda que os mecanismos básicos subjacentes à emoção não requerem consciência, embora a possam eventualmente utilizar. Podem ocorrer demonstrações emocionais sem que o indivíduo esteja consciente do indutor da emoção ou dos passos intermédios que aí conduziram. Podemos encontrar num estado de tristeza ou de alegria e não sermos capazes de explicar porque nos encontramos nesse estado. As representações quer do interior, quer do exterior, que

induzem emoções e levam a subseqüentes sentimentos podem ocorrer fora do domínio da consciência, levando do mesmo modo à indução de respostas emocionais

1.3. Desenvolvimento Emocional

Estudar a emoção numa óptica essencialmente desenvolvimentista acarreta um conjunto especial de considerações, nomeadamente, que a emoção tem de ser encarada do ponto de vista da mudança e preferencialmente através da mudança ocorrida durante a vida inteira (Strongman, 2004). De acordo com a teoria de Izard e Malatesta (1987) as emoções são consideradas como principais motores do desenvolvimento. Esta teoria baseia-se no pressuposto de que as emoções são um sistema independente, inter-relacionado com a manutenção da vida e com os sistemas de comportamento e cognitivos. Para estes autores o desenvolvimento da personalidade está intimamente ligado ao percurso do desenvolvimento emocional. A relação de proximidade entre emoção e personalidade deriva das propriedades inatas e motivacionais das emoções diferenciadas (Abe & Izard, 1999). Também Lazarus (1991) na sua teoria da emoção faz referência ao *princípio do desenvolvimento*, teorizando que a emoção se vai modificando ao longo da vida, desde o nascimento até à idade adulta. Na perspectiva do autor, esta mudança é determinada por variáveis biológicas e sociais.

Michael Lewis é um dos autores que recusa o carácter inato das emoções destacando, ao invés, os processos desenvolvimentais e a relação entre a diferenciação progressiva dos estados emocionais com a maturação dos sistemas neurológicos, o desenvolvimento cognitivo e com os processos de socialização (Strongman, 2004). De acordo com o autor, ao falarmos de emoções temos que nos referir a um conjunto complexo de acontecimentos desencadeadores, comportamentos, estados e experiências (Lewis, 2008).

Para Lewis (2008), os desencadeadores das emoções são os estímulos internos e externos que são dotados da capacidade de dar origem a mudanças no estado do organismo e, apesar de não negar o desempenho de processos automáticos, o autor dá ênfase ao papel da aprendizagem neste processo. Por seu lado, os estados emocionais são apresentados como constelações de mudanças na actividade somática e/ou neurofisiológica, sendo despoletados prioritariamente por processos cognitivos. Nesta óptica, os estados emocionais desenvolvem-se ao longo da vida, partindo de uma condição de relativa indiferenciação e de dois estados base (positivo ou negativo), diferenciando-se progressivamente com base na actividade

emocional, e deste modo, nas experiências do indivíduo. O autor dá ênfase à experiência emocional e à interpretação e avaliação pelo indivíduo dos seus estados emocionais e expressões percebidas. Segundo Lewis (2008) esta avaliação é fortemente dependente do sentido de self construído e dos processos de socialização.

Embora não seja, em sentido estrito uma teoria da emoção, a teoria da vinculação de Bowlby (1969, 1973, 1980) dá ênfase à influência da emoção no desenvolvimento das relações sociais e da personalidade. É uma teoria do desenvolvimento social que se alicerça nos aspectos emocionais entre a criança e os seus prestadores de cuidados. Realça o papel relacional e adaptativo das emoções na procura de segurança e na luta pela sobrevivência do indivíduo. Para além disso, salienta a função da expressão emocional como mecanismo de regulação das relações entre o prestador de cuidados e o bebé, bem como o seu papel na consequente construção do self e no ajustamento do indivíduo. Deste modo, é de extrema importância para a compreensão do desenvolvimento emocional e surge para alguns autores associada às principais funções das emoções (Luzes, 2004). Apesar de não referirem que as emoções isoladas estão presentes desde o nascimento, os teóricos da vinculação, apontam para a existência de uma determinada tipologia de comportamentos inatos que visam provocar certos tipos de resposta por parte daqueles que dispensam cuidados.

De acordo com Brazelton (2002) *as relações emocionais afectivas são as bases primárias mais importantes para o desenvolvimento intelectual e social (p. 28)*. As emoções permitem que as crianças focalizem a sua atenção e organizem os seus pensamentos de um modo adaptativo às suas necessidades (LeDoux, 1996). À medida que crescem e se desenvolvem as crianças aprendem a organizar as suas emoções (Hansen & Zamba, 2007).

Nos recém-nascidos a sua primeira expressão emocional é o choro, que nos transmite apenas um tipo de emoção – angústia. Dois ou três meses depois começam a sorrir. Ao longo da sucessão dos meses e depois dos anos, gradualmente, as crianças desenvolvem um vasto conjunto de expressões emocionais. O que acontece para que essa mudança ocorra? Kalat e Shiota (2007) propõem algumas hipóteses. A primeira remete para a ideia de que os recém-nascidos possuem uma série de emoções básicas ou pelo menos o potencial para as mesmas. Por esta razão os recém-nascidos não manifestam raiva, por um lado, porque lhes falta a capacidade cognitiva para sentir “culpa” e por outro, porque lhes falta a capacidade motora para fazer uma expressão de raiva. A segunda hipótese é que a angústia dos recém-

nascidos seja uma mistura de raiva, medo, tristeza e desgosto. À medida que a criança se desenvolve estas emoções vão-se separando umas das outras. A terceira hipótese é a de que algumas emoções, simplesmente ainda não existem no nascimento. As capacidades para manifestar raiva, ou desgosto desenvolvem-se mais tarde, de acordo com a maturação do cérebro, a aprendizagem ou a combinação de ambos. Presumivelmente, as diferentes emoções surgem na idade em que se começam a tornar necessárias. Pessoas que defendam que as emoções são socialmente construídas podem encontrar suporte na perspectiva de que as crianças não nascem com emoções específicas. No entanto, se aceitarem a ideia das emoções básicas, diferenciais, terão de tentar explicar porque é que os recém-nascidos não as manifestam (Kalat & Shiota, 2007).

A Teoria das Emoções Diferenciais surge aplicada à investigação sobre o desenvolvimento das emoções nas crianças. De acordo com esta teoria, apesar de todas as emoções manterem as suas funções adaptativas e motivacionais ao longo do “lifespan”, diferentes grupos de emoções podem tornar-se mais proeminentes em diferentes estádios da vida no processo de desenvolvimento. As emoções têm um papel central na estimulação das aquisições cognitivas e sociais em cada estágio de desenvolvimento. Os poucos dados teóricos acerca das funções de desenvolvimento das emoções centram-se num único período, a infância. Para além disso, dão a impressão de que, apesar do desenvolvimento emocional depender do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento cognitivo ocorre independentemente das experiências emocionais individuais no mundo social (Abe & Izard, 1999).

Segundo a Teoria das Emoções Diferenciais, apesar de pré-adaptadas, as emoções, como qualquer outro sistema biopsicológico, estão sujeitas às influências do ambiente e à experiência. Os maiores marcos de desenvolvimento não emergem como buracos em idades particulares, simplesmente como consequência de aquisições cognitivas, emergem antes, gradualmente através de interações sociais e envolvem a interação dos sistemas emocional e cognitivo. Estes sistemas influenciam-se reciprocamente para ajudar o indivíduo a adaptar-se às mudanças e exigências do ambiente social (Abe & Izard, 1999).

1.3.1. Desenvolvimento Emocional na Infância

Abe e Izard (1999) referem que mais de 95% das expressões faciais apresentadas pelos bebés parecem ser de alegria, tristeza e raiva. Cada uma destas emoções desempenha funções adaptativas ao longo da vida, mas a sua proeminência

na infância tem um significado especial para o desenvolvimento precoce, pois permite alcançar uma das tarefas do desenvolvimento mais importante desta idade: a construção de relações de vinculação. Outra tarefa característica da infância é a emergência de comportamentos sociais de referência. Pelo final do primeiro ano de vida, as expressões emocionais dos adultos constituem-se como uma importante fonte de informação que permite às crianças interpretar situações ambíguas e monitorizar o seu comportamento. Através da observação das reacções emocionais dos prestadores de cuidados nas diferentes situações, as crianças conseguem inferir como devem pensar, sentir e comportar-se (Abe & Izard,1999).

1.3.2. Desenvolvimento emocional dos 2 aos 5 anos

De acordo com a TED (Teoria das Emoções Diferenciais), durante este período, a capacidade da criança para equilibrar as influências da raiva, vergonha, culpa e empatia, representa uma significativa tarefa de desenvolvimento. A interacção do poder motivacional da raiva, vergonha e culpa influencia significativamente os esforços da criança em dar pequenos passos no desenvolvimento da consciência e do self autónomo. O aparecimento dramático das confrontações emocionais pode estimular a compreensão da criança acerca de si próprio, dos outros e do mundo social (Abe & Izard,1999). De um modo geral a capacidade de compreender e empatizar com os outros é atribuída às aquisições cognitivas, no entanto, a TED defende que as experiências emocionais das crianças no mundo social detêm um papel igualmente importante no desenvolvimento desses processos “afectivo-cognitivos“. Uma outra forma através da qual as experiências emocionais contribuem para a diferenciação entre a criança e o outro é através da estimulação de representações emocionais e discurso acerca da emoção (Abe & Izard, 1999).

Do ponto de vista da TED, a compreensão moral das crianças nestas idades desenvolve-se gradualmente através de interacções sócio emocionais que envolvem a interacção dos sistemas emocional e cognitivo. Neste sentido, uma das principais tarefas de desenvolvimento desta etapa, prende-se com o aumento da sensibilidade para padrões morais e regras sociais (Abe & Izard,1999).

Outra das tarefas de desenvolvimento dos anos pré-escolares é a emergência de formas rudimentares de emoções auto-avaliativas como a vergonha, a culpa e o orgulho. Cada uma destas emoções tem um papel fundamental no desenvolvimento devido às suas funções adaptativas. No entanto, durante este período, estas emoções

ainda não estão totalmente internalizadas e são mais facilmente exibidas quando alguém está presente para observar o comportamento.

Quando frequentam o ensino pré-escolar uma das tarefas de desenvolvimento mais importantes das crianças é desenvolver e manter relações positivas com os pares. Neste sentido, a competência emocional é uma ferramenta fundamental que lhes permite desenvolver relações assentes em competências específicas como a escuta, a cooperação, a ajuda e a negociação (Denham, 2007).

Outro dos elementos chave da competência emocional é a expressão emocional ou o envio de mensagens efectivas. Estas emoções devem ser expressas de acordo com os objectivos da criança e em concordância com o contexto social. Durante o período pré-escolar as crianças conseguem expressar todas as “emoções básicas” como a felicidade, a tristeza, a raiva, o medo, a surpresa e o interesse.

1.3.3. Desenvolvimento emocional dos 6 aos 12 anos

Uma das tarefas de desenvolvimento características deste período prende-se com a habilidade da criança para se ajustar em comparações sociais. Segundo o ponto de vista da TED, as experiências emocionais da criança no ambiente social desempenham um papel importante no desenvolvimento desta habilidade. Durante o final da infância, as crianças passam mais tempo na companhia dos seus pares e recebem feedback acerca das suas capacidades e características, tanto destes como dos professores. Este é também um período importante para o desenvolvimento do auto-conceito e da percepção de competência social. A emergência de emoções sociais facilita este processo de comparação social e as experiências afectivas contribuem significativamente para a criação de uma imagem de si mesmo (Abe & Izard, 1999; Denham, 2007).

Nesta fase emergem também capacidades de carácter social, nomeadamente a capacidade de compreender os pensamentos e sentimentos das pessoas e a capacidade de auto-avaliar emoções como a vergonha, a culpa e o orgulho. Ao contrário do período anterior, as crianças começam agora a sentir emoções auto-avaliativas ou sociais mesmo na ausência dos pais. As interacções sociais, especialmente com os pares têm um importante papel no desenvolvimento destas capacidades (Abe & Izard, 1999). De facto, as transições emocionais e sociais estão intimamente interligadas e essa interligação tende a acentuar-se ao longo do desenvolvimento. Por exemplo, no caso da expressão emocional, a criança aprende a expressar as suas emoções de acordo com quem e com a situação na qual está a

interagir. A compreensão das emoções torna-se proeminente no sucesso pessoal e pessoal. A criança que compreende as emoções dos outros também deve interagir com mais sucesso com um amigo que se chateia com ele ou com outra pessoa e pode ser mais empático quando um dos colegas se magoa no recreio. Falar com os pares acerca das suas próprias emoções pode ajudar a negociar em disputas com os amigos. (Denham, 2007).

1.3.4. Desenvolvimento Emocional na Adolescência

A adolescência é caracterizada por mudanças ao nível biológico, social e cognitivo. Durante este período, os adolescentes adoptam diversos conjuntos de papéis sociais e demonstram evoluções ao nível do pensamento abstracto (Colton & Gore, 1991).

Muitas pessoas caracterizam este período da vida como uma fase muito tumultuosa a nível emocional. Principalmente os pais de adolescentes vêm a adolescência como um período emocionalmente difícil, pois várias vezes aumentam os confrontos com os filhos adolescentes (Kalat & Shiota, 2007). No entanto, os estudos nesta área, sugerem que este tumulto emocional pode ser limitado a tipos específicos de emoções, podem ter mais impacto numas relações do que noutras e é definitivamente mais dramático para alguns indivíduos do que para outros. Muitos adolescentes vivem a adolescência sem maior stress ou conflitos extremos, apesar de ser comum um aumento moderado das emoções negativas (Arnett, 1999). Durante este período as emoções tornam-se mais negativas em casa, mas mais positivas com os amigos e em actividades fora do contexto familiar (Larson & Richards, 1991 *cit. por* Kalat & Shiota, 2007).

Capítulo 2 – Amizade, Amor e Paixão

A amizade é baseada na confiança e edifica-se aos poucos através da experiência. Por outro lado, o amor nasce de uma atracção misteriosa. A amizade é sinónimo de segurança, o amor, de risco. Não poderás ficar amigo de uma pessoa que não é tua amiga, enquanto que podes apaixonar-te por uma pessoa que não te corresponde. (Alberoni, 2008, p. 44).

De acordo com Alberoni (2008) o tempo da amizade é *granular*, enquanto que o tempo do enamoramento é *denso* e *contínuo*. Esta distinção refere-se ao facto de, na amizade, mesmo que estejamos muito tempo sem ver um amigo, quando o

reencontramos é como se não estivéssemos estado separados e não temos necessidade de saber tudo aquilo que ele viveu durante o tempo em que não estivemos juntos. Já no que diz respeito ao nosso namorado, queremos saber tudo o que ele viveu e fez durante o período de tempo em que esteve afastado e queremos que esses períodos sejam mínimos.

a) Amizade

Amigos não são mãe, pai ou irmãos. Amizades são algo que criamos, fazemos e mantemos para nós próprios. Fazer um amigo é um acto criativo, um projecto criativo de dar e receber em simultâneo. As amizades podem ser breves - duas crianças ficam amigas durante uma viagem – ou podem durar uma vida inteira. Amizades podem ser intensas, para chorar sobre, ou podem ser como velhos sapatos, confortáveis e perfeitamente adaptadas (Borenstein, 1996, p. 213).

A amizade pode ser descrita como um sentimento complexo, no qual se cruzam diferentes emoções e onde os encontros e os intercâmbios ocorrem quer por motivações afectivas, quer por via racional. A sua origem remete para a uniformidade de interesses, de um projecto, de uma experiência, e flui através do confronto de opiniões, emoções, bem como da comunicação de acontecimentos pessoais, mesmo os mais íntimos. Isto pressupõe a confiança que leva ao abandono das defesas que habitualmente utilizamos para nossa protecção (Slepoj, 1998).

Subjacente à amizade está a aceitação e a compreensão do outro, na sua realidade. Por sua vez, a aceitação implica a ajuda mútua. Recorremos aos amigos nos momentos em que precisamos, quer sejam momentos de sucesso ou dificuldade, uma vez que sabemos que seremos sempre aceites, mesmo que não sejamos perfeitos. Prevalece a tranquilidade de poder contar sempre com o outro, mesmo em circunstâncias menos favoráveis. Na amizade encontra-se a partilha dos altos e baixos da vida e a ausência de reprovações mútuas ou desilusões recíprocas. “*A amizade exige investimento e dedicação, também gratuita*” (Slepoj, 1998, p.31).

Segundo vários autores (Neto, 2002; Dreher, 2009) a amizade é universal, independentemente da idade, do sexo, da classe social ou cultura. Amigos são descritos como pessoas de quem gostamos e com quem gostamos de fazer coisas.

“Os amigos ajudam livremente nos momentos de necessidade; confiam e respeitam-se mutuamente, e partilham confidências, muito embora respeitando a privacidade da outra pessoa. Não se criticam uns aos outros em público e não

tolerarão que as outras pessoas sejam desagradáveis acerca de amigos que não estejam presentes para se defender” (Neto, 2002, p. 156).

Estudos recentes sugerem que relações próximas de amizade contribuem para a felicidade, acima e para além da influência da personalidade de cada um (Demir & Weitekamp, 2007). De acordo com este estudo, o companheirismo e a aceitação são as características da amizade mais importantes na previsão da felicidade. Das características que Demir, Özdemir e Weitekamp (2007) utilizaram no seu estudo - companheirismo, ajuda, afeição, intimidade, confiança, segurança emocional e aceitação – o companheirismo foi também a característica da amizade com maior peso na previsão da felicidade.

As concepções de amizade reflectem expectativas, valores e crenças que os indivíduos têm acerca daquilo que significa ser amigo (McDougall & Hymel, 2007). O estabelecimento de relações de amizade com os pares constitui uma das maiores tarefas de desenvolvimento da infância e da adolescência (Poulin & Chan, 2010). Estudos realizados acerca das alterações das concepções de amizade, em função do desenvolvimento, apresentam aspectos comuns: as crianças mais novas (6-8 anos) dão ênfase às actividades em comum e à proximidade, como importantes características da amizade. Com o aumento da idade (9-10 anos) e ênfase é colocada nos interesses comuns e na reciprocidade (ex.ajuda) evoluindo para conceitos mais abstractos como aceitação, lealdade, compromisso, genuidade, e finalmente, intimidade (mais de 11 anos de idade) (McDougall & Hymel, 2007).

Ao longo do desenvolvimento a amizade manifesta-se de diferentes formas. Até ao período pré-escolar, as crianças podem brincar umas com as outras, mas só por volta dos 3 anos é que começam a ter amigos (habitualmente do mesmo sexo) (Papalia *et. al.*, 2001; Slepj, 1998). No período pré-escolar, as crianças mostram-se exigentes em relação aos companheiros. Habitualmente gostam de brincar com crianças do mesmo sexo e são selectivas acerca de quais as crianças (de qualquer dos sexos) com quem brincar. Neste sentido, tendem a passar mais tempo com as crianças com as quais tiveram experiências positivas anteriormente. As amizades permitem que as crianças mais novas aprendam a relacionar-se com os outros (Papalia *et. al.*, 2001). Aprendam que “ser amigo é a melhor maneira de ter um amigo” (Papalia *et. al.*, 2001, pp. 384). Permite-lhes aprender a resolver os problemas que surgem nas relações, a colocar-se no lugar do outro e observar modelos de diferentes tipos de comportamento. Para além disso são um meio de aprendizagem de valores morais e normas relativas ao papel sexual e prática de papéis adultos (Papalia *et. al.*,

2001). “A amizade começa com uma escolha. Um amigo é alguém por quem a criança sente afecto, com quem se sente à vontade, com quem gosta de fazer coisas e com quem pode partilhar sentimentos e segredos” (Papalia et. al., 2001, p. 488). Nesta fase o brincar e a partilha dos brinquedos assumem um papel fundamental no desenvolvimento da amizade. A ganância e a possessão são gradualmente substituídas pela capacidade e desejo de partilha. A capacidade das crianças para utilizarem os brinquedos, brincando, negociando e partilhando, é um pano de fundo para a amizade. O brinquedo torna-se uma linguagem comum que ajuda as crianças a comunicar e a conhecerem-se umas às outras. Nas brincadeiras das crianças de quatro, cinco anos, os brinquedos são os instrumentos, o foco da actividade entre os amigos (Borenstein, 1996). Os conceitos de amizade das crianças e os modos como interagem com os amigos vão-se alterando com a idade, reflectindo o desenvolvimento cognitivo e emocional (Papalia et. al., 2001).

No período que precede a adolescência a amizade é dual, rapazes/raparigas do mesmo sexo que partilham interesses e regras de jogo semelhantes. No decorrer da puberdade, esse carácter dual altera-se para se estender ao grupo de pares. É nesse contexto que, frequentemente, se encontra a figura do melhor amigo, com o qual se estabelece uma relação privilegiada e exclusiva, e que é com frequência idealizada. Nesta fase, é frequente que as relações entre amigos tenham uma conotação, mais ou menos manifesta, de valências sexuais, motivadas pela necessidade de exploração de um campo desconhecido e da partilha de novos conhecimentos e experiências (Slepoj, 1998). Na transição da puberdade para a adolescência, vivencia-se a expansão ao grupo misto e dá-se o confronto com o sexo oposto, o que frequentemente dá origem a importantes amizades pela aceitação das “diferenças” (McDougall & Hymel, 2007; Slepoj, 1998). Apesar de no início da adolescência os jovens preferirem pares do mesmo sexo, a importância dos pares do sexo oposto vai aumentando ao longo do tempo. Por exemplo, a frequência de adolescentes que tem um melhor amigo do sexo oposto aumenta significativamente do 8º para o 11º ano (Arndorfer & Stormshak, 2008).

Durante a pré-adolescência, conceitos como o respeito mútuo, a igualdade e a reciprocidade tornam-se centrais nas amizades próximas. Uma vez adquiridos entre amigos, estes conceitos podem estender-se a outros relacionamentos (Rubin, Fredstrom & Bowker, 2008). É provável que na adolescência a intensidade e a importância das amizades seja maior do que em qualquer outro período do ciclo de vida. Mais do que nos pais, é nos amigos que os adolescentes se começam a apoiar e

com os quais têm mais intimidade. Nesta etapa de desenvolvimento, a lealdade e a partilha entre amigos assumem um papel mais relevante do que o assumido anteriormente. Uma vez que a intimidade, a lealdade e a partilha são características das amizades adultas, o seu aparecimento na adolescência pode traduzir a transição para as relações de tipo adulto (Berndt & Perry, 1990; Buhrmester, 1996; Laursen, 1996). Na adolescência há uma intimidade crescente da amizade e os adolescentes partilham com os amigos os seus sentimentos e pensamentos íntimos. O desenvolvimento cognitivo e emocional permite-lhes considerar o ponto de visto do outro e mais facilmente compreender os pensamentos e sentimentos do amigo (Papalia *et al.*, 2001). A amizade na adolescência requer competências sociais diferentes do que a amizade no período pré-escolar e escolar. Uma vez que o discurso assume um papel mais proeminente, os adolescentes precisam de iniciar e manter conversas; precisam de saber como procurar amigos, fazer telefonemas e planos; precisam lidar com conflitos e desacordos; precisam saber como e quando partilhar confidências e como e quando oferecer apoio emocional. As amizades são um campo no qual podem desenvolver estas competências, utilizando-as e recebendo feedback da sua eficácia (Buhrmester, 1996). Interações que ocorrem mais frequentemente entre amigos, são mais influenciáveis e facilitadoras do desenvolvimento do que interações que ocorram entre “não-amigos” (Miell & MacDonald, 2000).

Inicialmente informais, caracterizados por jovens do mesmo bairro ou da mesma turma e do mesmo sexo, os grupos estruturam-se desde os 10 anos e revelam amizades que serão duradouras no futuro. Por volta dos 10/12 anos, as relações de amizade entre os jovens baseiam-se mais sobre as actividades e os jogos do que sobre as relações em si ou sobre os sentimentos. Por volta dos 13/15 anos, prevalece um afecto de confiança recíproca. Os adolescentes esperam dos amigos, qualidades como a sinceridade, a lealdade e a confiança. Receiam a rejeição e a traição. Por volta dos 17/18 anos, a tónica é colocada sobre a procura de experiências comuns e a partilha de interesses. Verifica-se um aumento de tolerância e o esbatimento do receio de ser traído (Coslin, 2002). De Goede, Branje e Meeus (2009) realizaram um estudo longitudinal com adolescentes, dos 12 aos 20 anos, e constataram que na adolescência, a amizade se torna cada vez mais positiva e com uma grande vertente de apoio, desenvolvendo-se no sentido de uma maior reciprocidade, tanto para as raparigas como para os rapazes.

A importância do papel da amizade reflectiu-se no estudo de Kretschmer e Pike (2010) que procurou examinar a associação entre as experiências de amizade na

adolescência e as aspirações de auto-aceitação, filiação e sucesso financeiros em irmãos gémeos. Os resultados demonstraram que a auto-aceitação e a filiação estavam positivamente ligadas à amizade, bem como às características do melhor amigo dos adolescentes. As diferenças entre os irmãos gémeos apontam para o impacto das experiências extra-familiares, nomeadamente para o impacto da amizade na adolescência e do meio social. Também Larsen *et al.*, (2007) na sua pesquisa acerca do papel moderador da amizade na percepção de adolescentes sobre conflitos interparentais e problemas de adaptação, verificaram que amizades de baixa qualidade (low friendship quality) são um factor de risco, no agravamento do efeito dos conflitos interparentais na ansiedade e, no caso dos rapazes, na agressividade. Diferentes pesquisas demonstraram que a amizade pode servir como um factor protector para algumas crianças que vivenciam dificuldades com os pares na escola e com os pais na família (Rubin, Fredstrom & Bowker, 2008). No estudo de De Goede *et al.*, (2009) verificou-se que as percepções dos adolescentes acerca das relações com os pais se generalizava para as percepções das relações com os amigos e as competências relacionais e princípios das amizades na adolescência se generalizavam nas relações com os pais. No entanto, os resultados indicam que a influência dos pais diminuía, enquanto a influência dos amigos aumentava e que ambos os mundos sociais se tornavam igualmente importantes e se sobrepunham no final da adolescência. Outros estudos mostraram correlações positivas entre as representações sobre o suporte parental e as relações de amizade durante a adolescência. (Zimmermann, 2004). Hartup (1996) refere que as características das crianças em interacção com as relações familiares e passando pelas relações com os pares influenciam os resultados do desenvolvimento em dois sentidos: através da aceitação e rejeição por parte das outras crianças e através de relações diádicas, especialmente com os amigos.

b) Amor

O amor é uma emoção? Como já foi referido anteriormente, a maioria das teorias acerca das emoções identificam um conjunto relativamente pequeno de emoções “básicas”, que habitualmente incluem alegria, surpresa, raiva, tristeza e medo. O número de emoções “básicas” pode variar de teoria para teoria, bem como os critérios utilizados para decidir se uma emoção pertence ou não a esta categoria. A maioria dos teóricos que trabalha nesta área (ex. Ekman, Frijda, Izard, Oatley, e Johnson-Laird) não inclui o amor na sua lista de emoções “básicas”. Este facto leva a

que o amor seja muitas vezes ignorado na pesquisa na área das emoções (Shaver, Morgan & Wu, 1996). No entanto, se pedirmos a alguém para escrever uma lista de emoções, uma das respostas mais comuns é *amor*. Fehr e Russel (1984) pediram a 200 sujeitos canadianos para darem o maior número de exemplos que conseguissem dentro da categoria “emoção”. O top 6 das emoções referidas por, pelo menos 2 sujeitos foi: felicidade (152 pessoas), raiva (149), tristeza (136), amor (124), medo (96) e ódio (89).

Posteriormente, Beverly Fehr e James Russel (1991) utilizaram os 20 termos de emoção mais referidos no seu primeiro estudo e pediram aos sujeitos para avaliarem cada item numa escala de 1 a 6 de “ exemplo extremamente mau de emoção” a “exemplo extremamente bom de emoção”. Os sete termos considerados os melhores exemplos de emoção foram: amor (5.46), ódio (5.26), raiva (5.15), tristeza (5.04), felicidade (5.00), alegria (4.89) e medo (4.78). Ambos os estudos propõem que o amor pode ser visto como um protótipo de emoção. De acordo com Kalat e Shiota (2007) este estudo demonstra que protóticamente o amor é essencialmente experimentado no contexto dos relacionamentos próximos. O “amor protótipo” envolve um certo nível de compromisso com outra pessoa, uma boa vontade para dar, mesmo sob difíceis circunstâncias. O amor também inclui conhecer a pessoa tal como ela é, aceitá-la com os seus defeitos e qualidades.

Izard (2009) refere que o padrão de emoções de amor e apego pode ser considerado básico, no sentido em que é fundamental para a evolução humana, para o desenvolvimento normativo, para a mentalidade humana e para a adaptação efectiva.

Shaver, Morgan e Wu (1996) sugerem a distinção entre a forma momentânea de “aparecimento” do amor, uma emoção básica com propriedades similares à alegria, tristeza, medo, etc., e amor “relacional”, um laço que se desenvolve entre as pessoas, associado a estados que incluem não apenas o aparecimento do amor, mas muitas outras emoções como a angústia ou a ansiedade. Segundo Kalat e Shiota (2007) o amor pode ser uma experiência emocional sem ser “uma” emoção. Do mesmo modo o ódio é uma experiência emocional, mas é um misto de raiva e medo, não é apenas uma emoção. Para estes autores o amor romântico é demasiado complexo para reflectir uma única emoção, com uma base biológica e evolucionária. A abordagem anterior sugere que, se o amor é uma emoção ou conjunto de emoções, a sua função é construir e manter relacionamentos próximos. Quando se fala da função das

emoções, habitualmente referem-se as suas “funções interpessoais”. As emoções facilitam o desenvolvimento de relacionamentos entre as pessoas.

Lelord e André (2002) apontam para a inexistência de uma expressão facial característica do amor, pelo menos no que concerne à paixão amorosa. Se nos pedirem para imitar o rosto da cólera ou do medo, conseguiremos sem dificuldade realizá-lo. Mas tentar imitar o amor...A dificuldade em encontrar uma expressão facial e também a sua duração muito variável impedem que o amor se encontre incluído entre as emoções fundamentais. Este facto serve para realçar a sua complexidade, comparativamente às emoções primárias. “*O amor não é uma emoção, mas antes uma complexa mistura de emoções associadas a pensamentos particulares e uma tendência para querer aproximar-se do ser amado*” (Lelord & André, 2002, p. 259). Os autores observam que o amor é acompanhado de pensamentos que tendem a sobrevalorizar o parceiro e a descobrir-lhe todas as virtudes. Stendhal (2009) descreveu essa sequência de pensamentos e de emoções sob o nome de *crystalização*, que se caracteriza pela operação do espírito de descobrir novas perfeições relativas ao objecto amado. No amor temos tendência a idealizar o outro e por isso, tornamo-nos incapazes de tolerar os seus aspectos negativos. Identificamo-nos com o parceiro e desejamos que ele esteja sempre à altura das nossas expectativas, submetendo-o ao juízo, à prova, ao controlo (Slepoj, 1998).

De acordo com Lelord e André (2002) ao falarmos de amor temos que impreterivelmente abordar a questão do desejo sexual. Já que o amor não corresponde à definição estrita das emoções, o desejo sexual aproxima-se dela, desencadeando frequentemente uma reacção arrebatada, com manifestações físicas. Os mesmos autores fazem referência a três componentes do amor, fazendo a distinção entre o amor passional, emoção violenta misturada de desejo e o amor companheiro, repleto de ternura e afeição. O primeiro desenvolver-se-ia através da ligação do bebé com a mãe. Ambos partilham o desejo da presença do outro, a intolerância pela separação e um ciúme violento na presença de um(a) rival. O segundo seria semelhante à afeição dos pais pelos filhos, caracterizado pelo desejo de ternura e de tudo fazer pela felicidade do outro. Por fim, como terceira componente pode associar-se o compromisso, a decisão de tornar duradoura a relação e de realizar todos os esforços para protegê-la, apesar dos obstáculos ou das tentações exteriores. Por exemplo, Gonzaga *et al.*, (2008) procuraram estudar a relação entre o amor, o desejo sexual e a supressão de pensamentos acerca de possíveis alternativas românticas. Os resultados demonstraram que o amor parece induzir mecanismos

cognitivos associados à preservação da relação apoiando o compromisso com o parceiro.

Um outro aspecto abordado por Lelord e André (2002) prende-se com a questão do amor ser universal ou cultural. Na óptica dos autores se o amor passional é uma combinação de afeição e de desejo sexual, então só pode ser universal, pois estas duas componentes são inatas e indispensáveis à sobrevivência humana.

Segundo Slepj (1998, p.33) “*o amor é o mais completo e articulado dos sentimentos humanos, que se exprime em múltiplas formas e graus de intensidade, e compõe-se de toda uma gama de emoções, virado como é para objectos diversos, tais como um parceiro, um progenitor, um filho, ou ainda um ideal*”. O amor pode ser considerado como uma componente de qualquer relação afectiva. O seu carácter multifacetado permite que assuma diversas formas no decurso da existência (do amor simbiótico pela mãe ao amor adulto). Na psicanálise o amor é visto como o fruto das energias libidinais que são investidas pelo sujeito, quer sobre si próprio, de modo narcisista (normal ou patológico), quer sobre as pessoas com as quais se relaciona.

Ao longo do ciclo de vida experimentamos diversos modos de amar que derivam, particularmente, de diversas motivações biológicas. Na infância, a necessidade biológica de ser objecto de todos os cuidados vai dar lugar ao amor materno e filial; na idade adulta remete para a necessidade da satisfação sexual entre homem e mulher. Independentemente das diferentes manifestações de amor, existem algumas características que o definem de um modo constante: “*a exigência de permuta afectiva, solicitude recíproca, a tendência para a solidariedade, a partilha participada de experiência quotidiana*” (Slepj, 1998, p.34).

No modelo cores – do- amor de Lee (1973, *cit. por* Neto, s/d; 1973, *cit. por* Neto, 2002), o autor propõe uma tipologia de seis estilos de amor, que se subdividem em três estilos primários e três estilos secundários. Os primários incluem: Eros (paixão, amor romântico), Ludos (amor como um jogo) e Storge (amor baseado na amizade) e são comparados com as três cores primárias – o vermelho, o amarelo e o azul. Os secundários resultam de combinações de pares de estilos primários: Pragma (amor prático), Mania (amor dependente, possessivo) e Agape (amor altruísta). Assim Pragma é constituído por Storge e Ludos, sendo qualitativamente diferente de ambos os estilos primários. Da mesma forma Mania é composto por Eros e Ludos, mas as suas propriedades são distintas das destes. Por sua vez, Ágape é um composto de Eros e de Storge. Os estilos de amor de Lee tiveram na sua base uma extensa revisão

de literatura e principalmente, uma análise qualitativa de entrevistas intensivas com indivíduos de uma vasta amplitude de idades e de diferentes meios de origem.

Abordando separadamente cada estilo de amor, *Eros* remete para o indivíduo emocionalmente intenso que busca uma relação aberta, psicologicamente íntima e passionalmente expressiva. Neste caso, o amante erótico tem concepções claras acerca do tipo de pessoa que deseja para parceiro e luta por alcançar uma relação próxima e íntima quando encontra essa pessoa. *Storge* está associado a um tipo de amor serenamente desenvolvido sobre a amizade, que se caracteriza fundamentalmente por interesses partilhados e uma confiança e aceitação adquiridas ao longo do tempo. *Pragma* é o estilo de amor associado à posição e ao lugar de cada um na comunidade. O amante pragmático procura um parceiro adequado a estes elementos, procura semelhanças de interesses e de meio de origem que tornem o outro um bom parceiro de vida. *Ludos* personifica o amante que vive o amor como um jogo sofisticado. Este tipo de amante diverte-se tendo muitos parceiros e não está interessado em ter um compromisso profundo com uma pessoa. *Mania* remete para um envolvimento emocional intenso, associado à perda do outro e, conseqüentemente, caracterizado por sentimentos de ciúme, exclusividade e insegurança. *Agape* é o estilo de amor que se representa pela procura de identificação espiritual e emocional completa. O amante agápico é o menos egoísta e dispõe-se a fazer sacrifícios no sentido dos interesses do parceiro, podendo entrar em conflito a propósito da expressão sexual.

No seu estudo, Neto (s/d) propôs-se a analisar se os estilos de amor poderiam estar relacionados com alguns aspectos das auto-representações, como a auto-consciência, a auto-vigilância e a auto-estima, numa tentativa de estudar as características complexas dos principais estilos de amor descritos por Lee (1993). De acordo com os resultados do seu estudo, o amante Eros tem em atenção os aspectos privados do self, estando orientado para padrões derivados de autodefinição ou identidade (e.g, atitudes, compromissos, sentimentos, perspectivas e necessidades morais mantidos privadamente) e aos aspectos públicos do self, os padrões derivados das normas sociais de igualdade, justiça, atracção interpessoal e desejabilidade social. Não manifesta tendência para experienciar ansiedade e embaraço em contextos sociais. Apresenta auto-eficácia para criar respostas desejadas nos outros e tendencialmente estabelece relações próximas e românticas exclusivas. O amante Eros mostra uma relação positiva com a auto-estima. Contrariamente, o amante Ludos tende a negligenciar aspectos privados do self, não visíveis, e a disfarçar os seus

sentimentos, escolhendo manter relações menos próximas e relativamente não exclusivas. O amante Storge presta pouca atenção e preocupação com os aspectos do self públicos, tal como a aparência física; não revela auto-eficácia para produzir respostas desejadas nos outros e, em concordância, com o amante Eros, manifesta tendência para estabelecer relações relativamente próximas e românticas exclusivas. O amante Pragma experiencia ansiedade em interações sociais e não demonstra eficácia na representação em público. No caso das auto-representações maníacas parece haver duas componentes opostas ou mesmo conflituosas. A primeira remete para a alta pontuação dos sujeitos na Mania que mostraram auto-consciência alta em relação aos aspectos privados e públicos. A segunda mostra que esses mesmos sujeitos também manifestaram uma alta ansiedade social, e uma representação em público e uma auto-estima baixas. Neste sentido, amantes Mania parecem ter uma grande auto-consciência e, simultaneamente, uma espécie de qualidade neurótica, defensiva. Por seu lado, o amante Agape não manifesta desconforto em encontros sociais (Neto, s/d.).

O estudo de Neto (s/d.) ajuda a estabelecer a validade do construto e a utilidade empírica do sistema de Lee e do conceito de estilos de amor, fornecendo uma imagem informativa e consistente dos seis estilos de amor básicos. A temática de estilos de amor constitui-se num contributo rico e fértil para o estudo das diferenças individuais e de relações.

Hendrick e Hendrick (1986) lançaram a questão no sentido de se saber se os estilos de amor medem traços de personalidade ou atitudes mais passageiras, uma vez que Lee apresentou os estilos de amor como uma tipologia, o que para os psicólogos implica traços. No entanto, o autor também acreditava na possibilidade de ter um tipo de relação com uma pessoa (e.g. erótica) e um outro tipo com outra pessoa (e.g. lúdica). Nesta perspectiva, o tipo de amor que uma pessoa experiencia seria determinado relacionalmente, não sendo uma faceta da personalidade. A evidência dos dados portugueses (Neto, 2002) vai nos dois sentidos. Se por um lado, as diferenças nas atitudes em relação ao amor estavam associadas a variáveis do indivíduo, como a auto-estima, solidão e embaraço, por outro, as diferenças sexuais sugerem os efeitos das diferenças de socialização.

Outra tipologia do amor é a proposta por Sternberg (2003) que, com a sua teoria triangular do amor tenta explicar o mesmo através de três componentes: paixão, intimidade e compromisso. Metaforicamente estas componentes correspondem aos

vértices de um triângulo: a intimidade corresponde ao vértice do topo do triângulo, a paixão ao vértice esquerdo, e a decisão ou o compromisso ao direito.

Na perspectiva do autor a paixão é caracterizada por um conjunto de impulsos associados à atracção física, ao romance e ao acto sexual, que envolve o desejo, o pensamento obsessivo sobre a pessoa amada, a idealização e a adoração. De acordo com Sternberg (2003) a paixão não é somente o aspecto carnal de uma relação, inclui elementos como a auto-estima, a dominação ou submissão ou a vinculação. Encarada desta forma, a paixão não surge apenas nas relações amorosas, uma vez que pode não traduzir uma necessidade de cariz sexual. Neste sentido, o âmago da paixão é uma necessidade activa, ou seja, consciente de que desejamos intensamente algo de alguém. Um dos exemplos desta paixão sem desejo sexual é a relação entre alguns seguidores e os seus líderes políticos. Estes são adorados, idealizados e fazem parte do pensamento das pessoas, correspondendo a “sintomas” da paixão. Neste sentido, Amado (2010) divide a componente paixão de Sternberg em dois aspectos: o fascínio e o desejo, sendo que o fascínio diz respeito aos aspectos da paixão que não estão relacionados com a consumação sexual.

O vértice do topo do triângulo, a intimidade, diz respeito à proximidade e à ligação que existe numa relação. O autor refere que a intimidade é constituída por elementos como dar e receber apoio emocional, estimar e valorizar a pessoa amada, sentir-se bem com essa pessoa e tentar proporcionar o seu bem-estar, comunicar e compreender o outro e sentir desejo de partilha. A intimidade não é espontânea, pressupõe tempo, disponibilidade para conhecer a outra pessoa e para nos deixarmos conhecer (Sternberg, 2003).

A decisão/compromisso refere-se a, primeiro, decidir que se ama outra pessoa e posteriormente, ao compromisso de manter esse amor. Inclui fidelidade e lealdade (Sternberg, 2003).

Os tipos de amor de Sternberg (2003) resultam da combinação dos três componentes referidos anteriormente. A uma relação em que estejam ausentes a paixão, a intimidade e o compromisso, Sternberg dá o nome de *não-amor*. Seguem-se os tipos puros. Quando existe apenas paixão estamos face um *enfeitiçamento*. Um bom exemplo deste tipo de amor é o amor à primeira vista. A atracção é intensa e depois de vermos a pessoa só pensamos nela, no entanto, não há qualquer intimidade ou compromisso. Quando temos unicamente intimidade trata-se de *afecto*. Este tipo é caracterizado pela afinidade, o prazer de estar na companhia da outra pessoa, a sensação de que se a conhece bem e ela nos conhece. Vivemos experiências em

conjunto sem nunca sentirmos impulso sexual em relação aquela pessoa. Quando a única componente presente é o compromisso encontramos o *amor vazio*. Este é o tipo de amor que podemos encontrar em casamentos que foram decididos pelos pais, nos quais os noivos não sentem qualquer paixão ou intimidade (Sternberg, 2003).

Combinando a intimidade e a paixão temos o *amor romântico*. Os apaixonados sentem-se atraídos, gostam de estar juntos e partilhar experiências, contudo não existe compromisso ou decisão acerca do futuro da relação. No caso do *amor companheiro* que combina intimidade e compromisso, a paixão é substituída pelo companheirismo e fidelidade. Da combinação entre paixão e compromisso resulta o *amor louco*. Um bom exemplo deste tipo de amor é quando duas pessoas que se conhecem há pouco tempo decidem casar e viver juntas para sempre, sabendo muito pouco acerca uma da outra. A combinação das três componentes reflecte o *amor total*. Existe desejo, as pessoas conhecem-se e querem viver juntas (Sternberg, 2003).

A presença ou não das componentes prediz o grau de satisfação com a relação. Numa relação em que existam as três componentes num grau elevado, há maior probabilidade de satisfação com a relação. Na mesma relação, com o passar do tempo, as componentes podem variar, variando assim o tipo de relação. Uma relação pode ser inicialmente um *enfeitamento* e evoluir para *amor romântico* e por fim, para *amor total*. Pode também perder-se a paixão e tornar-se num *amor companheiro*. Pode ainda tornar-se um *amor vazio*, com a perda da paixão e da intimidade (Sternberg, 2003).

O autor também colocou hipóteses acerca da evolução de cada componente com o passar do tempo. Para Sternberg (2003) a paixão evolui de um modo simples. No início aumenta subitamente, para rapidamente diminuir, quase com a mesma intensidade com que aumentou. A evolução do compromisso é mais gradual, vai subindo gradualmente até estabilizar num nível elevado. No caso da intimidade, Sternberg (2003) faz a distinção entre dois tipos de intimidade: a latente e a manifesta. A primeira diz respeito ao tipo de intimidade que caracteriza o período da sedução, período no qual os apaixonados se estão a conhecer, no qual há descoberta e partilha de conhecimento entre ambos. Gradualmente a intimidade deixa de ser algo de que tenhamos consciência, parece que já não há nada a aprender sobre o outro, no entanto, embora inconscientemente, continuamos a descobrir novos aspectos relacionados com a pessoa amada. A evolução da intimidade diz respeito aos seus dois tipos, a sua subida não é tão rápida como a paixão, nem tão lenta como o compromisso (Sternberg, 2003).

A teoria de Sternberg (2003) engloba os factores biológicos, sociais, da personalidade e psicossociais, subjacentes às suas componentes. Apesar de extremos, os seus tipos de amor aproximam-se mais da realidade e são mais facilmente identificáveis do que os de Lee (Amado, 2010).

De acordo com Neto (2002) o amor compreende vários aspectos: biológicos (sexo e reprodução), psicológicos (emoções e sentimentos), sociais (família e crianças), culturais (expressões tradicionais e processo de decisão) e morais (confiança e fidelidade). Devido a este facto tem sido perspectivado e estudado sob diferentes pontos de vista. No entanto, pouca pesquisa se tem centrado nos contextos culturais nos quais se desenvolveram as relações amorosas ou nas diferenças culturais nas atitudes face ao amor. Autores como Jankoviak e Fischer (1992) concluíram nos seus estudos que o amor romântico constitui uma manifestação humana universal.

Helen Fisher (2008) elaborou um questionário sobre o amor romântico e inquiriu 437 homens e mulheres americanos e 402 japoneses. Os resultados demonstraram não haver grandes diferenças nas respostas, independentemente de idade, sexo, orientação sexual, filiação religiosa e grupo étnico. Segundo a autora, quando nos apaixonamos, o nosso “objecto de amor” adquire um “significado especial”, torna-se original, único e da maior importância. A nossa atenção concentra-se quase toda no ser amado. Deixamos para segundo plano, trabalho, família e amigos. “Essa atenção focalizada é um aspecto central do amor romântico” (p. 22). Para além do ser amado, tudo aquilo que lhe está associado (acontecimentos e outras pequenas coisas) torna-se essencial. A pessoa apaixonada tem tendência para enaltecer aspectos pouco significantes daquele que ama. Normalmente rejeita as coisas de que não gosta no seu amado, ou então, tende a convencer-se a si própria de que esses defeitos são únicos e encantadores (Fisher, 2008). Segundo a autora, outro dos primeiros sintomas do amor romântico é a meditação obsessiva no ser amado – “pensamento intruso”. O ser amado é uma constante no pensamento do apaixonado. Dos inqueridos pela autora, 79% dos homens e 78% das mulheres, referiram que mesmo quando se encontravam nas aulas ou no trabalho o seu pensamento regressava constantemente à pessoa amada. Muitas pessoas apaixonadas mudam hábitos e até valores para conquistarem a pessoa que amam (Fisher, 2008).

Quando somos acometidos pelo amor é habitual sermos invadidos por uma torrente de emoções intensas. Enquanto umas pessoas se tornam tímidas ou

desajeitadas na presença do ser amado, outras empalidecem ou coram. Há ainda as que tremem, as que gaguejam e as que transpiram. Outras ficam com os joelhos frouxos ou sentem tonturas ou um “aperto nervoso” no estômago. Há quem sinta a respiração acelerada e as referências mais comuns são o fogo no coração. Outra das sensações dominantes no amor é a energia elevada que se traduz muitas vezes na falta de apetite e na insônia (Fisher, 2008).

Os sentimentos de amor podem ir de um extremo de êxtase a um extremo de desespero. Se o amado nos dá atenção, se telefona, se está ao nosso lado, tudo é maravilhoso. Se, por outro lado, a pessoa amada parece indiferente e distante, tudo começa a tornar-se insuportável até que uma explicação possa acalmar esses sentimentos. As oscilações de humor associadas ao amor podem ir da alegria, quando o nosso amor é correspondido, à ansiedade, desespero e mesmo raiva, quando o nosso amor é ignorado ou rejeitado. Existe uma interligação entre os sentimentos de amor romântico e o desejo sexual e os amantes desejam a exclusividade sexual. No entanto, para o amante a união sentimental com o amado é mais importante (Fisher, 2008). O amor não se reduz à expressão sexual (Barros de Oliveira, 2010).

A história do conceito de amor é bom um exemplo de como um conceito pode mudar ao longo tempo. Se na Grécia Antiga, muitos acreditavam que o amor verdadeiro era o que existia entre um homem adulto e um jovem adolescente, no século XIX, o ideal de muitos vitorianos era o do amor entre homens e mulheres, um amor comprometido, essencialmente assexual. Nesta época o amor e o sexo dissociaram-se. Nos tempos modernos, as concepções de amor variam de acordo com as culturas. As diferenças nas perspectivas do amor são provavelmente fruto do modo como as culturas encaram as relações sociais (Sternberg, 2003).

Foram realizados alguns estudos que demonstram que, em certa medida, os conceitos de amor romântico e as características preferidas nos parceiros têm aspectos culturais específicos. Simmons, Wehner e Kay (1989, *cit. por* Neto, 2002) compararam amostras de França e dos Estados Unidos e confirmaram a hipótese de que os sujeitos franceses acreditavam mais fortemente no amor romântico tradicional. A amostra dos Estados Unidos manifestou um olhar mais pragmático face ao amor e ao casamento, estando em menor grau de acordo com afirmações que caracterizavam o amor como sendo uma experiência ideal. No entanto, ambas as amostras apresentaram concordância em relação ao nível de acordo que os amorosos confessariam “tudo com significado pessoal” um ao outro, que a posição social e os padrões de moralidade não teriam influência na escolha do parceiro, de que quando

se está apaixonado conhecer-se-á o que é o amor e que o amor é uma experiência mais excitante que calma. Sprecher *et al* (1994) estudaram orientações em relação ao amor de estudantes universitários, americanos, russos e japoneses e, apesar das muitas semelhanças, encontraram diferenças nas opiniões acerca da importância do amor no casamento. Os autores procuram justificar estes resultados colocando a hipótese das diferenças estarem relacionadas com a segurança da vinculação. Para além disso, os estudantes japoneses tendiam a ser menos românticos, o que poderá advir da orientação colectivista ou da falta da tradição ocidental do amor romântico.

De acordo com Sternberg (2003) existem quatro aspectos do amor que parecem ser comuns nas concepções do amor de várias culturas. No entanto, os seus conteúdos podem não ser comuns: (1) o amado, (2) os sentimentos que se julga acompanharem o amor, (3) os pensamentos que se julga acompanharem o amor, e (4) as acções, ou relações entre amante e amado. Aquilo que cada informação significa e a sua importância podem diferir de uma cultura para a outra.

Apenas recentemente se verificou um aumento do interesse científico pelas relações amorosas na adolescência (Collins, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009), no entanto, estas assumem um papel central na vida dos adolescentes. Desde a fase que lhe precede até ao final da adolescência, estas relações vão-se tornando centrais no mundo social dos mesmos. Durante este período, os parceiros românticos são também a maior fonte de apoio para muitos deles. No entanto, não existe um padrão normativo de desenvolvimento no que concerne ao início do interesse nas relações amorosas. Por outro lado é possível verificar que a natureza destas relações se vai alterando ao longo do desenvolvimento da adolescência. Os adolescentes passam de um simples interesse por rapazes ou raparigas para o estabelecimento de relações significativas caracterizadas por apego e cuidado (Furman, 2002). Comparadas com outras relações com os pares, as relações amorosas tipicamente têm uma intensidade distinta, habitualmente marcada por expressões de afecto e corrente ou antecipado comportamento sexual (Collins, Welsh & Furman, 2009). Seiffge – krenke (2003) desenvolveu um estudo com adolescentes e jovens adultos com 13, 15, 17 e 21 anos e os resultados vieram evidenciar a existência de uma sequência desenvolvimental no que diz respeito às diferenças na qualidade e duração das relações amorosas ao longo do tempo. Os dados relativos à aplicação do “Love Experience Questionnaire” (Seiffge - krenke, 2003) aos sujeitos de 21 anos sugerem que aspectos como a felicidade, a atracção física, a amizade, a confiança e a aceitação constituem-se componentes substanciais do amor romântico.

Através do método narrativo, Shulman e Kipnis (2001) entrevistaram 40 casais de jovens adultos que foram questionados acerca das suas actuais relações amorosas e acerca de relações com um (a) parceiro (a) romântico (a) que tivessem durado pelo menos dois meses quando tinham 15 e 16 anos. Após a análise das entrevistas os autores verificaram que, em retrospectão, as relações românticas na adolescência foram caracterizadas em termos de amizade ou experiência emocional intensa, combinada com atracção física pelo parceiro. No início da idade adulta, o romance foi descrito mais como uma relação madura caracterizada pela confiança, apoio e estabilidade. Os conceitos de relação e a percepção das suas funções sociais mudam com a idade (Collins, Welsh & Furman, 2009). Num estudo longitudinal os adolescentes referiram de forma crescente que os primeiros sentimentos de amor que reconheceram ocorreram numa idade mais tardia do que aquela que tinham referido num momento anterior. Este padrão reflecte, provavelmente, alterações nas definições pessoais de amor, que talvez resultem de uma maior maturidade cognitiva e emocional e maior experiência em relacionamentos (Collins, Welsh & Furman, 2009).

Barry *et. al.*, (2009) procuraram estudar como é que, em jovens adultos, o desenvolvimento da identidade e as aquisições dos critérios relativos à idade adulta, estavam relacionados com qualidades da amizade e relacionamentos amorosos. Os resultados demonstraram que as aquisições da identidade estavam positivamente relacionadas com quatro qualidades dos relacionamentos amorosos, nomeadamente, companheirismo, respeito, afecto e suporte emocional. Várias aquisições de critérios da idade adulta (ex., interdependência) foram associadas positivamente a todas as qualidades das relações amorosas medidas.

Apesar das evidências acerca da importância das relações amorosas durante a adolescência, alguns estudos demonstram que este tipo de relações pode ter um impacto negativo nas experiências emocionais dos adolescentes, estando inclusive associadas ao aumento de sintomas depressivos e problemas comportamentais (Chen *et al.*, 2009; Compian, Gowen & Hayward, 2004).

c) Paixão

O termo paixão advém do grego *paskein* que significa aquilo ao qual é impossível resistir (Lecoq & Rimé, 2009).

Entende-se por paixão “um sentimento aceso, que tem a característica de invadir a personalidade de um indivíduo e de influenciar a sua existência inteira” (Slepoj, 1998, p. 47). Outra das características da paixão encontra-se associada a

uma perda ou enfraquecimento grave, do controlo racional sobre os sentimentos que a provocaram.

De um modo geral, a paixão é colocada na zona dos sentimentos de amor. No entanto, podemos encontrá-la noutras experiências emocionais, como na expressão da agressividade, no arrebatamento místico ou na inspiração artística. Numa relação de amor, a força da paixão pode fragilizar ou eliminar as normais barreiras defensivas, permitindo a quem está envolvido nela, contactar com áreas inexploradas do próprio mundo interior e vivenciar emoções consideradas inacessíveis. Muitas pessoas, nesta situação, tiveram a capacidade de descobrir qualidades extraordinárias da sua afectividade e aspectos de si próprias que ignoravam até então (Slepoj, 1998).

Assim caracterizada, a paixão é uma ferramenta de maior auto conhecimento. Mas para que tal seja possível é fundamental procurar conter e elaborar as vivências da paixão, para desse modo suportar a sua responsabilidade. Se, pelo contrário, o indivíduo estabelecer o seu próprio equilíbrio psíquico assente na rigidez das estruturas e na repressão das emoções, pode sofrer a perda de controlo característica de qualquer paixão como um acontecimento destrutivo. A paixão pode desprezar o seu carácter temporário e avassalar toda a existência de uma pessoa, induzindo-a a ideias obsessivas nas interações com a pessoa amada. A exigência de posse total do outro e a insatisfação por parte deste em relação a essa exigência podem culminar em comportamentos violentos. Tal exacerbação da paixão transmite ausência de controlo emocional e intolerância aos limites que a existência do outro impõe (Slepoj, 1998).

A instabilidade emocional é frequente nos apaixonados. Várias emoções intensas como alegria, medo, ansiedade, calma, dúvida, ciúme, angústia podem suceder-se num curto período de tempo. A mais simbólica consequência física deste turbilhão emocional é o aumento do ritmo cardíaco (Amado, 2010). Dai que a paixão seja, por vezes, descrita como “um estado eminentemente patológico, obsessivo, fora do mundo, solitário e íntimo, não compreendido por quem não a viva” (Cordeiro, 2009, p. 306). A paixão requer consumo de energia, tempo, querer, ser. Qualquer paixão, qualquer amor, pressupõe entrega, quer física, quer intelectual (Cordeiro, 2009). A paixão invade a existência humana e altera o curso natural das coisas (Lecoq & Rimé, 2009). Conhecida como uma “doença da alma” é por vezes erradicada ou, pelo contrário, exaltada, devido à extraordinária energia que transmite àquele que a sente (Lecoq & Rimé, 2009).

Como refere Amado (2010) para muitas pessoas a paixão é apenas uma das manifestações do amor, no entanto, é a manifestação mais exacerbada e excessiva.

Segundo o autor, uma das características mais comuns de quando se está apaixonado é estar quase sempre a pensar na outra pessoa. O apaixonado interessa-se por tudo o que diz respeito ao outro, desde as coisas mais banais e irrelevantes às mais íntimas e importantes. *“O fascínio da paixão torna cada gesto significativo e uma expressão do que é único na pessoa amada”* (p.23). Este desejo de saber tudo acerca da pessoa amada é frequentemente acompanhado pela vontade de dizer à mesma tudo sobre nós próprios. *“Estar apaixonado envolve enormes mudanças. Do sono ao apetite, dos neurotransmissores ao pensamento, do que fazemos nos nossos tempos livres ao tema dos nossos pensamentos, a paixão é uma das experiências mais avassaladoras por que pode passar um ser humano”* (Amado, 2010).

Difícilmente alguém sentirá paixão sem desejo. Este desejo está associado à posse sexual, mas não se limita à mesma. O enamorado sente necessidade de ver, tocar, beijar, cheirar...a paixão reflecte uma carência, um estado de falta, não pode ser reduzida ao seu lado sensual e sexual. Estar apaixonado é uma experiência complexa e variada em que o desejo e a ansiedade são ambivalentes. O desejo sexual é mais frequente e indiscriminado, efémero e fácil de satisfazer. Por sua vez, a paixão inclui sofrimento e dúvida, é mais selectiva, complicada, duradoura e exclusiva. Mesmo a nível cerebral, o desejo sexual e o amor apaixonado estimulam diferentes zonas do cérebro e estão associados a diferentes hormonas e neurotransmissores. Em suma, o desejo faz parte da paixão mas esta envolve muito mais que o desejo (Amado, 2010).

A paixão é uma droga? Apesar de partilhar os efeitos iniciais do consumo de algumas drogas como os efeitos negativos da dependência e de, por vezes, ir a extremos de loucura, a paixão tem objectivos socialmente aceitáveis (formação de casais e continuação da espécie) e um período de validade relativamente curto (Amado, 2010).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

1. Objectivos do estudo

Este estudo surge associado ao carácter adaptativo das emoções e ao papel central que desempenham no funcionamento humano (Melo, 2005), nomeadamente a nível social. As emoções podem ser consideradas estruturas de orientação da vida do indivíduo, especialmente das suas relações com os outros. O seu conhecimento vai sendo adquirido ao longo do desenvolvimento, permitindo que o ser humano interprete e explique estados emocionais, para que possa desenvolver relações positivas com os outros (Flavell, Miller & Miller, 1999).

O presente estudo tem como objectivo central identificar as concepções sobre amizade, amor e paixão em função de diferentes níveis etários. Pretende-se estudar conceitos essenciais, estruturantes na vida dos indivíduos. Trata-se de perceber como conceptualizam os sujeitos, ao longo do desenvolvimento, os sentimentos que dão sustentação às suas relações com os outros e que influenciam quer a sua personalidade, quer o sentido da sua própria vida. Sentimentos como a amizade que engloba diferentes emoções e onde as interações ocorrem quer por motivações afectivas, quer por via racional e à qual estão subjacentes interesses e experiências em comum, aceitação, compreensão, ajuda mútua, confiança, ausência de reprovações mútuas ou desilusões recíprocas” (Slepoj, 1998). Também o amor que pode ser considerado “o mais completo e articulado dos sentimentos humanos, que se exprime em múltiplas formas e graus de intensidade, e que se compõe de toda uma gama de emoções, virado como é para objectivos diversos, tais como um parceiro, um progenitor, um filho, ou ainda um ideal” (Slepoj, 1998). Por último a paixão que pode ser caracterizada por um conjunto de impulsos associados à atracção física, ao romance e ao acto sexual, que envolve o desejo, o pensamento obsessivo sobre a pessoa amada, a idealização e a adoração” (Sternberg, 2003).

Tendo em conta o que foi referido, os objectivos específicos são:

- Identificar as concepções de crianças de 5 anos sobre amizade, amor e paixão
- Identificar as concepções de crianças de 10 anos sobre amizade, amor e paixão

- Identificar as concepções de jovens de 15 anos sobre amizade, amor e paixão
- Identificar as concepções de jovens de 20 anos sobre amizade, amor e paixão

2. Metodologia

Optámos por uma metodologia qualitativa, uma vez que procuramos compreender as concepções dos sujeitos acerca dos conceitos estudados. Este tipo de metodologia visa compreender e descrever os fenómenos (Almeida & Freire, 2000). Três dos seus princípios são: “a *primazia da experiência subjectiva como fonte do conhecimento; o estudo dos fenómenos a partir da perspectiva do outro ou respeitando os seus marcos de referência; e o interesse em se conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também acabam por construir interactivamente*” (Almeida & Freire, 2000, p. 98).

2.1. População Alvo do Estudo

Crianças que frequentam o último ano do Jardim de Infância, o último ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, o 9º ano de escolaridade e o 3º ano de Universidade.

2.2. Amostra

A amostra compreendeu 40 crianças e jovens que foram seleccionados aleatoriamente num Jardim de Infância, numa Escola de 1º Ciclo do Ensino Básico, numa Escola de 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico e na Universidade de Évora.

Destas escolas seleccionámos aleatoriamente 10 sujeitos de cada um dos grupos referidos anteriormente, em função da idade e do sexo:

Quadro 1- Caracterização da amostra de crianças e jovens por idades e sexo

10 Sujeitos	5 F	5 Anos
	5 M	
	5 F	

10 Sujeitos	5 M	10 Anos
10 Sujeitos	5 F	15 Anos
	5 M	
10 Sujeitos	5 F	20 Anos
	5 M	

2.3. Instrumentos e Procedimentos

2.3.1. Procedimentos

Foram contactados os Directores do Concelho Executivo das Instituições Escolares e foi pedida autorização ao departamento responsável do Ministério da Educação. Foram enviados para os progenitores pedidos de autorização escrita para a administração dos instrumentos às crianças e adolescentes.

2.3.2. Instrumentos de recolha de dados

2.3.2.1. *Guião de entrevista sobre sentimentos, emoções, amizade, amor e paixão*

2.3.2.1.1. *Estudo Piloto*

Para se proceder à construção do guião de entrevista recorreremos à metodologia proposta pela literatura especializada (Ghiglione & Malaton, 1993). Considera-se que um processo completo de inquirição deve começar por uma fase qualitativa, sob forma de um conjunto de entrevistas não directivas ou estruturadas.

a) Entrevistas exploratórias

Nas primeiras entrevistas exploratórias optámos por perguntar de forma genérica sobre as emoções que pretendíamos estudar em duas componentes, o que é e o que se sente em presença de cada uma delas, ficando o guião estruturado da seguinte forma:

1. Amor:

1. 1. Para ti o que é o amor?

1.2. Como sabes que sentes amor?

2. Amizade

2.1. Para ti o que é a amizade?

2.2. Como sabes que sentes amizade?

3. Paixão

3.1. Para ti o que é a paixão?

3.2. Como sabes que sentes paixão?

Para recolha e registo da informação utilizámos o gravador. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e mediante anonimato.

Os dados obtidos a partir da análise de conteúdo das entrevistas permitiram-nos identificar cinco temas gerais, três correspondentes às questões colocadas e dois relativos a sentimentos e emoções, os quais surgiam sistematicamente associados às outras questões no discurso dos sujeitos.

b) Versão provisória do guião da entrevista

Às questões formuladas anteriormente para o guião da entrevista acrescentámos as seguintes questões:

1. O que são para ti sentimentos?

1.1 Podes dar exemplos de sentimentos?

2. O que são para ti emoções?

2.2 Podes dar exemplos de emoções?

2.3.2.1.2. Versão definitiva do guião da entrevista

A versão definitiva do guião de entrevista foi a seguinte:

Sexo:

Idade:

1. O que são para ti sentimentos?
 - 1.1 Podes dar exemplos de sentimentos?
2. O que são para ti emoções?
 - 2.2 Podes dar exemplos de emoções?
3. Para ti o que é o amor?
 - 3.1 Como sabes que sentes amor?
4. Para ti o que é a amizade?
 - 4.1 Como sabes que sentes amizade?
5. Para ti o que é a paixão?
 - 5.1 Como sabes que sentes paixão?

A descrição e análise dos resultados obtidos através das entrevistas, incide sobre os discursos (escritos) produzidos pelos sujeitos e operacionalizados numa grelha de análise temática e categorial.

a) Análise temática e categorial

Através da análise temática e categorial procedeu-se ao levantamento e categorização de toda a informação referida pelos sujeitos, procurando dar conta da variedade e riqueza presentes no seu discurso e, simultaneamente, procurando manter as designações o mais próximas possível da linguagem utilizada, respeitando o mais possível a semântica do seu discurso. Tanto para a denominação dos temas como das categorias mais gerais procurou-se encontrar na literatura termos ou conceitos já identificados e experimentados e que, simultaneamente, se mostrassem

capazes de abranger a informação produzida pelos sujeitos que compõem a amostra deste estudo.

A análise das frequências realizou-se em função das unidades de sentido (segmentos de conteúdo consideradas como unidade base) e a partir deste critério procedeu-se à contagem do número de vezes que cada tema, cada categoria ou subcategoria surgiam no discurso dos sujeitos (se o sujeito repetisse a mesma unidade de sentido era apenas considerada uma única vez).

b) Construção da grelha de análise temática e categorial

A grelha (ver anexo 1) é composta por cinco temas e respectivas categorias e sub-categorias. As categorias dos temas em questão constituem-se, a partir da análise da informação produzida mediante descritores capazes de abranger toda a informação encontrada no discurso dos sujeitos.

As designações das sub-categorias encontram-se definidas utilizando uma linguagem o mais próxima possível da utilizada pelos sujeitos, respeitando o mais possível as suas designações e, seleccionando, em alguns casos, o termo mais abrangente e característico encontrado no conjunto do seu discurso.

TEMA I – Sentimentos

Subjacente a este tema encontraram-se as categorias *algo que se sente; algo que se pensa; estados emocionais; reacções emocionais; reacções fisiológicas; tipos de sentimentos; não sei e não respondeu*.

I.1. Algo que se sente

A categoria *algo que se sente* foi criada a partir da perspectiva que defende que os sentimentos podem ser caracterizados por um objecto, a sua avaliação e uma propensão latente e disposicional para agir em relação a esse objecto (Frijda, 2008). Esta categoria assenta essencialmente na questão do “objecto”.

Exemplos:

- Algo que se sente por outro (s)

...sentimentos são..ahh... o que nós sentimos pelas outras pessoas... (sujeito 30)

Sentimentos são quando eu gosto de uma pessoa. (sujeito 11)

...é o que sentimos para com coisas ou pessoas. (sujeito 27)

- Algo que se sente por si próprio

...como nos sentimos com nós próprios... (sujeito 30)

- Algo que se sente indefinido

Ah... para mim sentimentos são coisas que alguém sente. (sujeito 19)

...é algo que uma pessoa sente... (sujeito 25)

...há qualquer coisa dentro de nós que nos diz que estamos a sentir algo... (sujeito 40)

I.2. Algo que se pensa

Na categoria “algo que se pensa” apoiámo-nos no carácter interno dos sentimentos (Damásio, 2000).

Exemplos:

- Pensamentos que se manifestam no corpo

Sentimentos são aqueles pensamentos que quando nós sentimos eles se manifestam no corpo. (sujeito 34)

- Pensamentos profundos do ser humano

...são pensamentos um bocado profundos do ser humano... (sujeito 39)

- Algo que a pessoa pensa

...é algo que uma pessoa [sente], que pensa e [demonstra]. (sujeito 26)

I.3. Estados Emocionais

A categoria *estados emocionais* surgiu associada às chamadas emoções de fundo que nos permitem ter sentimentos de fundo de tensão ou calma, de fadiga ou energia, de bem-estar ou mal-estar, entre outros. Detectamos emoções de fundo em situações em que sentimos que uma pessoa está “tensa” ou “irritável”, “desanimada” ou “entusiasmada” sem que tenha sido referida qualquer palavra para traduzir qualquer destes possíveis estados (Damásio, 2000).

Exemplos:

- Estados de alma

São estados de alma... (sujeito 33)

- Reflectem a nossa forma de estar

...é um sentimento que reflecte a nossa forma de estar... (sujeito 35)

I.4. Reacções Emocionais

Nesta categoria os sentimentos são descritos como demonstrações emocionais. São tipos de sentimentos que se baseiam nas emoções (Damásio, 2003b).

Exemplos:

- Positivas

...quando estamos felizes... (sujeito 35)

- Negativas

...quando estamos tristes... (sujeito 35)

I.5. Reacções Fisiológicas

A categoria *reacções fisiológicas* partiu do pressuposto de Damásio (2003b), de que os sentimentos de fundo se referem sobretudo a estados do corpo.

Exemplos:

- Acto químico do corpo

...é algo que resulta de um acto químico do corpo... (sujeito 37)

- Sentir frio

...Sentir frio... (sujeito 37)

- Sentir calor

...sentir calor... (sujeito 37)

I.6. Tipos de Sentimentos

Apesar de não termos encontrado na literatura uma tipologia, semelhante à elaborada, acerca dos sentimentos. Pareceu-nos o modo mais indicado para caracterizar os exemplos de sentimentos referidos pelos sujeitos.

Exemplos:

- Positivos

Ah...o amor... (sujeito 11)

... há sentimentos de amizade... (sujeito 12)

...paixão... (sujeito 32)

...felicidade... (sujeito 19)

Se for por exemplo, sentimentos amorosos por uma rapariga... (sujeito 22)

...sentimentos que a gente tem pelos nossos pais... (sujeito 23)

- Negativos

...o ódio também acho que é um sentimento... (sujeito 24)

Sentimentos podem ser... por exemplo... raiva... (sujeito 27)

...tristeza...(sujeito 15)

I.7. Não sei

I.8. Não respondeu

TEMA II – Emoções

Subjacente a este tema encontraram-se as categorias *Definição, Reacção Emocional, Reacção Comportamental, Relação com Sentimentos e Tipos de Emoções*.

II. 1. Definição

Uma vez que nem sempre a definição de emoções é objecto de consenso, procurámos englobar nesta categoria as definições de emoções referidas pelos sujeitos.

Exemplos:

- Algo que se sente no momento

...algo que acontece no momento... (sujeito 28)

- Sentidas à flor da pele

...são sentidas à flor da pele... (sujeito 29)

- Espécie de primeiro impacto

...é uma espécie de primeiro impacto... (sujeito 29)

- Coisas que vivemos/passámos

...talvez coisas que nós passamos... (sujeito 21)

- Momentos que marcam

...momentos do dia a dia... (sujeito 21)

- Estados de espírito

...são estados de espírito. (sujeito 30)

- Algo que magoa

..é algo que magoa... (sujeito 26)

- Gostar muito de uma coisa

... é uma coisa que... ah... gostamos... muito... (sujeito 17)

- Diversão

...diversões... (sujeito 7)

- Não Sei

- Não respondeu

II.2. Reacção Emocional

A categoria reacção emocional baseia-se no pressuposto de que as emoções podem ser caracterizados por um objecto, a sua avaliação e uma propensão particular acentuada para agir em relação a esse objecto (Frijda, 2008).

Exemplos:

- Impulsiva

...são sentimentos impulsivos... (sujeito 29)

- Espontânea

...emoção é uma coisa mais espontânea, não? (sujeito 32)

II.3. Reacção Comportamental

A categoria *reacção comportamental* advém da definição de emoção como “*acções ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz, ou em comportamentos específicos*” (Damásio, 2003^a, p. 44).

Exemplos:

- Positiva

Se eu estou alegre, rio! (sujeito 32)

Por exemplo, tás com a pessoa que gostas, estás contente... (sujeito 31)

- Negativa

...às vezes começamos a chorar... (sujeito 16)

Se estou triste, choro. (sujeito 32)

II.4. Relação com sentimentos

A continuidade entre emoções e sentimentos torna difícil a delimitação de fronteiras entre ambos. No entanto, é habitual que a emoção seja distinguida do sentimento pelas suas características de curta duração e maior intensidade (Slepj,1998).

Exemplos:

- Expressão agradável de um sentimento

*...quando um sentimento se expressa de um modo bom, de maneira agradável.
(Sujeito 39)*

- Expressão fisiológica do sentimento

Algo mais físico do que os sentimentos... (sujeito 36)

- Mais intensa do que o sentimento

*...mas a emoção, na minha perspectiva, é um bocado mais forte do que o sentimento.
(sujeito 40)*

- Menos duradoura do que o sentimento

Se calhar um sentimento é uma coisa mais duradoura... (sujeito 32)

II. Tipos de Emoções

Na categoria tipo de emoções, procurámos seguir a tipologia dos sentimentos, uma vez que esta categoria deriva da mesma questão da entrevista, adaptada aos dois temas (sentimentos e emoções).

Exemplos:

- Positivas

...ah...felicidade...(sujeito 11)

...a alegria... (sujeito 26)

- Negativas

...quando uma pessoa se sente triste... (sujeito 22)

...o medo... (sujeito 35)

- Não Sei

- Não respondeu

TEMA III – AMIZADE

Subjacente a este tema encontraram-se as categorias *Sentimento, Gostar, Convivência, Solidariedade, Partilha, Cumplicidade, Confiança, Compreensão, Duração, Não Sei e Não Respondeu.*

III. 1. Sentimento

A literatura mostra-nos que a amizade pode ser descrita como um sentimento complexo, no qual se cruzam diferentes emoções e onde os encontros e os intercâmbios ocorrem quer por motivações afectivas, quer por via racional (Slepoj, 1998).

Exemplos:

- Complexo

...é complicado definir... (sujeito 40)

- Muito forte

...a amizade acho que é um sentimento muito forte por outra pessoa... (sujeito 33)

- Muito Importante

A amizade é um dos sentimentos mais importantes... (sujeito 31)

- Forma de Amor

...também é uma forma de amor... (sujeito 34)

O amor para mim faz parte da amizade....(sujeito 35)

... a amizade é também um sentimento mas não tão profundo como o amor... (sujeito 36)

III.2. Gostar

A categoria *gostar* baseia-se na definição de amizade proposta por Papalia (2001), segundo a qual um amigo é alguém por quem sentimos afecto, com quem nos sentimos à vontade, com quem gostamos de fazer coisas e com quem podemos partilhar sentimentos e segredos. O termo *gostar* é utilizado para descrever sentimentos de proximidade, ligação e afecto em relação ao outro (Sternberg, 2003).

Exemplos:

- Gostar de uma pessoa

...a amizade para mim é gostar muito dessa pessoa mas só como amigo....(sujeito 17)

- Sentir-se bem com uma pessoa

...quando me sinto bem ao pé daquela pessoa... (sujeito 24)

...quando conseguimos encontrar pessoas com quem nos sentimos bem. (sujeito 39)

- Simpatizar com uma pessoa

... simpatizar com outra pessoa... (sujeito 13)

- Identificar-se com uma pessoa

...quando me identifico com a pessoa... (sujeito 34)

- Achar uma pessoa especial

...uma amiga muito especial... (sujeito 16)

- Sentir carinho

...sentirmos um grande carinho por eles... (sujeito 23)

- Sentir que a pessoa é essencial

...quando essa pessoa é essencial... (sujeito 27)

- escolher como família

É a família que nós escolhemos dentro da sociedade. (sujeito 34)

- sentir saudades

...saudades de saber daquela pessoa... (sujeito 35)

-de amigos

Porque gosto muito dele... (sujeito 11)

- da mana

...a minha mana...(sujeito 3)

- a minha mãe me tratar bem

A minha mãe me tratar bem... (sujeito 3)

III. 3. Convivência

A categoria *convivência* resulta das concepções de amizade que surgiram no estudo de McDougall e Hymel (2007), no qual a ênfase é colocada nas actividades em comum e proximidade.

Exemplos:

- Conversar durante muito tempo

...quando se consegue manter uma conversa durante muito tempo... (sujeito 33)

- Estar à vontade

...quando já podes abordar de maneira mais pessoal... (sujeito 39)

...quando podes ter um certo á vontade com eles... (sujeito 39)

- Brincar/estar com os amigos

...quando eles brincam comigo... (sujeito 4)

III. 4. Solidariedade

A categoria solidariedade resultou das inúmeras referências da literatura à ajuda mútua, ao apoio e aceitação (Slepoj, 1998; Demir & Weitekamp, 2007; Berndt & Perry, 1990; Buhrmester, 1996; Laursen, 1996).

Exemplos:

- Ajuda mútua

...quando sentes que uma pessoa está sempre contigo para te ajudar...que também a ajudas... (sujeito 27)

...quando há aquela ajuda mutua... (sujeito 38)

- Ajuda nas situações más

...estarmos sempre disponíveis para essa pessoa quando ela está mal... (sujeito 31)

- Apoio incondicional

...alguém que esteja connosco apesar de todas as coisas más... (sujeito 27)

III.5. Partilha

A intimidade, a lealdade e a partilha são características das amizades adultas (Berndt & Perry, 1990; Buhrmester, 1996; Laursen, 1996). Na amizade encontra-se a partilha dos altos e baixos da vida. A amizade flui através da comunicação de acontecimentos pessoais e experiências em comum (Slepoj, 1998). Os amigos

partilham confidências, respeitando a privacidade da outra pessoa (Neto, 2002). A categoria *partilha* foi criada a partir destes pressupostos.

Exemplos:

- Afecto

...quando tenho carinho pelas pessoas... (sujeito 35)

Nós damos...nós damos beijinhos... (sujeito 3)

- Experiências

...pessoas com que compartilhamos “n” coisas da vida... (sujeito 40)

- Preocupações

...preocupação com o bem-estar deles... (sujeito 35)

- Desabafos

...quando essa pessoa me faz bem, para desabafar... (sujeito 24)

- Dar coisas aos amigos

...dar coisas aos amigos. (sujeito 10)

III.6. Cumplicidade

A categoria *cumplicidade* pressupõe companheirismo. Esta é uma das características da amizade mais importantes na previsão da felicidade (Demir & Weitekamp, 2007).

Exemplos:

- Alguém que ria connosco nas situações boas

...é ser e ter alguém que nos ajude nas situações más e ria connosco nas boas... (sujeito 27)

III.7. Confiança

Os amigos confiam e respeitam-se mutuamente (Neto, 2002). Os adolescentes esperam dos amigos qualidades como a sinceridade, a lealdade e a confiança (Coslin, 2002). Daí a criação da categoria *confiança*.

Exemplos:

- Confiança entre as pessoas

...confio nela e ela confia em mim... (sujeito 22)

Quando existe uma certa confiança entre as pessoas...(sujeito 39)

- Não desiludir

...não desiludir essa pessoa (sujeito 15)

- Ser sincero

...ser sincera com ela... (sujeito 24)

III.8. Compreensão

Subjacente à amizade está a aceitação e a compreensão do outro na sua realidade (Slepoj, 1998). Esta premissa suporta a categoria *compreensão*.

Exemplos:

- Quando nos entendem

...quando nós não conseguimos explicar alguma coisa mas sabemos que a outra pessoa nos está a entender (sujeito 34)

III.9. Duração

A categoria *duração* baseia-se no facto de que as amizades podem ser breves, quando por exemplo, duas crianças ficam amigas durante uma viagem ou podem durar uma vida inteira (Borenstein, 1996).

Exemplos:

- Cresce connosco

A amizade cresce connosco...(sujeito 34)

- Pode durar toda a vida

...pode durar toda a vida. (sujeito 26)

- Relacionamento de vários anos

...é o relacionamento entre as pessoas que já convivem há vários anos (sujeito 22)

III.10. Não sei

III. 11. Não respondeu

TEMA IV – AMOR

Subjacente a este tema encontraram-se as categorias *Sentimento, Experiência Emocional, Algo indefinido, Gostar de Alguém, Sentir Fisiológico, União, Compromisso, Necessidade, Tipos de Amor, Não Sei e Não Respondeu.*

IV. 1. Sentimento

O amor pode ser definido como um sentimento complexo e articulado que se pode exprimir em múltiplas formas e graus de intensidade e é composto por toda uma gama de emoções (Slepoj, 1998). Segundo Kalat e Shiota (2007) a sua função é construir e manter relacionamentos próximos.

Exemplos:

- Dos mais difíceis

...é um dos sentimentos mais difíceis... (sujeito 31)

- Muito forte

Amor...é um sentimento muito forte que se sente por alguém! (sujeito 28)

- Algo próprio de cada pessoa

...vai depender das pessoas... (sujeito 36)

- Afecto maior

...é um sentimento de ternura, de carinho para com uma pessoa... (sujeito 32)

- Sentimento entre pessoas

*...forma de sentimento que talvez se expresse perante uma relação com pessoas.
(sujeito 39)*

- Base de uma relação

É a base de uma relação... (sujeito 23)

IV.2. Experiência Emocional

O amor pode ser uma experiência emocional sem ser “uma emoção”. Para alguns autores o amor é demasiado complexo para reflectir uma única emoção (Kalat & Shiota, 2007). Foi a partir desta caracterização que foi criada a categoria *experiência emocional*.

Exemplos:

- Engloba muitas emoções

O amor é um sentimento que nos faz viver emoções diferentes... (sujeito 33)

- É uma emoção

...é uma emoção que uma pessoa sente... (sujeito 19)

- Sentida de várias maneiras

...é sempre sentido de várias maneiras... (sujeito 29)

- Expressada de várias maneiras

...é expressado de várias maneiras... (sujeito 29)

- Dá felicidade e tristeza

...quando aparece dá felicidade e, por vezes, também tristeza (sujeito 30)

- Medo de perder alguém

...nós sabemos porque temos medo de os perder e quando pensamos nisso dá-nos uma sensação de vazio... (sujeito 29)

- Vontade de abraçar

...quando sinto vontade de o abraçar... (sujeito 29)

- Estar apaixonado

...quando estamos apaixonados por alguém... (sujeito 38)

- Sentir ternura

...é um sentimento de ternura... (sujeito 32)

- Sentir carinho

...quando tenho necessidade de dar o meu carinho... (sujeito 35)

IV.3. Algo indefinido

É mais fácil viver o amor, identificá-lo e senti-lo, do que defini-lo (Barros de Oliveira, 2010). O que justifica a criação da categoria *algo indefinido*.

Exemplos:

- Algo especial

O amor é uma coisa especial... (sujeito 15)

- Algo/alguém que nos faz sentir bem

... é uma coisa que nos faz sentir bem... (sujeito 15)

- Algo que ninguém controla

...é um sentimento que ninguém controla... (sujeito 30)

- Algo que ninguém escolhe

...é um sentimento que ninguém escolhe... (sujeito 30)

- Apenas se sente

...apenas sentes! (sujeito 29)

- Sabe-se só na altura

...sabe-se na altura só... (sujeito 37)

- Sentir-se diferente

...quando estou perto de uma pessoa e fico diferente... (sujeito 15)

- Não explicamos

É inexplicável... (sujeito 26)

- Não tem definição

...o amor não tem uma definição... (sujeito 29)

- Ainda não senti

...acho que ainda não senti (sujeito 31)

- Não sei

- Não respondeu

IV. 4. Gostar de alguém

O termo gostar traduz sentimentos de proximidade, ligação e afecto em relação ao outro (Sternberg, 2003). Esta categoria engloba referências dos sujeitos de sentimentos desta génese.

Exemplos:

- Sentir algo por uma pessoa

É um sentimento por outra pessoa... (sujeito 24)

...quando alguém gosta assim de uma pessoa... (sujeito 12)

- Gostar muito de alguém

...ah... para mim o amor... ah... é gostar muito de alguém! (sujeito 11)

- Admirar alguém

...quando admiro uma pessoa... (sujeito 34)

- Afinidade

...sentimo-nos diferentes de pessoa para pessoa, conforme a afinidade que temos com ela... (sujeito 40)

- Viver em função do bem-estar de alguém

...vivemos em função do bem estar da outra pessoa... (sujeito 35)

- Preocupação com outra pessoa

O amor então é essa partilha de... de preocupações, de bem-estar, de troca de carinhos ... (sujeito 35)

- Acordar e pensar na pessoa

...quando acordas e a primeira coisa que pensas é nessa pessoa... (sujeito 30)

- Entrega a uma pessoa

...entrega àquela pessoa... (sujeito 35)

- Gostar de uma pessoa com os seus defeitos

...é quando gostamos mesmo de uma pessoa com os defeitos que ela tem... (sujeito 31)

- Observar/analisar mais tempo alguém

...quando começo a observá-la durante mais tempo e tento ver como age em determinadas maneiras... (sujeito 34)

- Ver a pessoa além do exterior

...tento ver essa pessoa além do exterior, além daquelas coisas que diz sem pensar e faz sem pensar... (sujeito 34)

- Sentir falta de alguém

...aquela vontade de estar com a outra pessoa... (sujeito 35)

- Dar beijinhos

...dar beijinhos... (sujeito 1)

- De alguém que está na minha escola

Sei por causa do Daniel, ele ainda está na minha escola, é por isso que ainda sinto amor dele... (sujeito 4)

IV. 5. Sentir Fisiológico

Quando somos acometidos pelo amor é habitual sermos invadidos por uma torrente de emoções intensas. Enquanto umas pessoas se tornam tímidas ou desajeitadas na presença do ser amado, outras empalidecem ou coram. Há ainda as que tremem, as que gaguejam e as que transpiram. Outras ficam com os joelhos

frouxos ou sentem tonturas ou um “aperto nervoso” no estômago. Há quem sinta a respiração acelerada e as referências mais comuns são o fogo no coração. Outra das sensações dominantes no amor é a energia elevada que se traduz muitas vezes na falta de apetite e na insónia (Fisher, 2008). A categoria sentir fisiológico engloba alterações fisiológicas associadas ao amor.

Exemplos:

- Conjugação de componentes químicos

...componentes químicos que entre eles se conjugam e fazem-me sentir qualquer coisa por outra pessoa... (sujeito 37)

- Aumento do batimento cardíaco

...através da fisiologia, as hormonas, a dopamina faz aumentar o batimento cardíaco... (sujeito 33)

- Dor/aperto no coração

...é um aperto muito forte no coração... (sujeito 20)

- Sentir algo na barriga/estômago

...quando estás com ela parece que ficas com borboletas no estômago... (sujeito 30)

- Ferida que magoa

...é como se fosse uma ferida que magoa... (sujeito 16)

- Nervosismo perto da pessoa

...fico um bocado nervoso quando estou perto da pessoa... (sujeito 40)

- Atracção física

...é uma atracção física, psicológica por outra pessoa... (sujeito 37)

- Desejo

...é desejar uma pessoa... (sujeito 32)

- Comer

...é comer... (sujeito 9)

IV.6. União

A categoria *união* diz respeito ao desejo da presença do outro (Lelord & André, 2002).

Exemplos:

- União mais íntima

...uma união mais íntima... (sujeito 39)

- União familiar

...união familiar (sujeito 39)

IV. 7. Compromisso

O compromisso é um dos componentes do amor da teoria de Strenberg (2003) que se refere a, primeiro, decidir que se ama outra pessoa e posteriormente, ao compromisso de manter esse amor. Inclui fidelidade e lealdade.

Exemplos:

- Namorar

...pedir a uma menina para ser namorado, hum hum.... (sujeito 6)

- Casar

É uma pessoa casar com outra... (sujeito 8)

IV. 8. Necessidade

O padrão de emoções de amor e apego é fundamental para a evolução humana, para o desenvolvimento normativo, para a mentalidade humana e para a adaptação efectiva (Izard, 2009). Daí a importância do amor, visto nesta categoria como uma *necessidade*.

Exemplos:

- Todos temos que sentir uma vez na vida

...que pelo menos uma vez na vida temos que sentir... (sujeito 40)

- Precisamos de amor para ser felizes

...todos nós precisamos de amor na vida para sermos felizes! (sujeito 40)

- Ter alguém importante na vida

...é importante perseguirmos algo em que acreditamos e seguirmos determinada pessoa ou alguém que nos diga alguma coisa e que seja importante na nossa vida. (sujeito 40)

IV. 9. Tipos de Amor

De acordo com Slepj (1998), as formas de amor mais importantes e geralmente praticadas são: o amor materno e paterno, o amor fraterno e o amor erótico. Deste modo, procurámos englobar nesta categoria, os tipos de amor referidos pelos sujeitos, que foram além dos referidos.

Exemplos:

- Amizade

...há vários tipos de amor: há a amizade... (sujeito 31)

- Amor materno/paterno

... amor da mãe para o filho também... (sujeito 31)

- Amor fraterno

...o amor ao nível de irmãos... (sujeito 39)

- Amor pela família (outros elementos)

Há diferentes tipos de amor: há amor de família... (sujeito 25)

- Amor pelo namorado

Há diferentes tipos de amor: ...a pessoa cara metade ... (sujeito 25)

- Amor por qualquer pessoa

...podemos sentir amor por qualquer pessoa...(sujeito 40)

IV.10. Não sei

IV.11. Não respondeu

TEMA V- PAIXÃO

Subjacente a este tema encontraram-se as categorias *Sentimento, Experiência Emocional, Pensamento, Necessidade, Gostar de Alguém, Sentir Fisiológico, Algo indefinido, Não Sei e Não Respondeu.*

V. 1. Sentimento

A paixão é habitualmente colocada na zona dos sentimentos de amor (Slepoj, 1998), como a sua manifestação mais exacerbada e excessiva (Amado, 2010). Na categoria *sentimento* procurámos incluir elementos que o caracterizam.

Exemplos:

- Intenso/muito forte

É um sentimento muito forte... (sujeito 35)

- Repentino

...quando sentes algo muito forte repentinamente... (sujeito 27)

- Efémero

...é uma coisa passageira... (sujeito 26)

...ao fim de algum tempo vai passando... (sujeito 31)

- Impulsivo

...impulsivo... (sujeito 35)

- Quase irracional

...uma coisa quase irracional... (sujeito 40)

- Superficial

...algo superficial mas forte... (sujeito 29)

- Incoerente

...parece que não faz muito sentido... (sujeito 34)

- Cíclico

...pode acabar por acalmar e tornar-se menos intensa... (sujeito 35)

...depois começa a ser uma coisa mais forte, mais intensa, menos imatura, mais trabalhada... (sujeito 35)

- Começo do amor

...anterior ao amor... (sujeito 36)

- Componente do amor

...é um pequeno fragmento do amor... (sujeito 22)

...o amor acaba depois por englobar também a paixão (sujeito 40)

- A mesma coisa que amor

...é a mesma coisa que o amor... (sujeito 18)

V.2. Experiência Emocional

A instabilidade emocional é frequente nos apaixonados. Várias emoções intensas como alegria, medo, ansiedade, dúvida, calma e ciúme podem suceder-se num curto período de tempo (Amado, 2010).

Exemplos:

- Emoção muito forte

É uma emoção assim muito forte... (sujeito 31)

- Sentir algo ao conhecer alguém

...quando se sente algo por uma pessoa ao conhecê-la... (sujeito 36)

- Apaixonar-se

Quando tou apaixonada... (sujeito 16)

- Loucura

...com muita loucura... (sujeito 40)

...estar "louca" por essa pessoa... (sujeito 16)

- Atracção incontrolável

...quando me sinto atraído por uma pessoa do sexo oposto... (sujeito 22)

V. 3. Pensamento

Uma das características da paixão referidas por Sternberg (2003) é o pensamento obsessivo sobre a pessoa amada.

Exemplos:

- Só pensamos na pessoa

...estar sempre a pensar nessa pessoa... (sujeito 25)

V. 4. Necessidade

O âmagô da paixão é uma necessidade activa, ou seja, consciente de que desejamos intensamente algo de alguém (Sternberg, 2003).

Exemplos:

- Só querer estar com a pessoa

...tens que estar com aquela pessoa agora! (sujeito 29)

- Entrega total

...quando se sente aquela necessidade de entrega total (sujeito 35)

- Desejo

...porque desejo uma pessoa... (sujeito 32)

V. 5. Gostar de alguém

Tal como na amizade e no amor, o termo gostar traduz sentimentos de proximidade, ligação e afecto em relação ao outro (Sternberg, 2003)

Exemplos:

- Gostar muito de uma pessoa

A paixão é... uma pessoa que gosta da outra... (sujeito 14)

...porque gosto muito dessa pessoa... (sujeito 11)

- Alguém que me faz sentir melhor

...quando estou ao lado de uma pessoa e essa pessoa me faz sentir melhor. (sujeito 15)

V. 6. Sentir fisiológico

A paixão pode ser caracterizada por um conjunto de impulsos associados à atracção física, ao romance e ao acto sexual (Sternberg, 2003).

Exemplos:

- Uma “coisa”/dor no coração

...como se fosse assim alguma coisa aqui no coração quando a vimos (aquela pessoa) (sujeito 16)

- Sente-se no corpo/adrenalina muito forte

...o teu corpo sente uma adrenalina muito forte... (sujeito 35)

- Tremores

É uma coisa que nos faz tremer tanto... (sujeito 15)

V. 7. Algo indefinido

A categoria *algo indefinido* deriva do referido por Lecoq e Rimé (2009), no sentido em que a paixão é conhecida como uma “doença da alma” que por vezes é erradicada, ou pelo contrário, exaltada, devido à extraordinária energia que transmite àquele que a sente.

Exemplos:

- Momento de imaturidade

...momento de maior imaturidade... (sujeito 35)

- Algo incrível

...é algo impressionante... (sujeito 40)

- Sal da vida

É o sal da vida! (sujeito 40)

- Difícil de descrever

...é muito mais difícil descrever... (sujeito 40)

- Acaba quando conhecemos a pessoa

...é aquilo que acaba quando conhecemos a pessoa... (sujeito 34)

- Não sei

- Não respondeu

V.8. Não Sei

V.9. Não Respondeu

3. Descrição e análise dos resultados

A análise de dados relativa ao guião de entrevista é uma análise de dados qualitativa, dado que se tratam de entrevistas submetidas a análise de conteúdo.

3.1. Análise Descritiva dos Temas

O quadro 2 comporta a totalidade da informação categorizada a partir do discurso dos sujeitos nos cinco temas identificados (se o sujeito repetisse a mesma unidade de sentido era apenas considerada uma única vez).

A análise do quadro e do Gráfico 1 permitiu-nos verificar que o tema I, *Sentimentos*, comportava o maior volume de informação (23,2%).

O Tema IV, *Amor*, continha o segundo maior volume de informação (21,8 %), muito próximo do Tema III, *Amizade* (21, 2%). O tema V, *Paixão*, apresentou o quarto valor (18,6%) e o Tema II, *Emoções*, apresentou o menor valor (15,1%).

Quadro 2 – Volume de informação dos Temas

Temas	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
I - Sentimentos	21	3,2	30	4,6	51	7,8	49	7,5	151	23,2
II - Emoções	20	3,1	17	2,6	33	5,1	28	4,3	98	15,1
III - Amizade	20	3,1	25	3,8	33	5,1	60	9,2	138	21,2
IV - Amor	18	2,8	25	3,8	40	6,2	59	9,1	142	21,8
V - Paixão	20	3,1	19	2,9	30	4,6	52	8	121	18,6
Total	99	15,2	116	17,8	187	28,7	248	38,2	650	100

A análise tendo em conta as idades (5, 10, 15, 20 anos), permitiu-nos verificar que o maior volume de informação ocorria no Tema I, *Sentimentos* (23,20%), em todos os grupos, à excepção dos jovens com 20 anos (7,5%).

O Tema IV, *Amor*, foi o segundo mais referido pelos quatro grupos (21,8%) e, neste caso, encontrámos maior volume de informação nos jovens com 20 anos (9,1%).

O Tema III, *Amizade*, foi o terceiro mais referido, pelo conjunto dos sujeitos (21,2%) e, neste caso, são também os jovens de 20 anos, os que apresentam maior número de referências (9,2%).

O Tema V, *Paixão*, foi o quarto mais referido, pelo conjunto dos quatro grupos (18,6%), sendo o grupo dos jovens de 20 anos, o que apresenta maior número de informação (8%).

O Tema II, *Emoções*, obteve o menor número de informação no conjunto dos quatro grupos (15,1%). Foram os sujeitos de 15 anos os que apresentaram mais referências neste tema (5,1%).

Na globalidade dos temas o grupo com maior volume de referências foi o grupo dos 20 anos (38,2%) seguido pelo grupo dos 15 anos (28,7%). O grupo dos 10 anos foi o terceiro grupo com mais referências (17,8%) e o grupo dos 5 anos foi o grupo com menos referências (15,2%).

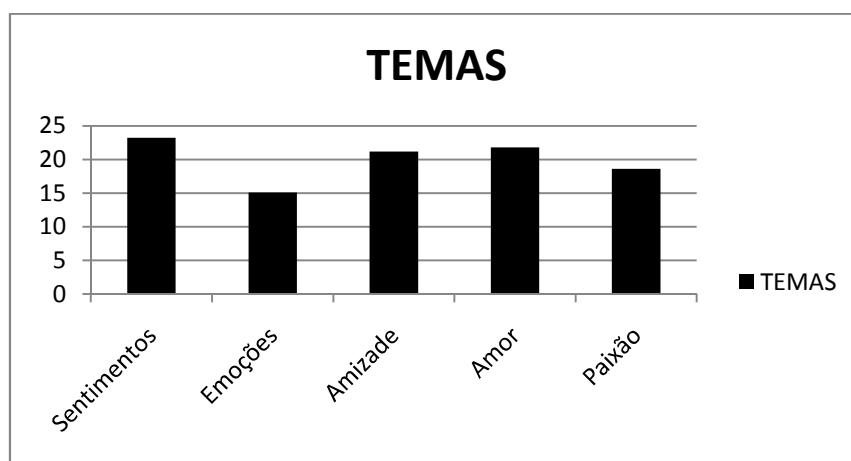


Gráfico 1 – Volume de informação dos temas

3.2. Análise do Tema I – Sentimentos

No tema I, Sentimentos, foram identificadas oito categorias, as sete primeiras mais associadas à definição de sentimentos e relativas a *algo que se sente, algo que se pensa, estados emocionais, reacções emocionais e reacções fisiológicas, não sei e não respondeu*, e a última relativa a *tipos de sentimentos*. Estas categorias resultaram das respostas às questões “O que são para ti sentimentos?” e “Podes dar exemplos de sentimentos?”.

A análise do quadro 3 permitiu-nos observar que a categoria *tipos de sentimentos* foi a mais referida pelo conjunto dos sujeitos (54,3%). A segunda categoria mais referida foi *algo que se sente* (28,55%). As categorias referidas apresentam um volume de informação muito superior em relação às restantes.

A categoria *não sei* foi a terceira categoria mais referida pelo conjunto dos sujeitos (6%), sendo que este valor é influenciado pelo resultado do grupo das crianças com 5 anos (5,3%).

As categorias *algo que se pensa* e *estados emocionais* obtiveram igual volume de informação (2,6%).

As categorias *reações emocionais*, *reações fisiológicas* e *não respondeu*, obtiveram o menor volume de informação no conjunto dos quatro grupos (2%).

Quadro 3 - Tema 1 – Sentimentos

Categorias	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1. Algo que se sente	3	2	10	6,6	21	13,9	9	6	43	28.5
2. Algo que se pensa					1	0,7	3	2	4	2.6
3. Estados Emocionais			1	0,7			3	2	4	2.6
4. Reações Emocionais							3	2	3	2
5. Reações Fisiológicas							3	2	3	2
6. Tipos de sentimentos	8	5,3	17	11,2	29	19,2	28	18,5	82	54.3
7. Não Sei	8	5,3	1	0,7					9	6
8. Não Respondeu	2	1,3	1	0,7					3	2
Total	21	13,9	30	19,9	51	33,8	49	32,5	151	100

Analisando o quadro 3 de acordo com a idade verificamos que o grupo com maior volume de informação foi o grupo dos 15 anos (33,8%), seguido pelo grupo dos 20 anos (32,5%). O terceiro grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (19,9%) e com menor número de referências encontramos o grupo dos 5 anos (13,9%).

No grupo dos 15 anos as categorias mais referidas foram as categorias *tipos de sentimentos* (19,2%) e *algo que se sente* (13,9%). A categoria menos referida foi a categoria *algo que se pensa* (0,7%). No grupo dos 20 anos a categoria mais referida

foi a categoria *tipos de sentimentos* (18,5%) e as menos referidas foram as categorias *algo que se pensa*, *estados emocionais*, *reações emocionais* e *reações fisiológicas* (2%). No grupo dos 10 anos também se verificou um maior número de referências na categoria *tipo de sentimentos* (11,2%) e as categorias menos referidas foram as categorias *estados emocionais*, *não sei* e *não respondeu* (0,7%). No grupo dos 5 anos as categorias mais referidas foram as categorias *não sei* e *tipos de sentimentos* (5,3%). A categoria menos referida foi a categoria *não respondeu* (1,3%).

3.2.1. Análise das categorias do Tema I

3.2.1.1. Algo que se sente

A categoria *algo que se sente* integra três sub-categorias, como podemos observar no quadro 4, ou seja, algo que se sente *por outro (s)* ou *por si próprio* e algo *indefinido*.

A sub-categoria mais referida foi algo que se sente *indefinido* (62,8%), seguida da sub-categoria algo que se sente *por outro (s)* (34,9%). A sub-categoria menos referida foi algo que se sente *por si próprio* (2,3%).

Quadro 4 - Análise da Categoria 1- Algo que se sente

Categoria 1 - Algo que se sente	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.1. Por outro (s)			3	7	8	18,6	4	9,3	15	34,9
1.2. Por si próprio					1	2,3			1	2,3
1.3. Indefinido	3	7	7	16,3	12	27,9	5	11,6	27	62,8
Total	3	7	10	23,2	21	48,8	9	20,9	43	100

O quadro anterior indica que o maior volume de informação foi produzido pelos sujeitos dos quatro grupos na sub-categoria *indefinido* (62,8%). A sub-categoria *por outro (s)* foi a segunda sub-categoria mais referida pelo grupo dos 15 anos (18,6%) e a sub-categoria *por si próprio* apenas foi referida por este grupo (2,3%). O grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (48,8%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 10 anos (23,2%), ao qual se seguiu o grupo dos 20 anos (20,9%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (7%).

3.2.1.1.1. Por outro (s)

Analisando o quadro 5 verifica-se que a sub-categoria *por outro (s)* integra quatro sub-sub-categorias, duas mais gerais, *gostar de uma pessoa* e *afinidade com uma pessoa*, e duas mais específicas, algo que se sente *pelos familiares* e algo que se sente *pelos amigos*. A sub-sub-categoria mais vezes referida pelo conjunto dos sujeitos foi *gostar de uma pessoa* (73,3%), tendo a sub-sub-categoria *pelos familiares* obtido o segundo valor (13,3 %). As sub-sub categorias *pelos amigos* e *afinidade com uma pessoa* foram referidas o mesmo e o menor número de vezes (6,7%).

Quadro 5 - Análise da Sub-Categoria 1.1. Por outro (s)

Sub-Categoria 1.1. Por outro (s)	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.1.1. Gostar de uma pessoa			3	20	5	33,3	3	20	11	73,3
1.1.2. Pelos familiares					2	13,3			2	13,3
1.1.3. Pelos amigos					1	6,7			1	6,7
1.1.4. Afinidade com uma pessoa							1	6,7	1	6,7
Total			3	20	8	53,3	4	26,7	15	100

O quadro anterior indica que o maior volume de informação foi produzido pelos sujeitos dos três grupos na sub-sub-categoria *gostar de uma pessoa* (73,3%), uma vez que o grupo dos 5 anos não referiu nenhuma das sub-sub-categorias. As sub-sub-categorias *pelos familiares* (13,3%) e *pelos amigos* (6,7%) foram apenas referidas pelo grupo dos quinze anos e *afinidade com uma pessoa* (6,7%) pelo grupo dos 20 anos.

O grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (53,3%), seguido pelo grupo dos 20 anos (26,7%). À excepção do grupo dos 5 anos, o grupo dos 10 anos foi o grupo com menor número de referências (20%).

3.2.1.1.2. Indefinido

Analisando o quadro 6 verifica-se que a sub-categoria indefinido, integra 10 sub-sub-categorias: *algo que sentimos interiormente*; *algo que se sente por alguma coisa*; *algo que nasce dentro de nós*; *algo que não conseguimos explicar*; *algo que a pessoa*

demonstra; algo que surge com o tempo; uma coisa complicada; uma coisa boa; algo que tento viver e estar de férias em casa/praias.

A sub-sub-categoria mais referida foi *algo que sentimos interiormente* (44,4%). A segunda sub-sub-categoria que mais referências obteve foi *algo que surge com o tempo* (11,1). Em terceiro lugar as sub-sub-categorias mais referidas foram *algo que se sente por alguma coisa, algo que a pessoa demonstra, uma coisa complicada e estar de férias em casa/praias* (7,4%). As sub-sub-categorias menos referidas foram *algo que nasce dentro de nós, algo que não conseguimos explicar, uma coisa boa e algo que tento viver* (3,7%).

Quadro 6 - Análise da Sub-Categoria 1.3. Indefinido

Sub-Categoria 1.3. Indefinido	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.3.1. Algo que sentimos interiormente			5	18,5	4	14,8	3	11,1	12	44,4
1.3.2. Algo que se sente por alguma coisa					2	7,4			2	7,4
1.3.3. Algo que nasce dentro de nós							1	3,7	1	3,7
1.3.4. Algo que não conseguimos explicar							1	3,7	1	3,7
1.3.5. Algo que a pessoa demonstra					2	7,4			2	7,4
1.3.6. Algo que surge com o tempo			1	3,7	2	7,4			3	11,1
1.3.7. Uma coisa complicada					2	7,4			2	7,4
1.3.8. Uma coisa boa	1	3,7							1	3,7
1.3.9. Algo que tento viver			1	3,7					1	3,7
1.3.10. Estar de férias em casa /praias	2	7,4							2	7,4
Total	3	11,1	7	25,9	12	44,4	5	18,5	27	100

Como se pode verificar no quadro anterior, a sub-sub-categoria mais referida por três dos quatro grupos, 10 anos, 15 anos e 20 anos foi *algo que sentimos*

interiormente (44,4%). As restantes sub-sub-categorias apresentam valores muito próximos, distribuídos pelos quatro grupos.

O grupo que apresenta mais referências é o grupo dos 15 anos (44,4%), ao qual se segue o grupo dos 10 anos (25,9%). O terceiro grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (18,5%). O grupo com menos referências foi o grupo dos 5 anos (11,1%).

3.2.1.2. Algo que se pensa

Através da análise do quadro 7 verifica-se que a categoria algo que se pensa integra três sub-categorias, *pensamentos que se manifestam no corpo*, *pensamentos profundos do ser humano* e *algo que a pessoa pensa*. Destas sub-categorias, a mais referida foi *pensamentos que se manifestam no corpo* (50%). As sub-categorias *pensamentos profundos do ser humano* e *algo que a pessoa pensa* foram referidas o mesmo número de vezes (25%).

Quadro 7 - Análise da Categoria 2- Algo que se pensa

Categoria 2 - Algo que se pensa	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
2.1. Pensamentos que se manifestam no corpo							2	50	2	50
2.2. Pensamentos profundos do ser humano							1	25	1	25
2.3. Algo que a pessoa pensa					1	25			1	25
Total					1	25	3	75	4	100

Através da análise do quadro anterior verifica-se que as sub-categorias *pensamentos que se manifestam no corpo* e *pensamentos profundos do ser humano* foram referidas por sujeitos do grupo dos 20 anos e este foi o grupo com maior número de referências (75%). A sub-categoria *algo que a pessoa pensa* foi referida por sujeitos do grupo dos 15 anos (25%).

3.2.1.3. Estados Emocionais

Ao analisarmos o quadro 8 podemos identificar como constituintes da categoria estados emocionais, as sub-categorias *estados de alma* e *reflectem a nossa forma de estar*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *reflectem a nossa forma de estar* (75%).

Quadro 8 - Análise da Categoria 3 - Estados Emocionais

Categoria 3 - Estados Emocionais	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.1. Estados de alma							1	25	1	25
3.2. Reflectem a nossa forma de estar			1	25			2	50	3	75
Total			1	25			3	75	4	100

O quadro anterior indica-nos que a sub-categoria *reflectem a nossa forma de estar* foi referida por elementos do grupo dos 10 (25%). A sub-categoria *estados de alma* (25%) apenas foi referida por sujeitos do grupo dos 20 anos, tendo sido este o grupo com maior número de referências (75%).

3.2.1.4. Reacções Emocionais

Analisando o quadro 9 verifica-se que a categoria Reacções Emocionais integra duas sub-categorias, *positivas* e *negativas*. A sub-categoria que obteve mais referências foi a sub-categoria *negativas* (66,7%). A sub-categoria *positivas*, foi a menos referida (33,3%).

Quadro 9 - Análise da Categoria 4 - Reacções Emocionais

Categoria 4 - Reacções Emocionais	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.1. Positivas							1	33,3	1	33,3
4.2. Negativas							2	66,7	2	66,7
Total							3	100	3	100

Como se pode verificar no quadro anterior ambas as sub-categorias foram referidas por sujeitos do grupo dos 20 anos.

3.2.1.4.1. Positivas

Ao analisarmos o quadro 10 podemos verificar que a sub-categoria positivas integra uma sub-sub-categoria, *estar feliz*. Esta sub-sub-categoria foi referida pelo grupo dos 20 anos.

Quadro 10 - Análise da Sub-Categoria 4.1. Positivas

Sub-Categoria 4.1. Positivas	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.1. 1. Estar feliz							1	100	1	100
Total							1	100	1	100

3.2.1.4.2. Negativas

Através da análise do quadro 11 verificamos que a sub-categoria negativas integra duas sub-sub-categorias, *estar triste* e *estar com saudades*. As duas sub-sub-categorias foram referidas igual número de vezes (50%).

Quadro 11 - Análise da Sub-Categoria 4.2. Negativas

Sub-Categoria 4.2. Negativas	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.2. 1. Estar triste							1	50	1	50
4.2. 2. Estar com saudades							1	50	1	50
Total							2	100	2	100

Como já foi referido na análise dos dois quadros anteriores, as sub-sub-categorias do presente quadro, foram referidas pelo grupo dos 20 anos.

3.2.1.5. Reações Fisiológicas

Analisando o quadro seguinte podemos verificar que a categoria reações fisiológicas apresenta três sub-categorias, *acto químico do corpo*, *sentir frio* e *sentir calor*. As três sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (33,3%).

Quadro 12 - Análise da Categoria 5 - Reações Fisiológicas

Categoria 5 - Reações Fisiológicas	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.1. Acto químico do corpo							1	33,3	1	33,3
5.2. Sentir frio							1	33,3	1	33,3
5.3. Sentir Calor							1	33,3	1	33,3
Total							3	100	3	100

O quadro anterior indica que todas as sub-categorias foram referidas pelo grupo dos 20 anos.

3.2.1.6. Tipos de sentimentos

Analisando o quadro seguinte verifica-se que a categoria tipos de sentimentos inclui quatro sub-categorias, *positivos*, *negativos*, *não sei* e *não respondeu*. A sub-categoria que obteve maior volume de informação foi a sub-categoria *positivos* (62,2%). A sub-categoria *negativo* foi a segunda mais referida (28%). As sub-categorias *não sei* e *não respondeu* obtiveram o mesmo valor (4,9%).

Quadro 13 - Análise da Categoria 8 - Tipos de sentimentos

Categoria 8 - Tipos de sentimentos	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
8.1. Positivos			13	15,8	21	25,6	17	20,7	51	62,2
8.2. Negativos			4	4,9	8	9,7	11	13,4	23	28
8.3. Não sei	4	4,9							4	4,9
8.4. Não respondeu	4	4,9							4	4,9
Total	8	9,8	17	20,7	29	35,4	28	34,1	82	100

A análise do quadro 13 permite-nos observar que os grupos com maior número de referências foram os grupos dos 15 (35,4%) e dos 20 anos (34,1%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (9,8%).

A sub-categoria *positivos* foi a mais referida pelos quatro grupos (62,2%), à excepção do grupo dos 5 anos. O mesmo aconteceu com a sub-categoria *negativos*, tendo sido a segunda mais referida (28%). As sub-categorias *não sei* e *não respondeu* foram referidas apenas pelo grupo dos 5 anos (9,8%).

3.2.1.6.1. Positivos

O quadro seguinte indica-nos que a sub-categoria positivos integra nove sub-sub-categorias: *amor*, *amizade*, *paixão*, *alegria*, *felicidade*, *justiça*, *carinho*, *ternura* e *afecto*. A sub-sub-categoria mais referida foi o *amor* (41,2%). A segunda sub-sub-categoria mais referida foi a *amizade* (19,6%), seguida pela *paixão* (13,7%). A quarta sub-sub-categoria mais referida foi a *felicidade* (9,8%) e em quinto lugar ficou o *carinho* (7,8%). As sub-sub-categorias *alegria*, *justiça*, *ternura* e *afecto* apresentam igual número de referências (2%).

Quadro 14 - Análise da Sub-Categoria 8.1. Positivos

Sub-Categoria 8.1. Positivos	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
8.1.1. Amor			7	13,7	7	13,7	7	13,7	21	41,2
8.1.2. Amizade			3	5,9	4	7,8	3	5,9	10	19,6
8.1.3. Paixão			1	2	3	5,9	3	5,9	7	13,7
8.1.4. Alegria							1	2	1	2
8.1.5. Felicidade			2	3,9	2	3,9	1	2	5	9,8
8.1.6. Justiça							1	2	1	2
8.1.7. Carinho					3	5,9	1	2	4	7,8
8.1.8. Ternura					1	2			1	2
8.1.9. Afecto					1	2			1	2
Total			13	25,5	21	41,2	17	33,3	51	100

Analisando o quadro 14 podemos verificar que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (41,2%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 20 anos (33,3%). O grupo dos 5 anos não referiu nenhuma sub-categoria.

A sub-sub-categoria *amor* foi a mais referida por todos os grupos (41,2%). A sub-sub-categoria *amizade* foi também a segunda mais referida por todos os grupos (19,6%).

3.2.1.6.2. Negativos

Analisando o quadro 15 podemos verificar que a sub-categoria negativos é composta por nove sub-sub-categorias: *ódio*, *raiva*, *tristeza*, *saudade*, *sofrimento*, *dor*, *revolta*, *vingança* e *medo*. A sub-sub-categoria mais referida foi a tristeza (34,8%). A segunda mais referida foi o ódio (21,7%) e a terceira sub-sub-categoria mais referida foi a raiva (17,45). As restantes sub-sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (4,3%).

Quadro 15 - Análise da Sub-Categoria 8.2. Negativos

Sub-Categoria 8.2. Negativos	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
8.2.1. Ódio					2	8,7	3	13	5	21,7
8.2.2. Raiva					2	8,7	2	8,7	4	17,4
8.2.3. Tristeza			3	13	3	13	2	8,7	8	34,8
8.2.4. Saudade							1	4,3	1	4,3
8.2.5. Sofrimento							1	4,3	1	4,3
8.2.6. Dor							1	4,3	1	4,3
8.2.7. Revolta							1	4,3	1	4,3
8.2.8. Vingança					1	4,3			1	4,3
8.2.9. Medo			1	4,3					1	4,3
Total			4	17,4	8	34,8	11	47,8	23	100

Analisando o quadro anterior podemos verificar que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (47,8%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 15 anos (34,8%). O grupo dos 10 anos foi o grupo com menos referências (17,4%) tendo em conta que o grupo dos 5 anos não referiu nenhuma das sub-categorias.

A sub-sub-categoria tristeza foi a mais referida por todos os grupos (34,8%). O ódio foi o segundo mais referido pelos grupos dos 15 e dos 20 anos (21,7%) e a raiva foi a terceira mais referida por esses mesmos grupos (17,4%).

3.2.1.7. Não sei

Através da análise do quadro 16 verifica-se que a categoria *não sei*, foi referida maioritariamente pelo grupo dos 5 anos (88,9%), seguida pelo grupo dos 10 anos (11,1%).

Quadro 16 - Análise da Categoria 6 – Não Sei

Categoria 5 – Não sei	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total	8	88,9	1	11,1					9	100

3.2.1.8. Não Respondeu

Através da análise do quadro 17 podemos verificar que a categoria *não respondeu* foi referida pelo grupo dos 5 anos (66,7%), e pelo grupo dos 10 anos (33,3%).

Quadro 17 - Análise da Categoria 5 – Não Respondeu

Categoria 5 – Não Respondeu	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total	2	66,7	1	33,3					3	100

Síntese dos Resultados do Tema I – Sentimentos

No tema I as categorias mais referidas pelo conjunto dos sujeitos foram as categorias *tipos de sentimentos* (54,3%) e *algo que se sente* (28,55%). As categorias *reações emocionais*, *reações fisiológicas* e *não respondeu*, obtiveram o menor volume de informação no conjunto dos quatro grupos (2%).

Analisando o conjunto das categorias do tema I de acordo com a idade, verificámos que o grupo com maior volume de informação foi o grupo dos 15 anos (33,8%), seguido pelo grupo dos 20 anos (32,5%). O terceiro grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (19,9%) e com menor número de referências encontramos o grupo dos 5 anos (13,9%).

Analisando as categorias relativas ao tema *Sentimentos* é clara a dificuldade que existe na definição deste tema e a sua distinção com o tema das *Emoções*. Tal como refere Melo (2005) é habitual verificar-se alguma confusão terminológica entre os dois termos e é difícil delimitar fronteiras entre ambos (Slepoj, 1998), uma vez que se encontram intimamente relacionados (Damásio, 2003a). Apesar de pertencerem a um ciclo muito apertado, a essência da emoção e a essência do sentimento são diferentes. Enquanto as emoções se traduzem pelas acções que ocorrem no nosso corpo, desde as expressões faciais e posições do corpo até às mudanças nas vísceras e meio interno, os sentimentos são percepções compostas daquilo que se passa no corpo e na mente quando sentimos emoções (Damásio, 2010).

No que diz respeito à categoria *algo que se sente*, a sub-categoria mais referida foi algo que se sente *indefinido* (62,8%), seguida da sub-categoria algo que se sente *por outro (s)* (34,9%). A sub-categoria menos referida foi algo que se sente *por si próprio* (2,3%). Nesta categoria, o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (48,8%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 10 anos (23,2%), ao qual se seguiu o grupo dos 20 anos (20,9%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (7%). Parece nos ser possível ligar a categoria algo que sente às “*percepções daquilo que o nosso corpo faz durante a emoção, a par das percepções do estado da nossa mente durante o mesmo período de tempo*” (Damásio, p. 143, 2010). Podemos também associar as sub-categorias da categoria *algo que sente* ao referido por Frijda (2008) no sentido em que os sentimentos podem ser caracterizados por um objecto, a sua avaliação e uma propensão latente e disposicional para agir em relação a esse objecto. A maior percentagem na sub-categoria indefinido traduz novamente a dificuldade da definição deste conceito.

Das sub-sub-categorias que constituíram a sub-categoria *Indefinido*, a mais referida foi a sub-sub-categoria *algo que sentimos interiormente* (44,4%). As sub-categorias desta categoria revelam-nos algumas características dos sentimentos encontradas na literatura, nomeadamente as sub-sub-categorias *algo que sentimos interiormente* e *algo que nasce dentro de nós* que reflectem o carácter interno e privado dos sentimentos (Damásio, 200). A sub-categoria *algo que surge com o tempo* faz alusão à questão temporal, uma vez que os sentimentos podem persistir ao longo da vida. No caso da sub-categoria *Por outro (s)*, a sub-sub-categoria mais referida pelo conjunto dos grupos foi *gostar de uma pessoa* (73,3%). Mais uma vez a questão do objecto referida por Fridja (2008).

Das quatro sub-categorias que constituem a categoria *tipos de sentimentos*, a sub-categoria que obteve maior volume de informação foi a sub-categoria *positivos* (62,2%). Referente à mesma, as sub-sub-categorias *amor* (41,2%) e *amizade* (19,6%) foram as que apresentaram o maior número de referências. A sub-categoria *negativo* foi a segunda mais referida (28%), sendo que a *tristeza* (34,8%) e o *ódio* (21,7%), apresentaram os valores mais altos. As sub-categorias *não sei* e *não respondeu* obtiveram o mesmo valor (4,9%), por sujeitos dos grupos dos 10 e dos 5 anos. Os grupos com maior número de referências foram os grupos dos 15 (35,4%) e dos 20 anos (34,1%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (9,8%).

Na categoria *reações emocionais*, a sub-categoria *reações emocionais negativas* (estar triste e estar com saudades) apresentou maior número de referências (66,7%) que a sub-categoria *reações emocionais positivas* (estar feliz) (33,3%) e ambas foram apenas referidas pelo grupo dos 20 anos. A categoria *reações emocionais* e as suas sub-sub-categorias *estar feliz*, *estar triste* e *estar com saudades* reflectem a relação e a continuidade entre sentimentos e emoções. Estas sub-sub-categorias foram referidas pelos sujeitos como sentimentos, no entanto, agrupámo-las na categoria *reações emocionais* devido às suas características de curta duração e grande intensidade (Slepoj, 1998). Para além disso, estas *reações emocionais* podem ser visíveis publicamente, no rosto, na voz, ou em comportamentos específicos (Damásio, 2003a).

A categoria *reações fisiológicas* também foi referida apenas pelo grupo dos 20 anos. A categoria *não respondeu* foi referida pelo grupo dos 5 (66,7%) e dos 10 anos (33,3%).

Uma vez que é habitual a confusão terminológica entre sentimentos e emoções não será estranho que os sujeitos entrevistados tenham sentido algumas dificuldades em definir estes dois conceitos. No entanto, após a análise dos resultados é curioso verificar o quão próximo se encontraram das definições propostas na literatura.

A maior percentagem de resposta na categoria *tipos de sentimentos* demonstra a dificuldade da definição do conceito *sentimentos*. É mais simples dar exemplos daquilo que pensamos ser um sentimento do que propriamente defini-lo. Um resultado interessante, ou talvez enviesado pelo conhecimento do tema deste trabalho, foi o facto dos exemplos de sentimentos positivos mais referidos terem sido o *amor* (41,2%), a *amizade* (19,6%) e a *paixão* (13,7%).

3. 3. Análise do Tema II – Emoções

No tema II, Emoções, foram identificadas cinco categorias, a primeira, *definição*, a segunda e a terceira relacionadas com tipos de reacções, *reacção emocional* e *reacção comportamental*, a quarta, *relação com sentimentos* e a última, *tipo de emoções*. Estas categorias resultaram das respostas às questões “O que são para ti emoções?” e “Podes dar exemplos de emoções?”.

A categoria que obteve maior volume de informação foi a categoria, *tipo de emoções* (41,8%). A categoria que obteve o segundo maior volume de informação foi a categoria, *definição* (25,5%). A terceira categoria mais referida foi a categoria *reacção comportamental* (20,4%). As categorias *relação com sentimentos* (7,1%) e *reacção emocional* (5,1%) foram as menos referidas.

Quadro 18 - Tema 2 – Emoções

Categorias	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1. Definição	10	10,2	3	3,1	12	12,2			25	25,5
2. Reacção emocional					1	1	4	4,1	5	5,1
3. Reacção comportamental			3	3,1	7	7,1	10	10,2	20	20,4
4. Relação com sentimentos							7	7,1	7	7,1
5. Tipo de emoções	10	10,2	11	11,2	13	13,3	7	7,1	41	41,8
Total	20	20,4	17	17,3	33	33,7	28	28,6	98	100

Analisando o quadro 18 verifica-se que o grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (33,7%). O segundo grupo com mais referências é o grupo dos 20 anos (28,6%). O grupo dos 5 anos apresenta o terceiro lugar no que respeita ao número de referências (20,4%), no entanto, este valor encontra-se associado às sub-categorias *não sei* e *não respondeu*. Deste modo o grupo dos 10 anos foi o grupo com menor número de referências (17,3%).

A categoria *tipo de emoções* foi a mais referida pelos quatro grupos, à excepção do grupo dos 20 anos. A categoria *definição* foi a segunda categoria mais referida pelos quatro grupos, também, à excepção do grupo dos 20 anos. A categoria

reação comportamental foi a mais referida pelo grupo dos 20 anos (10,2%) e a terceira mais referida pelo grupo dos 15 anos (7,1%). A categoria *relação com sentimentos* apenas foi referida pelo grupo dos 20 anos (7,1%). A categoria *reação emocional* foi a menos referida pelos grupos dos 15 (1%) e dos 20 anos (4,1%).

3.3.1. Análise das categorias do Tema II

3.3.1.1. Definição

A categoria definição inclui 11 sub-categorias: *algo que se sente no momento, sentidas à flor da pele, espécie de primeiro impacto, coisas que vivemos/passámos, momentos que marcam, estados de espírito, algo que magoa, gostar muito de uma coisa, não sei e não respondeu.*

Através da análise do quadro 19 verifica-se que a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *não sei* (32%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *algo que se sente no momento e não respondeu* (12%). As terceiras sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *coisas que vivemos/passámos, momentos que marcam e gostar muito de uma coisa* (8%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *sentidas à flor da pele, espécie de primeiro impacto, estados de espírito, algo que magoa e diversão* (4%).

Quadro 19 - Análise da Categoria 1- Definição

Categoria 1 - Definição	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.1. Algo que se sente no momento					3	12			3	12
1.2. Sentidas à flor da pele					1	4			1	4
1.3. Espécie de primeiro impacto					1	4			1	4
1.4. Coisas que vivemos/passámos					2	8			2	8
1.5. Momentos que marcam					2	8			2	8
1.6. Estados de espírito					1	4			1	4
1.7. Algo que magoa					1	4			1	4
1.8. Gostar muito de uma coisa			2	8					2	8
1.9. Diversão	1	4							1	4
1.10. Não Sei	8	32							8	32
1.11. Não Respondeu	1	4	1	4	1	4			3	12
Total	10	40	3	12	12	48			25	100

Analisando o quadro anterior podemos verificar que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (48%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 5 anos (40%), no entanto, esse valor advém principalmente da sub-categoria *não sei* (32%). O grupo dos 20 anos não referiu qualquer sub-categoria.

A sub-categoria *não sei* apenas foi referida pelo grupo dos 5 anos, tendo sido a sub-categoria mais referida por este grupo (32%). A sub-categoria *algo que se sente no momento* foi a sub-categoria mais referida pelo grupo dos 15 anos (12%) e só foi referida por esse grupo. A sub-categoria *gostar muito de uma coisa* foi a mais referida pelo grupo dos 10 anos (8%), tendo sido o único grupo que a referiu. A sub-categoria *não respondeu* foi referida o mesmo número de vezes pelos grupos dos 5, 10 e 15 anos (4%). As sub-categorias *momentos que marcam*, *coisas que vivemos/passámos* foram referidas apenas as pelo grupo dos 15 anos e foram as segundas mais referidas

por esse mesmo grupo (8%). As sub-categorias, *sentidas à flor da pele*, *espécie de primeiro impacto*, *estados de espírito* e *algo que magoa* também foram apenas referidas pelo grupo dos 15 anos e, em conjunto, com a sub-categoria *não respondeu* foram as menos referidas pelo grupo (4%).

3.3.1.2. Reacção Emocional

Através da análise do quadro 20 verificamos que a categoria Reacção Emocional integra duas sub-categorias, reacção emocional *impulsiva* e reacção emocional *espontânea*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria reacção emocional *espontânea* (80%).

Quadro 20 - Análise da Categoria 2- Reacção Emocional

Categoria 2 – Reacção Emocional	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
2.1. Impulsiva					1	20			1	20
2.2. Espontânea							4	80	4	80
Total					1	20	4	80	5	100

Através da análise do quadro anterior pode verificar-se que a sub-categoria reacção emocional *espontânea* foi referida pelo grupo dos 20 anos (80%) e a sub-categoria reacção emocional *impulsiva* pelo grupo dos 15 anos (20%).

3.3.1.3. Reacção comportamental

Analisando o seguinte quadro podemos verificar que a sub-categoria reacção comportamental integra duas sub-categorias, a sub-categoria reacção comportamental *positiva* e reacção comportamental *negativa*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria reacção comportamental *negativa* (60%).

Quadro 21 - Análise da Categoria 3 - Reacção comportamental

Categoria 3 - Reacção comportamental	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.1. Positiva					3	15	5	25	8	40
3.2. Negativa			3	15	4	20	5	25	12	60
Total			3	15	7	35	10	50	20	100

A análise do quadro 21 permite-nos verificar que a sub-categoria reacção comportamental *negativa* foi a mais referida pelo grupo dos 10 (15%) e dos 15 anos (20%). O grupo dos 20 anos referiu ambas as sub-categorias o mesmo número de vezes (25%).

3.3.1.3.1. Positiva

A sub-categoria reacção comportamental positiva é constituída por quatro sub-sub-categorias, *rir*, *gritar de alegria*, *chorar de alegria* e *amar*. A sub-sub-categoria mais referida foi *rir* (62,5%). As restantes sub-sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (12,5%).

Quadro 22 - Análise da Sub-Categoria 3.1. Positiva

Sub-Categoria 3.1. Positiva	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.1.1. Rir					1	12,5	4	50	5	62,5
3.1.2. Gritar de alegria					1	12,5			1	12,5
3.1.3. Chorar de alegria							1	12,5	1	12,5
3.1.4. Amar					1	12,5			1	12,5
Total					3	37,5	5	62,5	8	100

Analisando o quadro 22 pode-se verificar que a sub-sub-categoria *rir* foi a mais referida pelo grupo dos 20 anos (50%) e foi este o grupo com maior número de referências (62,5%). O grupo dos 15 anos referiu o mesmo número de vezes todas as

sub-sub-categorias (12,5%), à excepção da sub-sub-categoria *chorar de alegria*, que foi referida apenas pelo grupo dos 20 anos (12,5%). As sub-sub-categorias *gritar de alegria* (12,5%) e *amar* (12,5%) foram referidas apenas pelo grupo dos 15 anos.

3.3.1.3.2. Negativa

O quadro seguinte mostra-nos que a sub-categoria reacção comportamental negativa inclui duas sub-sub-categorias, *chorar* e *dor*. A sub-sub-categoria mais referida foi a sub-sub-categoria *chorar* (91,7%).

Quadro 23 - Análise da Sub-Categoria 3.2. Negativa

Sub-Categoria 3.2. Negativa	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.2.1. Chorar			3	25	4	33,3	4	33,3	11	91,7
3.2.2. Dor							1	8,3	1	8,3
Total			3	25	4	33,3	5	41,7	12	100

A análise do quadro anterior permite-nos verificar que o grupo com maior número de referências é o grupo dos 20 anos (41,7%). O segundo grupo com mais referências é o grupo dos 15 anos (33,3%) e o terceiro, o grupo dos 10 anos (25%).

A sub-sub-categoria *chorar* foi a mais referida pelos três grupos (91,7%). A sub-sub-categoria *dor* foi referida apenas pelo grupo dos 20 anos (8,3%).

3.3.1.4. Relação com sentimentos

O quadro 24 mostra que a categoria relação com sentimentos integra quatro sub-categorias, duas estão relacionadas com a expressão do sentimento, *expressão agradável de um sentimento* e *expressão fisiológica do sentimento* e as restantes referem-se a intensidade e duração, *mais intensa do que o sentimento* e *menos duradoura que o sentimento*.

A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *mais intensa do que o sentimento* (42,8%). A segunda sub-categoria mais referida foi a *expressão fisiológica*

do sentimento (28,6%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *expressão agradável de um sentimento* e *menos duradoura que o sentimento* (14,3%).

Quadro 24 - Análise da Categoria 4 - Relação com sentimentos

Categoria 4 – Relação com sentimentos	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.1. Expressão agradável de um sentimento							1	14,3	1	14,3
4.2. Expressão fisiológica do sentimento							2	28,6	2	28,6
4.3. Mais intensa do que o sentimento							3	42,8	3	42,8
4.4. Menos duradoura que o sentimento							1	14,3	1	14,3
Total							7	100	7	100

Analisando o quadro 24 pode verificar-se que todas as sub-categorias foram referidas pelo grupo dos 20 anos (100%).

3.3.1.5. Tipo de emoções

O quadro 25 indica que a categoria tipo de emoções é composta por quatro sub-categorias, tipos de emoções *positivas*, tipos de emoções *negativas*, *não sei* e *não respondeu*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *positivas* (34,1%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *negativas* (29,3%). A sub-categoria *não respondeu* (24,4%) foi a terceira mais referida e a menos referida foi a sub-categoria *não sei* (12,2%).

Quadro 25 - Análise da Categoria 5 - Tipo de emoções

Categoria 5 - Tipo de emoções	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.1. Positivas			4	9,7	6	14,6	4	9,7	14	34,1
5.2. Negativas			3	7,3	6	14,6	3	7,3	12	29,3
5.3. Não sei	4	9,7	1	2,4					5	12,2
5.4. Não respondeu	6	14,6	3	7,3	1	2,4			10	24,4
Total	10	24,4	11	26,8	13	31,7	7	17,1	41	100

O quadro anterior indica que o grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (31,7%). Os seguintes grupos com mais referências foram os grupos dos 10 (26,8%) e dos 5 anos (24,4%), no entanto, esse valor é influenciado pelas sub-categorias não sei e não respondeu. Assim, o grupo dos 20 anos foi o grupo com menos referências (17,1%), contudo, não teve qualquer referência nas sub-categorias anteriormente referidas.

A sub-categoria *positivas* foi a mais referida por todos os grupos (34,1%) à exceção do grupo dos 5 anos. A categoria mais referida pelo grupo dos 5 anos foi a sub-categoria *não respondeu* (14,6%) e a segunda mais referida por esse grupo foi a sub-categoria *não sei* (9,7%).

3.3.1.5.1. Positivas

O quadro seguinte indica que a sub-categoria *positivas* integra duas sub-sub-categorias, alegria e felicidade. A sub-sub-categoria mais referida foi a sub-sub-categoria alegria (71,4%).

Quadro 26 - Análise da Sub-Categoria 5.1. Positivas

Sub-Categoria 5.1. Positivas	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.1.1. Alegria			1	7,1	5	35,7	4	28,6	10	71,4
5.1.2. Felicidade			3	21,4	1	7,1			4	28,6
Total			4	28,6	6	42,8	4	28,6	14	100

O quadro anterior indica que o grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (42,8%), seguido pelos grupos dos 20 e dos 10 anos que tiveram igual número de referências (28,6%).

A sub-sub-categoria *alegria* foi a mais referida pelo grupo dos 15 (35,7%) e dos 20 anos (28,6%). A sub-sub-categoria mais referida pelo grupo dos 10 anos foi a *felicidade* (21,4%).

3.3.1.5.2. Negativas

A análise do quadro 27 permite-nos verificar que a sub-categoria *negativas* é constituída por três sub-sub-categorias, *medo*, *tristeza* e *ansiedade*. A sub-sub-

categoria mais referida foi a sub-sub-categoria *tristeza* (75%). A segunda sub-sub-categoria mais referida foi o *medo* (16,7%) e a menos referida a *ansiedade* (8,3%).

Quadro 27 - Análise da Sub-Categoria 5.2. Negativas

Sub-Categoria 5.2. Negativas	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.2.1. Medo							2	16,7	2	16,7
5.2.2. Tristeza			2	16,7	6	50	1	8,3	9	75
5.2.3. Ansiedade			1	8,3					1	8,3
Total			3	25	6	50	3	25	12	100

Através da análise do quadro 27 pode verificar-se que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (50%) e os grupos dos 20 e dos 10 anos têm igual número de referências (25%).

A sub-sub-categoria *tristeza* foi a mais referida pelos grupos dos 10 (16,7%) e dos 15 anos (50%). A sub-sub-categoria mais referida pelo grupo dos 20 anos foi o *medo* (16,7%). A sub-sub-categoria *ansiedade* só foi referida pelo grupo dos 10 anos (8,3%).

Síntese dos Resultados do Tema II – Emoções

No tema II, as categorias que obtiveram maior volume de informação foram as categorias, *tipo de emoções* (41,8%) e *definição* (25,5%). A terceira categoria mais referida foi a categoria *reação comportamental* (20,4%). As categorias *relação com sentimentos* (7,1%) e *reação emocional* (5,1%) foram as menos referidas.

Em relação ao tema no geral, o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (33,7%), seguido pelo grupo dos 20 anos (28,6%). O grupo dos 5 anos apresenta o terceiro lugar no que respeita ao número de referências (20,4%), no entanto, este valor encontra-se associado às sub-categorias *não sei* e *não respondeu*. Deste modo o grupo dos 10 anos foi o grupo com menor número de referências (17,3%).

Na categoria *tipo de emoções*, as sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *emoções positivas* (34,1%) e *emoções negativas* (29,3%). A sub-categoria *emoções positivas* foi a mais referida por todos os grupos (34,1%) à excepção do grupo dos 5 anos. As sub-categorias mais referidas por este grupo foram as sub-

categorias *não respondeu* (14,6%) e *não sei* (9,7%). No que diz respeito à sub-categoria *emoções positivas*, a sub-sub-categoria *alegria* foi a mais referida (71,4%). No caso das emoções negativas, foi a sub-sub-categoria *tristeza* (75%). As emoções referidas pelos sujeitos, à excepção da *ansiedade*, fazem parte das chamadas emoções primárias ou universais (Abe & Izard, 1999; Damásio, 2000; Damásio, 2003a; Kalat & Shiota, 2007).

Na categoria *definição* a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *não sei* (32%) por influência das respostas do grupo dos 5 anos. Para além desta, as sub-categorias mais referidas (12%) foram *algo que se sente no momento* e *não respondeu*. Esta categoria teve 11 sub-categorias com valores muito próximos. O grupo com mais referências nesta categoria foi o grupo dos 15 anos (48%) e o grupo dos 20 anos não fez qualquer referência. As sub-categorias que constituem a categoria *definição* remetem-nos para características das emoções referidas na literatura. Um bom exemplo é a definição de emoção proposta por Kalat e Shiota (2007), na qual a emoção é vista como resposta a um estímulo externo. A sua grande sensibilidade face às circunstâncias pessoais e contextuais é uma das causas da complexidade das emoções (Ben-Ze'ev, 2004). Se as emoções são desencadeadas por imagens de objectos ou acontecimentos que estão a ocorrer no momento ou que, tendo acontecido no passado, estão agora a ser evocados (Damásio, 2010) é natural que a sub-categoria *algo que se sente no momento* tenha sido uma das mais referidas pelos sujeitos entrevistados.

No que diz respeito à categoria *reação comportamental*, a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *reação comportamental negativa* (60%) e a sub-sub-categoria *chorar* (91,7%). Dentro da sub-categoria *reação comportamental positiva* (40%), a sub-sub-categoria mais referida foi *rir* (62,5%). Tanto as reacções comportamentais positivas como as negativas (à excepção do amar e da dor) fazem parte das alterações do estado do corpo, referidas por Damásio (2003b) que podem ser percebidas por um observador externo. As chamadas emoções universais são facilmente identificáveis, pois uma parte do seu programa de acção – as expressões faciais – é muito característica (Damásio, 2010).

A categoria *relação com sentimentos* foi apenas referida pelo grupo dos 20 anos e a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *mais intensa do que o sentimento* (42,8%). Nas sub-categorias da categoria *relação com sentimentos* encontram-se novamente as características da intensidade e curta duração das emoções e é enfatizado o seu carácter dirigido para o exterior. O sentimento está

associado á experiência mental e privada da emoção, enquanto as respostas que constituem uma emoção são, muitas vezes, publicamente observáveis (Damásio, 200).

Em relação à categoria *reação emocional* a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *espontânea* (80%) que foi referida pelo grupo dos 20 anos. Se o termo emoção diz respeito a um programa de acções relativamente complexo (que inclui mais do que uma ou duas reacções reflexas) que é desencadeado por um objecto ou acontecimento identificáveis (Damásio, 2010), a sub-categoria *espontânea* parece-nos bastante adequada.

3.4. Análise do Tema III – AMIZADE

Analisando o quadro 28 pode-se verificar que existem 11 categorias associadas ao tema III, *amizade*. Estas categorias resultaram das respostas às questões “Para ti o que é a amizade?” e “Como sabes que sentes amizade?”. A categoria mais referida pelos quatro grupos foi a categoria *gostar* (30,4%). A segunda categoria mais referida foi a categoria *solidariedade* (16,7%). Em terceiro lugar encontrou-se a categoria *sentimento* (15,9%). A quarta categoria mais referida foi a *partilha* (10,9%) e a quinta, a *confiança* (9,4%). A categoria *convivência* foi a sexta mais referida (6,5%). Seguiu-se a categoria *não respondeu* (4,3%) e a categoria *duração* (2,2%). As categorias *não sei* e *compreensão* foram referidas o mesmo número de vezes (1,4%). A categoria menos referida foi a categoria *cumplicidade* (0,7%).

Quadro 28 - Tema 3 - Amizade

Categorias	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1. Sentimento			1	0,7	3	2,2	18	13	22	15,9
2. Gostar	3	2,2	15	10,9	9	6,5	15	10,9	42	30,4
3. Convivência	5	3,6			1	0,7	3	2,2	9	6,5
4. Solidariedade			6	4,3	7	5,1	10	7,2	23	16,7
5. Partilha	5	3,6	1	0,7	2	1,4	7	5,1	15	10,9
6. Cumplicidade							1	0,7	1	0,7
7. Confiança			1	0,7	9	6,5	3	2,2	13	9,4
8. Compreensão							2	1,4	2	1,4
9. Duração					2	1,4	1	0,7	3	2,2
10. Não Sei	1	0,7	1	0,7					2	1,4
11. Não Respondeu	6	4,3							6	4,3
Total	20	14,5	25	18,1	33	23,9	60	43,5	138	100

Quando analisamos o quadro em relação à idade verificamos que o grupo com maior número de referências é o grupo dos 20 anos (43,5%). O segundo grupo com mais referências é o grupo dos 15 anos (23,9%) e o terceiro, o grupo dos 10 anos (18,1%). O grupo com menos referências é o grupo dos 5 anos (14,5%).

Analisando a relação idade e categorias verifica-se que a categoria *gostar* foi a mais referida pelo grupo dos 10 (10,9%) e dos 15 anos (6,5%) e a segunda pelo grupo dos 20 anos (10,9%). A categoria *solidariedade* apresenta mais referências no grupo dos 20 anos (7,2%). A categoria *sentimento* foi a terceira mais referida no geral (15,9%) e a mais referida pelo grupo dos 20 anos (13%).

3.4.1. Análise das categorias do Tema III

3.4.1.1. Sentimento

A análise do quadro 29 permite-nos verificar que a categoria sentimento inclui cinco sub-categorias: *complexo*, *muito forte*, *muito importante*, *forma de amor* e *muito bom/bem precioso*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *forma de amor* (59,1%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria sentimento *muito importante* (18,2%). As terceiras sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias sentimento *muito forte* e *bem precioso* (9,1%). A sub-categoria menos referida foi a sub-categoria sentimento *complexo* (4,5%).

Quadro 29 - Análise da Categoria 1- Sentimento

Categoria 1 - Sentimento	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.1. Complexo							1	4,5	1	4,5
1.2. Muito Forte							2	9,1	2	9,1
1.3. Muito importante					1	4,5	3	13,6	4	18,2
1.4. Forma de Amor			1	4,5			12	54,5	13	59,1
1.5. Muito bom/bem precioso					2	9,1			2	9,1
Total			1	4,5	3	13,6	18	81,8	22	100

O quadro anterior indica-nos que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (81,8%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 15 anos (13,6%) e o grupo com menos referências o grupo dos 10 anos (4,5%). O grupo dos 5 anos não referiu nenhuma destas sub-categorias.

Analisando a relação idade e sub-categorias verificamos que a sub-categoria *forma de amor* foi referida pelos grupos dos 10 e dos 20 anos, sendo que o maior número de referências se verificou no grupo dos 20 anos (54,5%). A sub-categoria sentimento *muito importante* foi referida pelo grupo dos 15 e dos 20 anos, verificando-se também maior número de referências no grupo dos 20 anos (13,5%). A sub-categoria sentimento *muito forte* apenas foi referida pelo grupo dos 20 anos (9,1%) e a sub-categoria *bem preciso* pelo grupo dos 15 anos (9,1%). A sub-categoria menos referida, sentimento *complexo*, foi referida somente pelo grupo dos 20 anos (4,5%).

3.4.1.1.2. Forma de Amor

O quadro seguinte indica que a sub-categoria forma de amor integra seis sub-sub-categorias que relacionam a amizade com o amor. As sub-sub-categorias mais referidas foram as sub-sub-categorias *menos profundo do que o amor* e *o amor faz parte da amizade* (30,8). A segunda sub-sub-categoria mais referida foi a sub-sub-categoria *mais fácil do que o amor* (15,4%). As sub-sub-categorias menos referidas foram as sub-sub-categorias *menor comprometimento do que no amor*, *menor exposição do que no amor* e *mais pura do que o amor* (7,7%).

Quadro 30 - Análise da Sub-Categoria 1.4. Forma de Amor

Sub-Categoria 1.4. Forma de Amor	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.4.1. Menos profundo do que o amor			1	7,7			3	23,1	4	30,8
1.4.2. Menor comprometimento do que no amor							1	7,7	1	7,7
1.4.3. Menor exposição do que no amor							1	7,7	1	7,7
1.4.4. Mais pura do que o amor							1	7,7	1	7,7
1.4.5. Mais fácil do que o amor							2	15,4	2	15,4
1.4.6. Amor faz parte da amizade							4	30,8	4	30,8
Total			1	7,7			12	92,3	13	100

O quadro anterior indica que todas as sub-sub-categorias foram referidas apenas pelo grupo dos 20 anos (92,3%), à exceção da sub-sub-categoria *menos profundo do que o amor*, que também foi referida pelo grupo dos 10 anos (7,7%). No entanto, também nessa sub-sub-categoria, é no grupo dos 20 anos que se verifica maior número de referências (23,1%).

3.4.1.2. Gostar

A análise do quadro 31 permite-nos verificar que a categoria gostar inclui 12 sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir-se bem com uma pessoa* (26,2%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *gostar de uma pessoa* (19%) e a terceira, *gostar de amigos* (14,3%). A quarta sub-categoria mais referida foi *sentir carinho* (11,9%). A sub-categoria que ocupou o quinto lugar no

ranking das referências foi a sub-categoria *achar uma pessoa especial* (7,1%). As sextas categorias mais referidas foram as sub-categorias *simpatizar com uma pessoa* e *escolher como família* (4,8%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *identificar-se com uma pessoa*, *sentir que a pessoa é essencial*, *sentir saudades*, *gostar da mana* e *a minha mãe me tratar bem* (2,4%).

Quadro 31- Análise da Categoria 2- Gostar

Categoria 2 - Gostar	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
2.1. Gostar de uma pessoa			6	14,	1	2,4	1	2,4	8	19
2.2. Sentir-se bem com uma pessoa					4	9,5	7	16,7	11	26,2
2.3. Simpatizar com uma pessoa			2	4,8					2	4,8
2.4. Identificar-se com uma pessoa							1	2,4	1	2,4
2.5. Achar uma pessoa especial			3	7,1					3	7,1
2.6. Sentir carinho					2	4,8	3	7,1	5	11,9
2.7. Sentir que a pessoa é essencial					1	2,4			1	2,4
2.8. Escolher como família							2	4,8	2	4,8
2.9. Sentir saudades							1	2,4	1	2,4
2.10. De amigos	1	2,4	4	9,5	1	2,4			6	14,3
2.11. Da mana	1	2,4							1	2,4
2.12. A minha mãe me tratar bem	1	2,4							1	2,4
Total	3	7,1	15	35,7	9	21,4	15	35,7	42	100

Através da análise do quadro 31 pode verificar-se que os grupos com maior número de referências foram os grupos dos 20 e dos 10 anos (35,7%). O grupo com menos referências foi o grupo dos 5 anos (7,1%).

Analisando a relação idade e sub-categorias verificamos que a sub-categoria *sentir-se bem com uma pessoa* foi a sub-categoria mais referida pelo grupo dos 15 (9,5%) e dos 20 anos, sendo que o último grupo apresenta o maior número de referências (16,7%). A segunda sub-categoria mais referida, *gostar de uma pessoa*, foi referida pelos grupos dos 10, 15 e 20 anos e o maior número de referências apresenta-se no primeiro grupo (14,3%). A sub-categoria *gostar de amigos* foi referida

pelos grupos dos 5,10 e 15 anos, tendo sido mais referida pelo grupo dos 10 anos (9,5%).

3.4.1.3. Convivência

A análise do quadro seguinte indica que a categoria convivência integra três sub-categorias, *conversar durante muito tempo*, *estar à vontade* e *brincar/estar com os amigos*. A sub-categoria mais referida foi *brincar/estar com os amigos* (55,6%). A segunda sub-categoria mais referida foi *estar à vontade* (33,3%) e a sub-categoria menos referida foi *conversar durante muito tempo* (11,1%).

Quadro 32 - Análise da Categoria 3 - Convivência

Categoria 3 - Convivência	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.1. Conversar durante muito tempo							1	11,1	1	11,1
3.2. Estar à vontade					1	11,1	2	22,2	3	33,3
3.3. Brincar/estar com os amigos	5	55,6							5	55,6
Total	5	55,6			1	11,1	3	33,3	9	100

O quadro anterior indica que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 5 anos (55,6%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 20 anos (33,3%) e o grupo com menos referências foi o grupo dos 15 anos (11,1%). O grupo dos 10 anos não referiu nenhuma destas sub-categorias.

A sub-categoria *brincar/estar com os amigos* foi referida pelo grupo dos 5 anos (55,6%). A sub-categoria *estar à vontade* foi referida pelos grupos dos 15 e dos 20 anos, sendo que o maior número de referências se apresenta no grupo dos 20 anos (22,2%). A sub-categoria *conversar durante muito tempo* foi referida pelo grupo dos 20 anos (11,1%).

3.4.1.4. Solidariedade

Analisando o quadro 33 podemos verificar que a categoria solidariedade apresenta três sub-categorias, *ajuda mútua*, *ajuda nas situações más* e *apoio*

incondicional. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *ajuda mútua* (56,5%). A segunda sub-categoria mais referida foi *apoio incondicional* (39,1%) e a menos referida foi *ajuda nas situações más* (4,3%).

Quadro 33 - Análise da Categoria 4 - Solidariedade

Categoria 4 – Solidariedade	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.1. Ajuda mútua			6	26,1	2	8,7	5	21,7	13	56,5
4.2. Ajuda nas situações más					1	4,3			1	4,3
4.3. Apoio incondicional					4	17,4	5	21,7	9	39,1
Total			6	26,1	7	30,4	10	43,5	23	100

A análise do quadro anterior indica que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (30,4%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 15 anos (30,4%) e o grupo com menos referências foi o grupo dos 10 anos (26,1%). O grupo dos 5 anos não referiu nenhuma das sub-categorias.

A sub-categoria *ajuda mútua* foi referida pelos grupos dos 10, 15 e 20 anos, apresentando o primeiro grupo o maior número de referências (26,1%). A sub-categoria *apoio incondicional* foi referida pelos grupos dos 15 e dos 20 anos, tendo sido mais vezes referida pelo último grupo (21,7%). A categoria *ajuda nas situações más* foi referida pelo grupo dos 15 anos (4,3%).

3.4.1.5. Partilha

A análise do quadro seguinte permite-nos verificar que a categoria partilha inclui cinco sub-categorias: partilha de *afecto*, partilha de *experiências*, de *preocupações*, *desabafos* e *dar coisas aos amigos*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria partilha de *afecto* (46,7%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias partilha de *experiências* e partilha de *preocupações* (20%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *desabafos* e *dar coisas aos amigos* (6,7%).

Quadro 34 - Análise da Categoria 5 - Partilha

Categoria 5 - Partilha	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.1. Afecto	4	26,7			1	6,7	2	13,3	7	46,7
5.2. Experiências			1	6,7			2	13,3	3	20
5.3. Preocupações							3	20	3	20
5.4. Desafabos					1	6,7			1	6,7
5.5. Dar coisas aos amigos	1	6,7							1	6,7
Total	5	33,3	1	6,7	2	13,3	7	46,7	15	100

A análise do quadro anterior indica que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (46,7%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 15 anos (13,3%) e o grupo com menos referências foi o grupo dos 10 anos (6,7%).

A sub-categoria partilha de *afecto* foi referida pelos grupos dos 5, 15 e 20 anos e é o primeiro grupo que apresenta maior número de referências (26,7%). A sub-categoria partilha de *experiências* foi referida pelos grupos dos 10 e dos 20 anos e o maior número de referências apresenta-se no último grupo (13,3%). A sub-categoria partilha de *preocupações* foi referida apenas pelo grupo dos 20 anos (20%), a sub-categoria *desafabos* pelo grupo dos 15 anos (6,7%) e *dar coisas aos amigos* pelo grupo dos 5 anos (6,7%).

3.4.1.6. Cumplicidade

O quadro 35 indica que a categoria cumplicidade inclui a sub-categoria *alguém que ria connosco nas situações boas*. Esta sub-categoria foi referida pelo grupo dos 15 anos.

Quadro 35 - Análise da Categoria 6 - Cumplicidade

Categoria 6 - Cumplicidade	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
6.1. Alguém que ria conosco nas situações boas					1	100			1	100
Total									1	100

3.4.1.7. Confiança

Analisando o quadro 36 podemos verificar que a categoria confiança inclui três sub-categorias, *confiança entre as pessoas*, *não desiludir* e *ser sincero*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *confiança entre as pessoas* (84,6%). As restantes sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (7,7%).

Quadro 36 - Análise da Categoria 7- Confiança

Categoria 7 - Confiança	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
7.1. Confiança entre as pessoas					8	61,5	3	23,1	11	84,6
7.2. Não desiludir			1	7,7					1	7,7
7.3. Ser sincero					1	7,7			1	7,7
Total			1	7,7	9	69,2	3	23,1	13	100

A análise do quadro anterior indica que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (69,2%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 20 anos (23,1%) e o grupo com menos referências foi o grupo dos 10 anos (7,7%). O grupo dos 5 anos não referiu nenhuma das sub-categorias.

A sub-categoria *confiança entre as pessoas* foi referida pelos grupos dos 15 e dos 20 anos, sendo que o primeiro grupo apresenta maior número de referências (61,5%). A sub-categoria *não desiludir* foi referida pelo grupo dos 10 anos (7,7%) e a sub-categoria *ser sincero* pelo grupo dos 15 anos (7,7%).

3.4.1.8. Compreensão

O quadro seguinte indica que a categoria compreensão integra a sub-categoria *quando nos entendem*. Esta categoria foi referida pelo grupo dos 20 anos.

Quadro 37 - Análise da Categoria 8 - Compreensão

Categoria 8 - Compreensão	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
8.1. Quando nos entendem							2	100	2	100
Total									2	100

3.4.1.9. Duração

A análise do quadro 38 indica que a categoria duração inclui três sub-categorias, *crece conosco*, *pode durar toda a vida* e *relacionamento de vários anos*. Todas as sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (33,3%).

Quadro 38 - Análise da Categoria 9- Duração

Categoria 9 - Duração	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
9.1. Cresce conosco							1	33,3	1	33,3
9.2. Pode durar toda a vida					1	33,3			1	33,3
9.3. Relacionamento de vários anos					1	33,3			1	33,3
Total					2	66,7	1	33,3	3	100

O quadro anterior indica que a sub-categoria *crece conosco* foi referida pelo grupo dos 20 anos (33,3%). As duas sub-categorias restantes foram referidas pelo grupo dos 15 anos e este foi o grupo que apresentou maior número de referências (66.7%).

3.4.1.10. Não Sei

O quadro seguinte indica que a categoria *não sei* foi referida pelo grupo dos 5 anos (50%) e pelo grupo dos 10 anos (50%).

Quadro 39 - Análise da Categoria 10- Não Sei

Categoria 10 – Não Sei	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total	1	50	1	50					2	100

3.4.1.11. Não Respondeu

O quadro 40 indica que a categoria *não respondeu* se verifica no grupo dos 5 anos.

Quadro 40 - Análise da Categoria 11- Não Respondeu

Categoria 10 – Não Respondeu	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total	6	100							6	100

Síntese dos Resultados do Tema III – AMIZADE

No tema III as categorias mais referidas pelos quatro grupos foram as categorias *gostar* (30,4%), *solidariedade* (16,7%) e *sentimento* (15,9%). As menos referidas, *compreensão* (1,4%), *não sei* (1,4%) e *cumplicidade* (0,7%).

Analisando o conjunto das categorias do tema III de acordo com a idade, verificamos que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (43,5%). O segundo grupo com mais referências o grupo dos 15 anos (23,9%) e o terceiro, o grupo dos 10 anos (18,1%). O grupo com menos referências foi o grupo dos 5 anos (14,5%).

No que diz respeito à categoria *gostar*, encontramos 12 sub-categorias das quais as mais referidas foram *sentir-se bem com uma pessoa* (26,2%), *gostar de uma pessoa* (19%), *gostar de amigos* (14,3%) e *sentir carinho* (11, 9%). As sub-categorias menos referidas (2,4%) foram as sub-categorias *identificar-se com uma pessoa*, *sentir*

que a pessoa é essencial, sentir saudades, gostar da mana e a minha mãe me tratar bem. As sub-categorias da categoria *gostar* vão de encontro à definição de amizade proposta por Papalia (2001), segundo a qual um amigo é alguém por quem sentimos afecto, com quem nos sentimos à vontade, com quem gostamos de fazer coisas e com quem podemos partilhar sentimentos e segredos. O termo gostar é utilizado para descrever sentimentos de proximidade, ligação e afecto em relação ao outro (Sternberg, 2003). Nesta categoria os grupos que apresentaram maior número de referências foram os grupos dos 20 e dos 10 anos (35,7%). O grupo com menos referências foi o grupo dos 5 anos (7,1%).

Das sub-categorias que integram a categoria *solidariedade* as mais referidas foram as sub-categorias *ajuda mútua* (56,5%) e *apoio incondicional* (39,1%). A menos referida foi *ajuda nas situações más* (4,3%). Estas sub-categorias estão associadas ao que Slepj (1998) refere acerca do papel da aceitação do outro na amizade, uma vez que a aceitação inclui a ajuda mútua. Os amigos são aqueles a quem recorreremos nos momentos em que precisamos, quer sejam momentos de sucesso ou dificuldade. Sabemos que por eles seremos sempre aceites, mesmo que não sejamos perfeitos. Sabemos que estarão sempre disponíveis para nós, mesmo em circunstâncias menos favoráveis. A amizade pressupõe a partilha dos bons e dos maus momentos e a ausência de reprovações mútuas ou desilusões recíprocas. Nesta categoria o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (30,4%), seguido pelo grupo dos 15 anos (30,4%). O grupo com menos referências foi o grupo dos 10 anos (26,1%), uma vez que o grupo dos 5 anos não referiu nenhuma das sub-categorias.

Em relação à categoria *sentimento*, a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *forma de amor* (59,1%), seguida pela sub-categoria *sentimento muito importante* (18,2%). A sub-categoria menos referida foi *sentimento complexo* (4,5%). Nesta categoria o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (81,8%). O segundo grupo com mais referências foi o grupo dos 15 anos (13,6%) e o grupo com menos referências o grupo dos 10 anos (4,5%). O grupo dos 5 anos não referiu nenhuma destas sub-categorias. A sub-categoria *forma de amor* pode remeter para o tipo de amor proposto por Sternberg (2003), denominado por *afecto* (apenas intimidade) no qual existem sentimentos que podem caracterizar uma relação de amizade e a paixão e o compromisso estão ausentes.

A categoria *não sei* (1,4%) foi referida apenas pelo grupo dos 5 anos. A categoria *compreensão* (1,4%) pelo grupo dos 20 anos e a categoria *cumplicidade* (0,7%) pelo grupo dos 15 anos.

Os resultados obtidos neste tema vão ao encontro de estudos anteriores (McDougall & Hymel, 2007), no sentido em que a proximidade e as actividades em comum fazem parte das concepções de amizade em idades mais precoces, que vão evoluindo para conceitos mais abstractos como aceitação, lealdade, compromisso e intimidade.

3.5. Análise do Tema IV – AMOR

Através da análise do quadro 41 verificamos que o tema amor integra 11 categorias. Estas categorias resultaram das respostas às questões “Para ti o que é o amor?” e “Como sabes que sentes amor?”. A categoria mais referida pelo conjunto dos grupos foi a categoria *gostar de alguém* (26,8%). As segundas categorias mais referidas foram as *categorias tipos de amor e algo indefinido* (14,1%), seguidas pela categoria *sentir fisiológico* (11,3%). As categorias *sentimento e experiência emocional* foram referidas o mesmo número de vezes (10,6%). As categorias menos referidas foram as categorias *compromisso e necessidade* (2,1%), a categoria *união* (1,4%) e por último a categoria *não sei* (0,7%).

Quadro 41 - Tema 4 – Amor

Categorias	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1. Sentimento			1	0,7	8	5,6	6	4,2	15	10,6
2. Experiencia Emocional			2	1,4	6	4,2	7	4,9	15	10,6
3. Algo indefinido	3	2,1	6	4,2	8	5,6	3	2,1	20	14,1
4. Gostar de Alguém	3	2,1	8	5,6	9	6,3	18	12,7	38	26,8
5. Sentir Fisiológico	1	0,7	6	4,2	4	2,8	5	3,5	16	11,3
6. União							2	1,4	2	1,4
7. Compromisso	3	2,1							3	2,1
8. Necessidade							3	2,1	3	2,1
9. Tipos de Amor			1	0,7	4	2,8	15	10,6	20	14,1

10. Não Sei			1	0,7					1	0,7
11. Não Respondeu	8	5,6			1	0,7			9	6,3
Total	18	12,7	25	17,6	40	28,2	59	41,5	142	100

Analisando o quadro em relação à faixa etária verificamos que o maior número de referências apresenta-se no grupo dos 20 anos (41,5%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (28,25), seguido pelo grupo dos 10 anos (17,6%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (12,7%).

Em todos os grupos, à excepção do grupo dos 5 anos (2,1%), a categoria mais referida foi a categoria *gostar de alguém*. No grupo dos 20 anos a segunda categoria mais referida foi a categoria *tipos de amor* (10,6%) e a menos referida foi a categoria *união* (1,4%). No grupo dos 15 anos as segundas categorias mais referidas (5,6%) foram a categoria *sentimento* e a categoria *algo indefinido*. A categoria menos referida por este grupo foi a categoria *não respondeu* (0,7%). No grupo dos 10 anos as segundas categorias mais referidas (4,2%) foram as categorias *algo indefinido* e *sentir fisiológico*. As categorias menos referidas por este grupo (0,7%) foram as categorias *sentimento*, *tipos de amor* e *não sei*. No grupo dos 5 anos a categoria mais referida foi a categoria *não respondeu* (5,6%), as segundas categorias mais referidas (2,1%) foram as categorias *algo indefinido*, *gostar de alguém* e *compromisso*. A categoria menos referida por este grupo foi a categoria *sentir fisiológico* (0,7%).

3.5.1. Análise das categorias do Tema IV

3.5.1.1. Sentimento

Através da análise do quadro 42 podemos verificar que a categoria *sentimento* integra seis sub-categorias. Destas sub-categorias a mais referida pelo conjunto dos grupos foi a sub-categoria *sentimento entre pessoas* (33,3%), seguida da sub-categoria *sentimento muito forte* (26,7%). As terceiras sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *algo próprio de cada pessoa* e *afecto maior* (13,3%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *sentimento dos mais difíceis* e *base de uma relação* (6,7%).

Quadro 42 - Análise da Categoria 1- Sentimento

Categoria 1 - Sentimento	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.1. Dos mais difíceis							1	6,7	1	6,7
1.2. Muito Forte					3	20	1	6,7	4	26,7
1.3. Algo próprio de cada pessoa							2	13,3	2	13,3
1.4. Afecto Maior					2	13,3			2	13,3
1.5. Sentimento entre pessoas			1	6,7	2	13,3	2	13,3	5	33,3
1.6. Base de uma relação					1	6,7			1	6,7
Total			1	6,7	8	53,3	6	40	15	100

Analisando o quadro de acordo com a idade verificamos que o maior número de referências se apresenta no grupo dos 15 anos (53,3%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (40%). O grupo dos 10 anos apresenta apenas uma referência (6,7%) e o grupo dos 5 anos não apresenta qualquer volume de informação.

No grupo dos 15 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria sentimento *muito forte* (20%), seguida pelas categorias (13,3%) *afecto maior* e *sentimento entre pessoas*. A sub-categoria menos referida por este grupo foi a sub-categoria *base de uma relação* (6,7%). No grupo dos 20 anos as sub-categorias mais referidas (13,3%) foram as sub-categorias sentimento entre pessoas e algo próprio de cada pessoa. As sub-categorias menos referidas (6,7%) foram as sub-categorias sentimento *dos mais difíceis* e sentimento *muito forte*. A sub-categoria referida pelo grupo dos 10 anos foi a sub-categoria sentimento entre pessoas (6,7%).

3.5.1.2. Experiência Emocional

De acordo com a análise do quadro 43 podemos verificar que a categoria experiência emocional integra 10 sub-categorias. A sub-categoria mais referida pelos grupos foi a sub-categoria *sentir carinho* (20%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *engloba muitas emoções, expressada de várias maneiras* e *estar apaixonado* (13,3%). As categorias menos referidas foram as sub-

categorias é uma emoção, sentida de várias maneiras, dá felicidade e tristeza, medo de perder alguém, vontade de abraçar e sentir ternura (6,7%).

Quadro 43 - Análise da Categoria 2- Experiência Emocional

Categoria 2 – Experiência Emocional	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
2.1. Engloba muitas emoções							2	13,3	2	13,3
2.2. É uma emoção			1	6,7					1	6,7
2.3. Sentida de várias maneiras					1	6,7			1	6,7
2.4. Expressada de várias maneiras					1	6,7	1	6,7	2	13,3
2.5. Dá felicidade e tristeza					1	6,7			1	6,7
2.6. Medo de perder alguém					1	6,7			1	6,7
2.7. Vontade de abraçar					1	6,7			1	6,7
2.8. Estar apaixonado			1	6,7			1	6,7	2	13,3
2.9. Sentir ternura							1	6,7	1	6,7
2.10. Sentir carinho					1	6,7	2	13,3	3	20
Total			2	13,3	6	40	7	46,7	15	100

Através da análise do quadro e tendo em conta a idade, podemos verificar que o grupo que apresenta o maior número de referências é o grupo dos 20 anos (46,7%). O segundo grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (40%). O grupo com menos referências é o grupo dos 10 anos (13,3%), sendo que o grupo dos 5 anos não teve nenhuma referência.

No grupo dos 20 anos as sub-categorias mais referidas (13,3%) foram as sub-categorias *engloba muitas emoções* e *sentir carinho*. As sub-categorias menos referidas (6,7%) foram as sub-categorias *expressada de várias maneiras*, *estar apaixonado* e *sentir ternura*. No grupo dos 15 anos foram referidas igual número de vezes (6,7%) as sub-categorias *sentida de várias maneiras*, *expressada de várias maneiras*, *dá felicidade e tristeza*, *medo de perder alguém*, *vontade de abraçar* e *sentir carinho*. No grupo dos 10 anos foram referidas as sub-categorias *é uma emoção* e *estar apaixonado* (6,7%).

3.5.1.3. Algo indefinido

Através da análise do quadro 44 verificamos que a categoria algo indefinido integra 12 sub-categorias. A sub-categoria mais referida pelo conjunto dos grupos foi a sub-categoria *algo/alguém que nos faz sentir bem* (25%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *não explicamos* e *não sei* (15%), tendo a última sido referida pelo grupo dos 5 anos. A terceira sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir-se diferente* (10%). As restantes sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (5%).

Quadro 44- Análise da Categoria 3 - Algo indefinido

Categoria 3 – Algo indefinido	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.1. Algo especial			1	5					1	5
3.2. Algo/alguém que nos faz sentir bem			3	15	2	10			5	25
3.3. Algo que ninguém controla					1	5			1	5
3.4. Algo que ninguém escolhe					1	5			1	5
3.5. Apenas se sente					1	5			1	5
3.6. Sabe-se só na altura							1	5	1	5
3.7. Sentir-se diferente			2	10					2	10
3.8. Não explicamos					2	10	1	5	3	15
3.9. Não tem definição					1	5			1	5
3.10. Ainda não senti							1	5	1	5
3.11. Não sei	3	15							3	15
3.12. Não respondeu										
Total	3	15	6	30	8	40	3	15	20	100

Analisando o quadro de acordo com o grupo etário verificamos que o grupo que apresenta maior número de referências é o grupo dos 15 anos (40%), seguido pelo grupo dos 10 anos (30%). O grupo dos 20 anos e o grupo dos 5 anos apresentam o mesmo número de referências (15%).

No grupo dos 15 anos as sub-categorias mais referidas (10%) foram as sub-categorias *algo/alguém que nos faz sentir bem* e *não explicamos*. No grupo dos 10 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *algo/alguém que nos faz sentir bem* (15%) e a menos referida foi a sub-categoria *algo especial* (5%). No grupo dos 20 anos as sub-categorias referidas (5%) foram as sub-categorias *sabe-se só na altura*,

não explicamos e ainda não senti. No grupo dos 5 anos a sub-categoria referida foi a sub-categoria *não sei* (15%).

3.5.1.4. Gostar de alguém

Através da análise do quadro 45 pode verificar-se que a categoria gostar de alguém integra 14 sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *gostar muito de alguém* (36,8%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir falta de alguém/querer estar* (21%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *sentir algo por uma pessoa, admirar alguém, viver em função do bem-estar de alguém, acordar e pensar na pessoa, entrega a uma pessoa, gostar de uma pessoa com os seus defeitos, ver a pessoa além do exterior, dar beijinhos e gostar de alguém que está na minha escola* (2,6%).

Quadro 45 - Análise da Categoria 4 - Gostar de alguém

Categoria 4 – Gostar de alguém	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.1. Sentir algo por uma pessoa							1	2,6	1	2,6
4.2. Gostar de muito de alguém	1	2,6	8	21	4	10,5	1	2,6	14	36,8
4.3. Admirar alguém							1	2,6	1	2,6
4.4. Afinidade							2	5,3	2	5,3
4.5. Viver em função do bem-estar de alguém							1	2,6	1	2,6
4.6. Preocupação com outra pessoa							3	7,9	3	7,9
4.7. Acordar e pensar na pessoa					1	2,6			1	2,6
4.8. Entrega a uma pessoa							1	2,6	1	2,6
4.9. Gostar de uma pessoa com os seus defeitos							1	2,6	1	2,6
4.10. Observar/analisar mais tempo alguém							2	5,3	2	5,3
4.11. Ver a pessoa além do exterior							1	2,6	1	2,6
4.12. Sentir falta de alguém/querer estar					4	10,5	4	10,5	8	21
4.13. Dar beijinhos	1	2,6							1	2,6

4.14. De alguém que está na minha escola	1	2,6							1	2,6
Total	3	7,9	8	21	9	23,7	18	47,4	38	100

Analisando o quadro 45 de acordo com a faixa etária verifica-se que o grupo que apresenta o maior número de referências é o grupo dos 20 anos (47,4%). O segundo grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (23,7%). Em terceiro lugar apresenta-se o grupo dos 10 anos (21%) e em último o grupo dos 5 anos (7,9%).

No grupo dos 20 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir falta de alguém/querer estar* (10,5%). A segunda sub-categoria mais referida por este grupo foi a sub-categoria *preocupação com outra pessoa* (7,9%). No grupo dos 15 anos as sub-categorias mais referidas (10,5%) foram as sub-categorias *gostar muito de alguém* e *sentir falta de alguém/querer estar*. No grupo dos 10 anos a sub-categoria mais referida foi também a sub-categoria *gostar muito de alguém* (21%). O grupo dos 5 anos referiu o mesmo número de vezes (2,6%) as sub-categorias *gostar muito de alguém*, *dar beijinhos* e *gostar de alguém que está na minha escola*.

3.5.1.5. Sentir Fisiológico

De acordo com a análise do quadro 46 verifica-se que a categoria sentir fisiológico integra nove sub-categorias. A sub-categoria mais referida pelo conjunto dos grupos foi a sub-categoria *aumento do batimento cardíaco* (25%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir algo na barriga/estômago* (18,8%). As terceiras sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *dor/aperto no coração* e *nervosismo perto da pessoa* (12,5%).

Quadro 46 - Análise da Categoria 5 - Sentir fisiológico

Categoria 5 – Sentir Fisiológico	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.1. Conjugação de componentes químicos							1	6,3	1	6,3
5.2. Aumento de batimento cardíaco			2	12,5	1	6,3	1	6,3	4	25
5.3. Dor/aperto no coração			2	12,5					2	12,5

5.4. Sentir algo na barriga/estômago			1	6,3	2	12,5			3	18,8
5.5. Ferida que magoa			1	6,3					1	6,3
5.6. Nervosismo perto da pessoa							1	6,3	1	6,3
5.7. Atracção física					1	6,3	1	6,3	2	12,5
5.8. Desejo							1	6,3	1	6,3
5.9. Comer	1	6,3							1	6,3
Total	1	6,3	6	37,5	4	25	5	31,3	16	100

Analisando o quadro em função da idade verifica-se que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (37,5%). O grupo com o segundo maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (31,3%), seguido pelo grupo dos 15 anos (25%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (6,3%).

As sub-categorias mais referidas (12,5%) pelo grupo dos 10 anos foram as sub-categorias *aumento do batimento cardíaco* e *dor/aperto no coração*. As sub-categorias menos referidas (6,3%) foram as sub-categorias *sentir algo na barriga/estômago* e *ferida que magoa*. No grupo dos 20 anos foram referidas o mesmo número de vezes (6,3%) as sub-categorias *conjugação de componentes químicos*, *aumento do batimento cardíaco*, *nervosismo perto da pessoa*, *atracção física* e *desejo*. No grupo dos 15 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir algo na barriga/estômago* (12,5%). As sub-categorias menos referidas (6,3%) foram as sub-categorias *aumento do batimento cardíaco* e *atracção física*. No grupo dos 5 anos a única sub-categoria referida foi a sub-categoria *comer* (6,3%).

3.5.1.6. União

O quadro 47 indica que a categoria união integra duas sub-categorias, *união mais íntima* e *união familiar*. Ambas as sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes pelo grupo dos 20 anos.

Quadro 47 - Análise da Categoria 6 - União

Categoria 6 - União	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
6.1. União mais íntima							1	50	1	50
6.2. União familiar							1	50	1	50
Total							2	100	2	100

3.5.1.7. Compromisso

A análise do quadro 48 indica que a categoria compromisso integra duas sub-categorias, *namorar* e *casar*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *namorar* (66,7%). As duas sub-categorias foram referidas pelo grupo dos 5 anos.

Quadro 48 - Análise da Categoria 7 - Compromisso

Categoria 7 - Compromisso	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
7.1. Namorar	2	66,7							2	66,7
7.2. Casar	1	33,3							1	33,3
Total	3	100							3	100

3.5.1.8. Necessidade

Através da análise do quadro 49 pode verificar-se que a categoria necessidade integra três sub-categorias: *todos temos que sentir uma vez na vida*, *precisamos de amor para ser felizes* e *ter alguém importante na vida*. Todas as sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (33,3%) pelo grupo dos 20 anos.

Quadro 49 - Análise da Categoria 8 - Necessidade

Categoria 8 - Necessidade	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
8.1.Todos temos que sentir uma vez na vida							1	33,3	1	33,3
8.2.Precisamos de amor para ser felizes							1	33,3	1	33,3
8.3.Ter alguém importante na vida							1	33,3	1	33,3
Total							3	100	3	100

3.5.1.9. Tipos de Amor

O quadro 50 mostra que a categoria tipos de amor integra seis sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *amor pela família (outros elementos)* (30%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *amor materno/paterno* (25%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *amor fraterno* e *amor por qualquer pessoa* (5%).

Quadro 50 - Análise da Categoria 9 - Tipos de amor

Categoria 9 - Tipos de amor	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
9.1. Amizade			1	5	1	5	2	10	4	20
9.2. Amor materno/paterno							5	25	5	25
9.3. Amor fraterno							1	5	1	5
9.4. Amor pela família (outros elementos)					2	10	4	20	6	30
9.5. Amor pelo namorado					1	5	2	10	3	15
9.6. Amor por qualquer pessoa							1	5	1	5
Total			1	5	4	20	15	75	20	100

Analisando o quadro em função da idade verifica-se que o maior número de referências diz respeito ao grupo dos 20 anos (75%). O segundo grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (20%), seguido pelo grupo dos 10 anos (5%).

A sub-categoria mais referida pelo grupo dos 20 anos foi a sub-categoria *amor materno/paterno* (25%) e a segunda sub-categoria mais referida por este grupo, *amor pela família (outros elementos)* (20%). As sub-categorias menos referidas (5%) foram as sub-categorias *amor fraterno* e *amor por qualquer pessoa*. No grupo dos 15 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *amor pela família (outros elementos)* (10%). As sub-categorias menos referidas (5%) foram as sub-categorias *amizade* e *amor pelo namorado*. No grupo dos 10 anos a única sub-categoria referida foi a sub-categoria *amizade* (5%).

3.5.1.10. Não Sei

A categoria *não sei* foi referida apenas pelo grupo dos 10 anos.

Quadro 51 - Análise da Categoria 10- Não Sei

Categoria 10 – Não Sei	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total			1	100					1	100

3.5.1.11. Não Respondeu

A categoria *não respondeu* foi referida apenas pelo grupo dos 5 anos.

Quadro 52 - Análise da Categoria 11- Não Respondeu

Categoria 10 – Não Respondeu	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total	8	88,9			1	11,1			9	100

Síntese dos Resultados do Tema IV – AMOR

No tema IV, as categorias mais referidas pelo conjunto dos grupos foram as categorias *gostar de alguém* (26,8%), *tipos de amor* e *algo indefinido* (14,1%). As menos referidas foram as categorias *compromisso* e *necessidade* (2,1%), a categoria *união* (1,4%) e por último a categoria *não sei* (0,7%).

Em relação ao tema no geral, o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (41,5%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (28,25), seguido pelo grupo dos 10 anos (17,6%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (12,7%).

Na categoria *gostar de alguém*, as sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *gostar muito de alguém* (36,8%) e *sentir falta de alguém/querer estar* (21%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *sentir algo por uma pessoa*, *admirar alguém*, *viver em função do bem-estar de alguém*, *acordar e pensar na pessoa*, *entrega a uma pessoa*, *gostar de uma pessoa com os seus defeitos*, *ver a pessoa além do exterior*, *dar beijinhos* e *gostar de alguém que está na minha escola*

(2,6%). Nesta categoria, o grupo que apresenta o maior número de referências é o grupo dos 20 anos (47,4%), seguido pelo grupo dos 15 anos (23,7%). Em terceiro lugar apresenta-se o grupo dos 10 anos (21%) e em último, o grupo dos 5 anos (7,9%). A categoria *gostar de alguém* pode ser associada à tipologia de amor referida por Amado (2010), que divide o amor em amor apaixonado e amor companheiro. Embora as características de ambos os tipos se possam misturar nas diferentes relações parece-nos que o amor companheiro pode estar associado à categoria gostar de alguém. Neste sentido, o amor companheiro está relacionado com experiências mais prosaicas, em que predominam o cuidado, a preocupação e a necessidade em relação ao outro. “*Trata dos afectos e comportamentos que temos em relação aos que estão mais próximos e com quem a nossa vida está profundamente interligada*” (Amado, 2010, p.112). É importante clarificar a diferença entre o amor companheiro e a amizade, pois apesar de não ter o arrebatamento do amor apaixonado, o erotismo não está ausente, no entanto, não assume um papel principal (Amado, 2010). Tal como foi referido no tema Amizade, o termo gostar traduz sentimentos de proximidade, ligação e afecto em relação ao outro (Sternberg, 2003). O “amor protótipo” referido por Kalat e Shiota (2007) também é caracterizado, entre outros aspectos, pelo conhecimento real da outra pessoa e pela aceitação da mesma com os seus defeitos e qualidades. Fisher (2008) refere ainda que um dos primeiros sintomas do amor romântico é a meditação obsessiva no ser amado.

No que diz respeito à categoria *tipos de amor*, a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *amor pela família (outros elementos)* (30%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *amor materno/paterno* (25%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *amor fraterno* e *amor por qualquer pessoa* (5%). Nesta categoria o maior número de referências diz respeito ao grupo dos 20 anos (75%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (20%), seguido pelo grupo dos 10 anos (5%). De acordo com Slepj (1998) as formas de amor mais importantes e geralmente praticadas são: o *amor materno e paterno*, o *amor fraterno* e o *amor erótico*. Apesar de serem bastante diferentes entre si, o amor materno e o amor paterno baseiam-se numa relação singular, isto é, se se é mãe ou pai, dá-se enquanto a criança recebe. O *amor materno* está associado a uma atitude de satisfação das necessidades do filho e aceitação incondicional, com ausência de exigências. Por seu lado, o *amor paterno* é condicional, ou seja, para obtê-lo o filho tem de fazer, dar qualquer coisa, assumir um comportamento requerido. A aquisição das regras necessárias para obter o amor paterno permite que o filho

conheça e pratique os valores da cultura de pertença. Para além disso, constitui-se numa aprendizagem do amor activo, construtivo, numa relação em que é necessário saber dar para se fazer aceitar. O *amor fraterno* caracteriza-se pela união, partilha e solidariedade que leva à compaixão e tendência para o auxílio entre pessoas em situação de igualdade. O *amor erótico* tem presente o desejo e a satisfação sexual, consciente e agitado. Um dos aspectos que o diferencia das outras formas de amor é a exigência de posse exclusiva da pessoa amada. Esta exigência verifica-se principalmente na fase inicial, do enamoramento, onde o desejo sexual é tão exacerbado que não tolera qualquer partilha do outro. É importante ressaltar que no amor erótico a troca não é apenas sexual, a partilha emocional e a ternura são aspectos fundamentais do mesmo. Contando ainda com características do amor fraterno como a compreensão e o respeito pelo outro (Slepoj, 1998).

Na categoria *algo indefinido*, a sub-categoria mais referida pelo conjunto dos grupos foi a sub-categoria *algo/alguém que nos faz sentir bem* (25%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *não explicamos* e *não sei* (15%), tendo a última sido referida pelo grupo dos 5 anos. A terceira sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentir-se diferente* (10%). As restantes sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (5%). De acordo com o grupo etário verificamos que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 15 anos (40%), seguido pelo grupo dos 10 anos (30%). O grupo dos 20 anos e o grupo dos 5 anos apresentaram o mesmo número de referências (15%). Como refere Barros de Oliveira (2010) é mais fácil viver o amor, identificá-lo e senti-lo, do que defini-lo. “O amor é um fenómeno complexo, uma emoção essencial, certamente a dimensão mais poderosa e misteriosa da vida humana” (p.17).

A categoria *compromisso* integra duas sub-categorias, *namorar* e *casar*. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *namorar* (66,7%). As duas sub-categorias foram referidas pelo grupo dos 5 anos. O compromisso é um dos componentes do amor defendidos por Sternberg (2003) e por Lelord e André (2003). Está relacionado com o futuro da relação amorosa e envolve fidelidade e lealdade. As sub-categorias *namorar* e *casar* são conceitos mais concretos do que o conceito amor e talvez por essa razão tenham sido referidos pelos sujeitos do grupo dos 5 anos.

A categoria *necessidade* integra três sub-categorias: *todos temos que sentir uma vez na vida*, *precisamos de amor para ser felizes* e *ter alguém importante na vida*. Todas as sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes (33,3%) pelo grupo dos 20 anos. O amor é o grande impulsionador de aproximação das pessoas.

Está presente ao longo de todo o desenvolvimento pessoal, embora nem sempre com as mesmas intensidades e os mesmos “objectos” (Barros de Oliveira, 2010).

A categoria *união* integra duas sub-categorias, *união mais íntima* e *união familiar*. Ambas as sub-categorias foram referidas o mesmo número de vezes pelo grupo dos 20 anos. Como é descrito por Fisher (2008) uma das características do amor romântico é a necessidade de união sentimental. Se essa ligação não existir com o amado, o outro sente-se incompleto e vazio. Há um “anseio de fusão com a pessoa amada”. Na relação, os amantes tornam-se muito dependentes.

A categoria *não sei* foi referida apenas pelo grupo dos 10 anos.

3.6. Análise do Tema V – Paixão

Através da análise do quadro 53 pode verificar-se que o tema V – Paixão engloba nove categorias. Estas categorias resultam das respostas às questões “O que é para ti paixão?” e “Como sabes que sentes paixão?”. A categoria que apresenta maior número de referências é a categoria *sentimento* (34,7%). A segunda categoria mais referida é a categoria *algo indefinido* (14,9%). A terceira categoria mais referida foi a categoria *não respondeu* (14%), seguida pela categoria *experiência emocional* (13,2%). As categorias menos referidas foram as categorias *sentir fisiológico* (4,1%) e *pensamento* (2,5%)

Quadro 53 - Tema 5 - Paixão

Categorias	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1. Sentimento			1	0,8	14	11,6	27	22,3	42	34,7
2. Experiência Emocional	1	0,8	2	1,6	4	3,3	9	7,4	16	13,2
3. Pensamento					2	1,6	1	0,8	3	2,5
4. Necessidade					4	3,3	6	4,9	10	8,3
5. Gostar de alguém			8	6,6	1	0,8			9	7,4
6. Sentir fisiológico			3	2,5			2	1,6	5	4,1
7. Algo indefinido	9	7,4			2	1,6	7	5,8	18	14,9

8. Não Sei			1	0,8					1	0,8
9. Não Respondeu	10	8,3	4	3,3	3	2,5			17	14
Total	20	16,5	19	15,7	30	24,8	52	43	121	100

Analisando o quadro de acordo com a idade verifica-se que o maior volume de referências se apresenta no grupo dos 20 anos (43%). O segundo grupo com maior número de referências é o grupo dos 15 anos (24,8%), seguido pelo grupo dos 5 anos (16,5%), no entanto, este valor está associado às categorias *algo indefinido* (que inclui a sub-categoria não sei) e *não respondeu*. O grupo com menor número de referências é o grupo dos 10 anos (1,7%).

No grupo dos 20 anos a categoria mais referida foi a categoria *sentimento* (22,3%). A segunda categoria mais referida por este grupo, ainda que com um valor significativamente menor do que a categoria mais referida, foi a categoria *experiência emocional* (7,4%). As categorias menos referidas por este grupo foram as categorias *sentir fisiológico* (1,6%) e *pensamento* (0,8%). A categoria mais referida pelo grupo dos 15 anos foi também a categoria *sentimento* (11,6%). As categorias menos referidas por este grupo foram as categorias *pensamento* (1,6%) *algo indefinido* (1,6%) e *gostar de alguém* (0,8%). No grupo dos 10 anos a categoria mais referida foi a categoria *gostar de alguém* (6,6%). As categorias menos referidas (0,8%) por este grupo foram as categorias *sentimento* e *não sei*. No grupo dos 5 anos, como já foi referido, as categorias mais referidas foram as categorias *algo indefinido* (7,4%) e *não respondeu* (8,3%). A categoria menos referida e única para além das mencionadas foi a categoria *experiência emocional* (0,8%).

3.6.1. Análise das categorias do Tema V

Através da análise do quadro 54 pode verificar-se que a categoria *sentimento* integra onze sub-categorias. A sub-categoria mais referida pelo conjunto dos grupos foi a sub-categoria *sentimento intenso/muito forte* (19%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *começo do amor* e *componente do amor* (14,3%). A terceira sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentimento impulsivo* (11,9%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *quase irracional*, *superficial* e *cíclico* (2,4%).

3.6.1.1. Sentimento

Quadro 54 - Análise da Categoria 1- Sentimento

Categoria 1 - Sentimento	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
1.1. Intenso/muito forte					2	4,8	6	14,3	8	19
1.2. Repentino					3	7,1	1	2,4	4	9,5
1.3. Efêmero					2	4,8	2	4,8	4	9,5
1.4. Impulsivo					1	2,4	4	9,5	5	11,9
1.5. Quase Irracional							1	2,4	1	2,4
1.6. Superficial					1	2,4			1	2,4
1.7. Incoerente							2	4,8	2	4,8
1.8. Cíclico							1	2,4	1	2,4
1.9. Começo do amor							6	14,3	6	14,3
1.10. Componente do amor					3	7,1	3	7,1	6	14,3
1.11. A mesma coisa que amor			1	2,4	2	4,8	1	2,4	4	9,5
Total			1	2,4	14	33,3	27	64,3	42	100

Analisando o quadro em função da idade verifica-se que o maior volume de referências surge no grupo dos 20 anos (64,3%). O segundo grupo com maior volume de referências é o grupo dos 15 anos (33,3%). O grupo dos 10 anos é o grupo com menor número de referências (2,4%), uma vez que o grupo dos 5 anos não apresenta qualquer referência.

No grupo dos 20 anos as sub-categorias com maior número de referências (14,3%) são as sub-categorias *sentimento intenso/muito forte* e *começo do amor*. A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *sentimento impulsivo* (9,5%), seguida da sub-categoria *componente do amor* (7,1%). As sub-categorias menos referidas por este grupo (2,4%) foram as sub-categorias *sentimento repentino*, *quase irracional*, *cíclico* e a *mesma coisa que o amor*. No grupo dos 15 anos as sub-categorias mais referidas (7,1%) foram as sub-categorias *sentimento repentino* e *componente do amor*. As sub-categorias menos referidas (2,4%) foram as sub-categorias *impulsivo* e *superficial*. No grupo dos 10 anos a única sub-categoria referida foi a sub-categoria *a mesma coisa que o amor* (2,4%).

3.6.1.2. Experiência Emocional

Através da análise do quadro 55 verifica-se que a categoria experiência emocional integra cinco sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-

categoria *apaixonar-se* (37,5%). As segundas sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *emoção muito forte* e *atração incontrolável* (18,8%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *sentir algo ao conhecer alguém* e *loucura* (12,5%).

Quadro 55 - Análise da Categoria 2- Experiência Emocional

Categoria 2 – Experiência Emocional	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
2.1. Emoção muito forte							3	18,8	3	18,8
2.2. Sentir algo ao conhecer alguém					1	6,3	1	6,3	2	12,5
2.3. Apaixonar-se	1	6,3	2	12,5	1	6,3	2	12,5	6	37,5
2.4. Loucura							2	12,5	2	12,5
2.5. Atração incontrolável					2	12,5	1	6,3	3	18,8
Total	1	6,3	2	12,5	4	25	9	56,3	16	100

Analisando o quadro 55 em função da idade verifica-se que o grupo que apresenta maior número de referências é o grupo dos 20 anos (56,3%). Em segundo lugar encontra-se o grupo dos 15 anos (25%), seguido do grupo dos 10 anos (12,5%). O grupo com menor número de referências é o grupo dos 5 anos (6,3%).

No grupo dos 20 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *emoção muito forte* (18,8%). As segundas sub-categorias mais referidas (12,5%) foram as sub-categorias *apaixonar-se* e *loucura*. As sub-categorias menos referidas (6,3%) por este grupo foram as sub-categorias *sentir algo ao conhecer alguém* e *atração incontrolável*. No grupo dos 15 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *atração incontrolável* (12,5%). As sub-categorias menos referidas (6,3%) foram as sub-categorias *sentir algo ao conhecer alguém* e *apaixonar-se*. No grupo dos 10 anos

a única sub-categoria referida foi a sub-categoria *apaixonar-se* (12,5%). O mesmo se verifica no grupo dos 5 anos (6,3%).

3.6.1.3. Pensamento

Analisando o quadro 56 verifica-se que a categoria pensamento inclui apenas a sub-categoria, *só pensamos na pessoa*. Esta sub-categoria foi referida pelo grupo dos 20 anos.

Quadro 56 - Análise da Categoria 3 - Pensamento

Categoria 3 - Pensamento	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
3.1. Só pensamos na pessoa					2	66,7	1	33,3	3	100
Total					2	66,7	1	33,3	3	100

3.6.1.4. Necessidade

Através da análise do quadro 57 pode verificar-se que a categoria necessidade inclui três sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *só querer estar com a pessoa* (60%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *desejo* (30%) e a menos referida *entrega total* (10%).

Quadro 57 - Análise da Categoria 4 - Necessidade

Categoria 4 – Necessidade	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
4.1. Só querer estar com a pessoa					4	40	2	20	6	60
4.2. Entrega Total							1	10	1	10
4.3. Desejo							3	30	3	30
Total					4	40	6	60	10	100

Analisando o quadro 57 em função da faixa etária verifica-se que as sub-categorias em questão foram referidas pelos grupos dos 20 e dos 15 anos, sendo que o primeiro obteve maior número de referências (60%).

No grupo dos 20 anos a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *desejo* (30%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *só querer estar com a pessoa* (20%) e a menos referida foi a sub-categoria *entrega total* (10%). O grupo dos 15 anos apenas referiu a sub-categoria *só querer estar com a pessoa* (40%).

3.6.1.5. Gostar de alguém

Através da análise do quadro 58 podemos verificar que a categoria gostar de alguém inclui duas sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *gostar muito de uma pessoa* (88,9%).

Quadro 58 - Análise da Categoria 5 – Gostar de alguém

Categoria 5 – Gostar de alguém	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
5.1. Gostar muito de uma pessoa			7	77,8	1	11,1			8	88,9
5.2. Alguém que me faz sentir melhor			1	11,1					1	11,1
Total			8	88,9	1	11,1			9	100

Analisando o quadro em função da idade verifica-se que o grupo que apresenta maior volume de referências é o grupo dos 10 anos (88,9%) seguido pelo grupo dos 15 anos (11,1%). No grupo dos 10 anos a sub-categoria *gostar muito de uma pessoa* foi a mais referida (77,8). No grupo dos 15 anos esta foi a única sub-categoria referida (11,1%).

3.6.1.6. Sentir Fisiológico

Através da análise do quadro 59 pode verificar-se que a categoria sentir fisiológico integra três sub-categorias. As sub-categorias mais referidas foram a sub-

categoria *uma “coisa”/dor no coração* e a sub-categoria *sente-se no corpo/adrenalina muito forte* (40%). A sub-categoria menos referida foi a sub-categoria *tremores* (20%).

Quadro 59 - Análise da Categoria 6 – Sentir Fisiológico

Categoria 6 – Sentir Fisiológico	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
6.1. Uma “coisa”/dor no coração			2	40					2	40
6.2. Sente-se no corpo /adrenalina muito forte							2	40	2	40
6.3. Tremores			1	20					1	20
Total			3	60			2	40	5	100

Analisando o quadro 59 em função da idade verifica-se que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (60%) seguido pelo grupo dos 20 anos (40%). A sub-categoria mais referida pelo grupo dos 10 anos foi a sub-categoria *uma “coisa”/dor no coração* (40%), seguida pela sub-categoria *tremores* (20%). No grupo dos 20 anos a única sub-categoria referida foi a sub-categoria *sente-se no corpo/adrenalina muito forte* (40%).

3.6.1.7. Algo Indefinido

Através da análise do quadro 60 verifica-se que a categoria algo indefinido integra sete sub-categorias. A sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *não respondeu* (33,3%). A segunda sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *não sei* (27,8%). As terceiras sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *algo incrível* e *difícil de descrever* (11,1%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *momento de imaturidade* e *sal da vida* (5,5%).

Quadro 60 - Análise da Categoria 7 – Algo Indefinido

Categoria 7 – Algo Indefinido	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
7.1. Momento de imaturidade							1	5,5	1	5,5
7.2. Algo incrível							2	11,1	2	11,1
7.3. Sal da vida							1	5,5	1	5,5

7.4. Difícil de descrever							2	11,1	2	11,1
7.5. Acaba quando conhecemos a pessoa							1	5,5	1	5,5
7.6. Não Sei	5	27,8							5	27,8
7.7. Não Respondeu	4	22,2			2	11,1			6	33,3
Total	9	50			2	11,1	7	38,9	18	100

Analisando o quadro em função da idade verifica-se que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos cinco anos (50%), no entanto, este valor encontra-se associado às sub-categorias *não sei* (27,8%) e *não respondeu* (22,2%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (38,9%) seguido pelo grupo dos 15 anos (11,1%).

No grupo dos 20 anos as sub-categorias mais referidas (11,1%) foram as sub-categorias *algo incrível* e *difícil de descrever*. As menos referidas (5,5%) foram as sub-categorias *momento de imaturidade*, *sal da vida* e *acaba quando conhecemos a pessoa*. No grupo dos 15 anos a única sub-categoria que se apresenta é a sub-categoria *não respondeu* (11,1%).

3.6.1.8. Não Sei

Através da análise do quadro 61 verifica-se que a categoria *não sei* apenas foi referida pelo grupo dos 10 anos.

Quadro 61 - Análise da Categoria 8 - Não Sei

Categoria 10 – Não Sei	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total			1	100					1	100

3.6.1.9. Não Respondeu

Analisando o quadro 62 verifica-se que a categoria *não respondeu* foi a mais referida pelo grupo dos 5 anos (58,8%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (23,5%), seguido pelo grupo dos 15 anos (17,6%).

Quadro 62 - Análise da Categoria 9 - Não Respondeu

Categoria 10 – Não Respondeu	5 Anos		10 Anos		15 Anos		20 Anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total	10	58,8	4	23,5	3	17,6			17	100

Síntese dos Resultados do Tema V – Paixão

No tema V, a categoria com maior número de referências foi a categoria *sentimento* (34,7%). A segunda categoria mais referida foi a categoria *algo indefinido* (14,9%). A terceira categoria mais referida foi a categoria *não respondeu* (14%), seguida pela categoria *experiência emocional* (13,2%). As categorias menos referidas foram as categorias *sentir fisiológico* (4,1%) e *pensamento* (2,5%).

Analisando o conjunto das categorias de acordo com a idade, verificamos que o grupo com maior volume de informação foi o grupo dos 20 anos (43%). O segundo grupo com maior número de referências o grupo dos 15 anos (24,8%), seguido pelo grupo dos 5 anos (16,5%), no entanto, este valor está associado às categorias *algo indefinido* (que inclui a sub-categoria *não sei*) e *não respondeu*. O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 10 anos (1,7%).

Na categoria *sentimento* as sub-categorias mais referidas pelo conjunto dos grupos foram as sub-categorias *sentimento intenso/muito forte* (19%), *começo do amor* e *componente do amor* (14,3%) e *sentimento impulsivo* (11,9%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *quase irracional*, *superficial* e *cíclico* (2,4%). Em função da idade verificou-se que o grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (64,3%), seguido pelo grupo dos 15 anos (33,3%). O grupo dos 10 anos foi o grupo com menor número de referências (2,4%), uma vez que o grupo dos 5 anos não apresentou qualquer referência. As sub-categorias da categoria *sentimento* remetem para o que Slepj (1998) refere acerca da paixão, no sentido em que é um sentimento avassalador, que é habitualmente colocado no campo dos sentimentos de amor. Para muitas pessoas a paixão é uma manifestação do amor (Amado, 2010). A paixão pode também ser caracterizada como o começo do amor, no sentido em que pode evoluir para amor romântico (Sternberg, 2003). As sub-categorias *efêmero*, *impulsivo* e *repentino* podem estar associadas à evolução da

paixão com o passar do tempo que, segundo Sternberg, aumenta súbita e intensamente no início e diminui de modo rápido e igualmente intenso.

No que diz respeito à categoria algo indefinido as sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *não respondeu* (33,3%), *não sei* (27,8%). As terceiras sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *algo incrível* e *difícil de descrever* (11,1%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *momento de imaturidade* e *sal da vida* (5,5%). Nesta categoria o grupo com maior número de referências foi o grupo dos cinco anos (50%), no entanto, este valor encontra-se associado às sub-categorias *não sei* (27,8%) e *não respondeu* (22,2%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (38,9%) seguido pelo grupo dos 15 anos (11,1%).

A categoria *não respondeu* foi a mais referida pelo grupo dos 5 anos (58,8%). O segundo grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (23,5%), seguido pelo grupo dos 15 anos (17,6%).

Na categoria *experiência emocional*, as sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *apaixonar-se* (37,5%), *emoção muito forte* e *atração incontrolável* (18,8%). As sub-categorias menos referidas foram as sub-categorias *sentir algo ao conhecer alguém* e *loucura* (12,5%). O grupo que apresentou maior número de referências foi o grupo dos 20 anos (56,3%). Em segundo lugar encontramos o grupo dos 15 anos (25%), seguido pelo grupo dos 10 anos (12,5%). O grupo com menor número de referências foi o grupo dos 5 anos (6,3%). A instabilidade emocional é uma das características associadas à paixão. As pessoas apaixonadas podem sentir várias emoções intensas que se sucedem num curto período de tempo (Amado, 2010). Na sua definição de paixão, Sternberg (2003) refere a atração física como um dos aspectos que a caracteriza. A sub-categoria *sentir algo ao conhecer alguém* pode remeter para aquilo a que Sternberg (2003) denomina *enfeitiçamento*, quando não havendo qualquer intimidade ou compromisso, ao vermos a outra pessoa, sentimos uma atração intensa e não conseguimos deixar de pensar nela.

No caso da categoria *sentir fisiológico* as sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *uma "coisa"/dor no coração* e *sente-se no corpo/adrenalina muito forte* (40%). A sub-categoria menos referida foi a sub-categoria *tremores* (20%). O grupo com maior número de referências foi o grupo dos 10 anos (60%), seguido pelo grupo dos 20 anos (40%). Aquilo a que Sternberg (2003) designa de *enfeitiçamento* (apenas paixão) surge geralmente com um elevado grau de excitação psicofisiológica e sintomas corporais como um ritmo cardíaco mais acelerado ou mesmo palpitações

cardíacas. Segundo Amado (2010) a consequência física mais simbólica associada à paixão é o aumento do ritmo cardíaco.

A categoria *pensamento* inclui apenas a sub-categoria, *só pensamos na pessoa*. Esta sub-categoria foi referida pelo grupo dos 20 anos. O pensamento obsessivo sobre a pessoa amada é uma das componentes que caracteriza a paixão (Sternber, 2003).

4. Conclusões Gerais

Em relação aos resultados observados e tendo em conta as sínteses e discussões realizadas anteriormente, optamos por apresentar apenas os aspectos mais salientes.

Não contabilizando os itens *não sei* e *não respondeu* verificamos que o tema no qual o grupo dos 5 anos produziu mais informação foi no tema III – *Amizade*. O segundo tema no qual as crianças tiveram maior facilidade em responder às questões foi o tema IV – *Amor*. No tema I – *Sentimentos* – também obtivemos alguma informação mas um pouco vaga, daí que a tenhamos integrado na sub-categoria *indefinido*, da categoria *algo que se sente*. Nos temas II – *Emoções* e V – *Paixão*, apenas obtivemos uma resposta em cada tema. O que parece importante salientar são as respostas relativas ao conceito Amizade, que remeteram para os amigos, nomeadamente, o brincar e partilhar coisas com os mesmos. Com esta idade as crianças já conseguem associar este conceito aos colegas e às experiências que vivem com os mesmos. No período pré-escolar o brincar e a partilha dos brinquedos assumem um papel fundamental no desenvolvimento da amizade. As crianças vão desenvolvendo a capacidade e desejo de partilha. O brinquedo torna-se uma linguagem comum que ajuda as crianças a comunicar e a conhecerem-se umas às outras (Papalia *et. al.*, 2001). Nas brincadeiras das crianças de quatro, cinco anos, os brinquedos são os instrumentos, o foco da actividade entre os amigos (Borenstein, 1996). Os conceitos de amizade das crianças e o modo como interagem com os amigos vão-se alterando com a idade, reflectindo o desenvolvimento cognitivo e emocional (Papalia *et. al.*, 2001).

No tema *Amor* as respostas foram relacionadas com acções que as crianças associam ao conceito como *namorar* e *casar* que constituíram a categoria *compromisso*, que é entendido como um dos componentes do amor (Sternberg, 2003). No tema *Sentimentos* as respostas foram exemplos de sentimentos *positivos*. Ainda que as crianças desta idade não consigam definir o conceito, algumas parecem já conseguir associá-lo a aspectos que sentem como agradáveis. As respostas dos temas emoções e paixão pareceram palavras que semanticamente se encontram próximas dos conceitos estudados.

As concepções de amizade reflectem expectativas, valores e crenças que os indivíduos têm acerca daquilo que significa ser amigo (McDougall & Hymel, 2007). Segundo vários autores (Neto, 2002; Dreher, 2009) a amizade é universal, independentemente da idade, do sexo, da classe social ou cultura, desempenhando um importante papel na felicidade dos indivíduos (Demir & Weitekamp, 2007). Ao longo do desenvolvimento a amizade manifesta-se de diferentes formas (Papalia *et al.*, 2001) e as características que lhe estão associadas assumem diferentes valores de acordo com a fase de desenvolvimento na qual o indivíduo se encontra (McDougall & Hymel, 2007). O estabelecimento de relações de amizade com os pares constitui-se como uma das maiores tarefas de desenvolvimento da infância e da adolescência (Poulin & Chan, 2010). A amizade encontra-se positivamente associada a interações facilitadoras do desenvolvimento (Miell & MacDonald, 2000), à auto-aceitação e filiação (Kretschmer & Pike, 2010), às representações sobre o suporte parental (Zimmermann, 2004), assumindo ainda um papel moderador na percepção de adolescentes sobre conflitos interparentais e problemas de adaptação (Larsen *et al.*, 2007).

Izard (2009) refere que o padrão de emoções de amor e apego é fundamental para a evolução humana, para o desenvolvimento normativo, para a mentalidade humana e para a adaptação efectiva. Segundo Slepj (1998) o amor está presente em qualquer relação afectiva, assumindo diversas formas no decurso da existência (do amor simbiótico pela mãe ao amor adulto). Apesar de não existir um padrão normativo de desenvolvimento no que diz respeito ao início do interesse nas relações amorosas, é possível verificar que a natureza destas relações se vai alterando ao longo do desenvolvimento da adolescência. Os adolescentes passam de um simples interesse por rapazes ou raparigas para o estabelecimento de relações significativas caracterizadas por apego e cuidado (Furman, 2002). Comparadas com outras relações com os pares, as relações amorosas têm habitualmente uma intensidade distinta, caracterizada por expressões de afecto e envolvimento de cariz sexual. As alterações nas definições pessoais de amor resultam provavelmente de uma maior maturidade cognitiva e emocional e maior experiência em relacionamentos (Collins, Welsh & Furman, 2009).

A paixão envolve muito mais que o desejo, reflecte uma carência, um estado de falta, não pode ser reduzida ao seu lado sensual e sexual (Amado, 2010). No entanto, esta vertente encontra-se naturalmente associada à paixão e talvez por isso

não tenhamos encontrado estudos que estabeleçam uma relação entre paixão e desenvolvimento.

O grupo dos 10 anos foi o segundo grupo com menos referências na generalidade dos temas. O maior volume de informação deste grupo verificou-se no tema *Sentimentos*. Esse valor advém das categorias *algo que se sente* e *tipos de sentimentos*, que foram as categorias desse tema mais referidas por este grupo. Nota-se alguma dificuldade na definição deste conceito uma vez que uma grande percentagem da informação da categoria *algo que se sente* pertence à sub-categoria *indefinido*. Por sua vez, dentro da categoria *indefinido* foi o grupo com mais referências na sub-sub-categoria *algo que sentimos interiormente*. Facto que nos leva a reconhecer o entendimento acerca do carácter privado e interno dos sentimentos referido por Damásio (2000). As crianças de 10 anos parecem compreender que os sentimentos não são observáveis pelos outros, apenas o indivíduo que os sente tem consciência dos mesmos (Damásio, 2000). A categoria do tema *Sentimentos* na qual o grupo dos 10 anos fez mais referências foi a categoria *tipos de sentimentos*, remetendo para a maior facilidade de exemplificar face à definição do conceito. Parece que o referido por Joseph LeDoux (1996) acerca da emoção, de que toda a gente parece saber o que é uma emoção até que lhe seja pedido que a defina, se pode também aplicar aos sentimentos. Dentro da categoria *tipos de sentimentos*, o grupo dos 10 anos nomeou mais sentimentos *positivos*, sendo que o mais referido foi o *amor*. Apesar de ser designado como um sentimento positivo (Barros de Oliveira, 2010), nem sempre há consenso a esse respeito. Segundo Lazarus (2000) o amor não pode ser catalogado inequivocamente como positivo porque na vida real pode ser experienciado como negativo ou associado a sentimentos negativos. É necessária uma avaliação para determinar se os acontecimentos do momento o traduzem como positivo. O tema *Emoções* foi o tema no qual as crianças de 10 anos apresentaram menor volume de informação. Mais uma vez se reflecte o referido anteriormente por Joseph LeDoux (1996) acerca da dificuldade da definição das emoções. A categoria mais referida por este grupo, neste tema, foi a categoria *tipos de emoções*, verificando-se referências de emoções *positivas* e *negativas*, nomeadamente, *felicidade* e *tristeza*. Estas emoções fazem parte das chamadas emoções universais, que são facilmente identificáveis através das expressões faciais (Damásio, 2010).

No tema *amizade*, a categoria *gostar* foi a mais referida pelo grupo dos 10 anos, sendo a sub-categoria *gostar de uma pessoa* a mais referida pelo mesmo. Outra categoria deste tema que obteve bastantes referências por parte deste grupo foi a

categoria *solidariedade*. Foi inclusive o grupo com mais referências na sub-categoria *ajuda mútua*. Esta é uma das características referidas na literatura consultada (Slepoj, 1998), que caracteriza a amizade. O volume de informação do tema *amizade* foi igual ao do tema *amor*. Também neste, a categoria mais referida pelo grupo dos 10 anos foi a categoria *gostar de alguém*. Este foi também o grupo com mais referências na sub-categoria *gostar muito de alguém*. No tema amor, as outras categorias mais referidas pelas crianças de 10 anos foram as categorias *algo indefinido* e *sentir fisiológico*. Encontramos referências ao amor como algo especial que leva a que o indivíduo se sinta diferente. De algo indefinido passamos para elementos mais fisiológicos como o aumento do ritmo cardíaco e alterações na barriga/estômago. Apesar de ter sido o tema com menor volume de informação, o tema *Paixão*, continua na direção dos dois temas anteriormente referidos e novamente, a categoria *gostar de alguém* foi a categoria mais referida pelas crianças dos 10 anos. Este foi novamente o grupo com mais referências na sub-categoria *gostar muito de uma pessoa*. Como aconteceu no tema amor, verificaram-se também referências na categoria *sentir fisiológico*, nomeadamente, uma “*coisa*”/ *dor no coração e tremores*. Neste tema houve perguntas que ficaram sem resposta ou às quais os sujeitos responderam “*não sei*”. A questão do gostar foi referida pelas crianças nos temas amizade, amor e paixão. Parece-nos que este termo é aqui utilizado, como refere Sternberg (2003), para descrever sentimentos de proximidade, ligação e afecto em relação ao outro. Por outro lado, a categoria sentir fisiológico remete para alterações do estado do corpo, nomeadamente, aumento do ritmo cardíaco, referências ao coração e nervosismo, que podem acompanhar o amor e a paixão (Fisher, 2008).

Parece haver uma dificuldade na distinção entre *amizade*, *amor* e *paixão*. Em todos estes temas a questão do *gostar* foi fortemente abordada pelos sujeitos dos 10 anos. Talvez a maior diferença entre a amizade e os outros dois temas seja a inexistência de referências ao sentir fisiológico e maior incidência na questão da solidariedade. O amor e a paixão parecem indissociáveis. Os temas *sentimentos* e *emoções* também parecem exigir um nível de abstracção maior para possibilitar a sua definição por parte das crianças de 10 anos. Há ainda por parte destes, uma grande necessidade de recorrerem aos exemplos para tentarem explicar o conceito.

O grupo dos 15 anos foi o segundo grupo com maior volume de informação na totalidade dos temas. O tema no qual se verificaram mais referências foi o tema *sentimentos* e foi o grupo que maior volume de informação obteve neste tema. Tal como se verificou com o grupo dos 10 anos, das categorias que o constituem, as que

apresentaram mais referências foram as categorias *tipos de sentimentos* e *algo que se sente*. Este é o grupo que apresenta mais referências em ambas as categorias. Para os jovens entrevistados, sentimentos podem ser *algo que sente por outro (s) e/ou algo que se sente indefinido*. Referente à primeira, a sub-sub-categoria *gostar de uma pessoa* foi a que apresentou maior número de referências. Na sub-categoria *indefinido* a sub-sub-categoria mais referida foi *algo que sentimos interiormente*. Na categoria *tipo de sentimentos* este grupo foi o que mais referências fez na sub-categoria *positivos*, sendo o *amor* e a *amizade* os mais referidos. Não houve referências por parte deste grupo nas categorias *não sei* e *não respondeu*. O tema com segundo maior volume de informação foi o tema *Amor*. Neste tema a categoria com mais referências foi a categoria *gostar de alguém*. Em segundo lugar as categorias *algo indefinido* e *sentimento* obtiveram igual número de referências seguidas pela categoria *experiência emocional*. Barros de Oliveira (2010) refere que é mais fácil viver o amor, identificá-lo e senti-lo, do que defini-lo, daí que a categoria *algo indefinido* tenha tido muitas referências. Segundo Slepj (1998) o amor é um sentimento completo e articulado, que se exprime em múltiplas formas e graus de intensidade e é composto por toda uma gama de emoções. Para Kalat e Shiota (2007) o amor pode ser uma experiência emocional, no sentido em que é demasiado complexo para reflectir uma única emoção. Os autores sugerem que se o amor é uma emoção ou conjunto de emoções, a sua função é construir e manter relacionamentos próximos. Neste tema temos uma referência na categoria *não respondeu*. Os temas *emoções* e *amizade* apresentaram igual volume de informação. No entanto, no tema *emoções*, este foi o grupo que maior volume de informação apresentou. As categorias mais referidas foram as categorias *definição* e *tipo de emoções*, seguidas pela categoria *reação comportamental*. Na categoria *definição* este foi o grupo com mais referências, uma vez que o grupo dos 20 anos não fez qualquer referência. As sub-categorias mais referidas foram as sub-categorias *algo que se sente no momento*, *coisas que vivemos/passamos* e *momentos que marcam*. Estas categorias vão ao encontro da ideia de que as emoções acontecem quando o organismo processa determinados objectos ou situações através de um dos seus dispositivos sensoriais (por exemplo, quando avista um rosto ou local familiares) ou quando a mente de um organismo recorda certos objectos e situações e os representa, enquanto imagens, no processo do pensamento (por exemplo, a recordação de um rosto amigo) (Damásio, 2003b). Assim, as emoções são desencadeadas por imagens de objectos ou acontecimentos

que estão a ocorrer no momento ou que, tendo acontecido no passado, estão agora a ser evocados (Damásio, 2010)

Na categoria *tipo de emoções* o grupo dos 15 anos é o que tem maior volume de informação apresentando igual número de referências nas sub-categorias *positivas* e *negativas*, *alegria* e *tristeza*. No tema *Amizade* as categorias mais referidas pelo grupo dos 15 anos foram as categorias *gostar*, *confiança* e *solidariedade*. Na categoria *gostar* a sub-categoria mais referida foi *sentir-se bem com uma pessoa*. Na categoria *solidariedade* a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *apoio incondicional*. Na categoria *confiança* a sub-categoria mais referida foi a sub-categoria *confiança entre as pessoas*. Slepj (1998) refere a importância da disponibilidade dos amigos, quer em momentos bons ou em circunstâncias menos favoráveis. Os amigos aceitam-se uns aos outros, apesar dos defeitos que cada um possa ter. A amizade pressupõe a ausência de reprovações mútuas ou desilusões recíprocas. É provável que na adolescência a intensidade e a importância das amizades seja maior do que em qualquer outro período do ciclo de vida. Nesta etapa de desenvolvimento, a lealdade e a partilha entre amigos assumem um papel mais relevante do que o assumido anteriormente (Papalia *et al.*, 2001). Por volta dos 13/15 anos, prevalece um afecto de confiança recíproca. Os adolescentes esperam dos amigos, qualidades como a sinceridade, a lealdade e a confiança (Coslin, 2002).

O tema menos referido por este grupo foi o tema *paixão*. Neste grupo a categoria mais referida foi a categoria *sentimento*. As segundas categorias mais referidas foram as categorias *experiência emocional* e *necessidade*. Verificaram-se algumas dificuldades nas respostas referentes a este tema. Este grupo referiu a paixão como um sentimento *intenso/muito forte*, *repentino*, *efémero*, *impulsivo* e *superficial*. Para alguns sujeitos deste grupo a paixão é uma *componente do amor*, para outros é *a mesma coisa que o amor*. A paixão pode também ser uma *experiência emocional* através das sub-categorias *atração incontrolável*, *apaixonar-se ou sentir algo ao conhecer alguém*. A paixão tem subjacente uma necessidade, o só querer estar com a pessoa. A paixão é habitualmente colocada no campo dos sentimentos de amor (Slepj, 1998), sendo para muitas pessoas uma manifestação mesmo (Amado, 2010). A paixão pode também ser caracterizada como uma componente do amor, como acontece na tipologia de amor de Sternberg (2003). Segundo o autor, quando existe apenas paixão estamos face um *enfeitiçamento*. Quando a atração é intensa e depois de vermos a pessoa só pensamos nela, no entanto, não há qualquer intimidade ou compromisso (Sternberg, 2003), daí que possa ser considerada superficial. As sub-

categorias repentino, efémero, impulsivo podem estar associadas à evolução da paixão com o passar do tempo que, segundo Sternberg (2003) aumenta súbita e intensamente no início e diminui de modo rápido e igualmente intenso. O autor refere também que o âmago da paixão é uma necessidade activa, ou seja, consciente de que desejamos intensamente algo de alguém (Sternberg, 2003).

No geral, o grupo dos 20 anos foi o grupo que produziu maior volume de informação. Apenas nos temas *Emoções e Sentimentos*, não foi o grupo com mais referências, tendo sido o grupo dos 15 anos. No entanto, esse facto pode dever-se às referências desse grupo nas categorias e sub-categorias *indefinido*, que traduzem também dificuldades na definição concreta dos conceitos. No grupo dos 20 anos, os temas com maior volume de informação foram os temas *Amizade e Amor* e o tema com menos referências, o tema *Emoções*.

Os resultados deste estudo demonstram que as concepções dos conceitos estudados se vão modificando ao longo do desenvolvimento. Este facto advém da maturação cognitiva e emocional, tendo em conta as experiências de cada indivíduo. De acordo com Lewis (2008) os estados emocionais desenvolvem-se ao longo da vida, partindo de uma condição de relativa indiferenciação, diferenciando-se progressivamente com base na actividade emocional, e deste modo, nas experiências do indivíduo. O autor dá ênfase à experiência emocional e à interpretação e avaliação pelo indivíduo dos seus estados emocionais e expressões percebidas.

Apesar das concepções das crianças e jovens entrevistados transmitirem alguma confusão em relação à distinção de determinados conceitos, nomeadamente, sentimentos e emoções e amor e paixão, esse facto é natural pois a nível teórico a distinção nem sempre é clara.

O facto do conceito *Emoções* ter tido o menor volume de informação, parece-nos um motivo relevante para alertar para a importância da estimulação precoce na identificação e compreensão das emoções para que assim as crianças as possam expressar e gerir (Moreira, 2001).

A amostra constituída para este estudo não foi muito extensa e heterogénea, pelo que os resultados obtidos apenas descrevem uma realidade específica e contextualizada. Algumas dificuldades surgem ainda neste tipo de pesquisa, resultantes da compreensão de conceitos tão complexos. Neste sentido consideramos que em estudos posteriores, seria importante averiguar se os resultados obtidos nesta investigação são comuns a outras amostras, alargando o estudo a diversos meios

educativos e contextos sociais, em várias zonas do país, comparando as concepções encontradas, por exemplo, entre sexos, ou relacionando-as com estilos de vinculação.

Em síntese, pensamos que este trabalho pode contribuir para um melhor conhecimento das concepções de crianças e jovens acerca de conceitos fundamentais para o processo de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

Abe, J. & Izard, C. (1999). The Developmental Functions of Emotions: An Analysis in Terms of Differential Emotions Theory. *Cognition and Emotion*, 13(5), 523 – 549

Alberoni, F. (2008). *Lições de Amor*. Lisboa: Bertrand Editora

Almeida, M. (2006). *Socialização Parental das Emoções e a Competência Social da Criança*. Dissertação de mestrado não publicada, ISPA, Lisboa, Portugal.

Almeida, L. & Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.

Amado, N. (2010). *Diz-me a verdade sobre o amor*. Alfragide: Academia do Livro.

Arndorfer, L. C. & Stormshak, A. E. (2008). Same-sex versus other-sex best friendship in early adolescence: Longitudinal predictors of antisocial behavior throughout. *Journal of Youth Adolescence*, 37, 1059-1070.

Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54, 5, 317-326.

Barros de Oliveira, H. J. (2010). *Psicologia Positiva*. Porto: Livpsic.

Barry, M. C., Madsen, D. S., Nelson, J. L., Carroll, S. J., & Badger, S. (2009). Friendship and romantic relationship qualities in emerging adulthood: differential associations with identity development and achieved adulthood criteria. *Journal of Adult Development*, 16, 209-222.

Batty, M., & Taylor, M. (2006). The development of emotional face processing during childhood. *Development Science*, 9 (2), 207-220.

Ben – Ze`ev, A. (2004). *Love Online – Emotions on the Internet*. United Kingdom: Cambridge.

Berndt, T. J. & Perry, T. B. (1990). Distinctive features and effects of early adolescent friendships. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *From childhood to adolescence: A transitional period?* Newbury Park, CA: Sage.

Borenstein, L. (1996). The Development of friendship in childhood: a clinical conversation. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 13, 3, 213 – 224.

Bowlby, J. (1969) *Attachment and loss. Vol. 1 Attachment* (2nd. Ed. 1982) New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1973) *Attachment and loss. Vol.2. Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1980) *Attachment and loss. Vol.3. Loss, sadness and separation*. New York: Basic Books.

Brazelton, T. & Greenspan, S. (2002). *A criança e o seu mundo*. Lisboa: Editorial Presença.

Buhrmester, D. (1996). Need fulfillment, interpersonal competence, and the developmental contexts of early adolescent friendship. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 158 – 185). New York: Cambridge University Press.

Chen, Z., Guo, F., Yang, X., Li, X., Duan, Q., Zhang, J., & Ge, X. (2009). Emotional and Behavioral Effects of Romantic Relationships in Chinese Adolescents. *Journal of Youth Adolescence*, 38, 1282-1293.

Collins, W. A. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 1-24.

Collins, W. A., Welsh, P.D., & Furman, W. (2009). Adolescent Romantic Relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631 – 652.

Colten, M. E. & Gore, S. (1991). *Adolescent stress: causes and consequences*. New York: Aldine de Gruyter.

Compian, L., Gowen, L., & Hayward, C. (2004). Peripubertal girls' romantic and platonic involvement with boys: Associations with body image and depression symptoms. *Journal of Research on Adolescence*, 14, 23-27.

Cordeiro, M. (2009). *O Grande Livro do Adolescente*. Lisboa: A esfera dos Livros.

Coslin, G. P. (2002). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget

Cosnier, J. (1994). *Psychologie des émotions et des sentiments*. Paris: Retz.

Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si* (6ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa América.

Damásio, A. (2003a). *Ao Encontro de Espinosa* (4ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa América.

Damásio, A. (2003b). *O Erro de Descartes* (23ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa América.

Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência*. Lisboa: Temas e Debates.

De Goede, A. I., Branje, T. S. & Meeus, J. W. (2009). Developmental changes and gender differences in adolescents' perceptions of friendships. *Journal of Adolescence*, 32, 1105 – 1123.

De Goede, A. I., Branje, T. S., Delsing, H. M. M., Meeus, J. W. (2009). Linkages Over Time Between Adolescent's Relationships with Parents and Friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 1304-1315.

Demir, M., Özdemir, M. & Weitekamp, A. L. (2007). Looking to happy tomorrows with friends: best and close friendships as they predict happiness. *Journal of Happiness Studies*, 8, 243 – 271

Demir, M. & Weitekamp, A. L. (2007). I am so happy cause today I found my friend: friendship and personality as predictors of happiness. *Journal of Happiness Studies*, 8, 181 – 211

Denham, S. A. (2007). Dealing with feelings: how children negotiate the worlds of emotion and social relationships. *Cognition, Brain, Behavior*, 11, 1-48.

Dreher, J. (2009). Phenomenology of friendship: construction and constitution of an existential social relationship. *Human Studies*, 32, 401-417

Fehr, B. & Russell, J. A. (1984). Concept of emotion viewed from a prototype perspective. *Journal of Experimental Psychology: General*, 113,464-486.

Fehr, B. & Russell, J. A. (1991). Concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 425-438.

Fisher, H. (2008). *Porque Amamos – A Natureza e a Química do Amor Romântico*. Lisboa: Relógio D´Água.

Flavell, J., Miller, P. & Miller, S. (1999). *Desenvolvimento Cognitivo* (3ª ed.). São Paulo: Artmed.

Franco, G. M. (2007). *A Gestão das Emoções na Sala de Aula*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Frijda, H. N. (2008). The Psychologists` Point of View. In Lewis, M., Haviland-Jones, M. J. & Barrett, F. L. (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 68-87). New York: The Guilford Press.

Frijda, H. N. (1986). *The emotions*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Furman, W. (2002). The emerging field of adolescence romantic relationships. *Current Directions in Psychological Science*, 11, 177-180.

- Giglione, R. & Malaton, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- Gonzaga, C. G., Haselton, G. M., Smurda, J., Davies, M. & Poore, J. (2008). Love, desire, and suppression of thoughts of romantic alternatives. *Evolution and Human Behavior*, 29, 119 – 126.
- Hansen, C. & Zamba, D. (2007). Loving and learning with Wemberly and David: Fostering Emotional Development in Early Childhood Education. *Early Childhood Education Journal*, 34 (4), 273-278.
- Harris, L. P. (2008). Children`s Understanding of Emotion. In Lewis, M., Haviland-Jones, M. J. & Barrett, F. L. (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 320-331). New York: The Guilford Press.
- Hartup, W. W. (1996). The Company They Keep: Friendships and Their Developmental Significance. *Child Development*, 67, 1-13.
- Hendrix, C., & Hendrix S. (1986). Research on love: does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 3, 784 – 794.
- Izard, E. I. (2009). Emotion theory and research: highlights, unanswered questions, and emerging issues. *Annual Review of Psychology*, 60, 1- 25.
- Izard, C. E., & Malatesta, C. Z. (1987). Perspectives on emotional development I : Differential emotions theory of early emotional development. In J. D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed., pp. 494 – 554). New York: Wiley – Interscience.
- Jankowiak, W. R., & Fischer, F. E. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31, 2, 149.
- Kalat, W. J. & Shiota, N. M. (2003). New displays and new emotions: a commentary on Rozin and Cohen. *Emotion*, 3, 1, 86 – 91.
- Kalat, W. J. & Shiota, N. M. (2007). *Emotion*. Canadá: Thomson

- Kretschmer, T. & Pike, A. (2010). Links between nonshared friendship experiences and adolescent siblings' differences in aspirations. *Journal of Adolescence*, 33, 101-110.
- Larsen, H., Branje, J. S., Van der Valk, I. & Meeus, H. W. (2007). Friendship as a moderator between perception of interparental conflicts and maladjustment in adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 31, (6), 549 – 558
- Laursen, B. (1996). Closeness and conflict in adolescent peer relationships: interdependence with friends and romantic partners. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 186-210). New York: Cambridge University Press.
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press.
- Lazarus, R. S. (2000). Toward better research on stress and coping. *American Psychologist*, 55, 6, 665-673.
- Lazarus, R. S. (2001). Conservation of Resources Theory (COR): Little More Than Words Masquerading as a New Theory. *Applied Psychology*, 50, 3, 381- 391
- Lecoq, J. & Rimé, B. (2009). Les passions: aspects émotionnels et sociaux. *Revue Européenne de Psychologie appliquée*, 59, 197-209.
- LeDoux, J. (1996). *O Cérebro Emocional*. Cascais: Pergaminho
- Lelord, F. & André, C. (2002). *A Força das Emoções*. Cascais: Pergaminho
- Lewis, M. (2008) The emergence of human emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.) *Handbook of emotions*. 3rd. ed.(pp.304-319) New York: The Guilford Press.
- Luzes, P. (2004). L'Interaction Cognition – Émotion et la Psychologie Clinique. In Kirouac, G. (coord), *Cognition et Émotions* (p. 171-187). Coimbra: Imprensa da Universidade.

Machado, S. (2003). *O Comportamento Agressivo em Humanos: Instrumentos de Medida, Diferenças Sexuais e Efeitos de Idade*. Dissertação de mestrado não publicada, ISPA, Lisboa, Portugal.

McDougall, P., & Hymel, S. (2007). Same-gender versus cross-gender friendship conceptions: similar or different? *Merril-Palmer Quarterly*, 53 (3), 347 – 380.

Melo, A. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Miell, D., & MacDonald, R. (2000). Children's creative collaborations: The importance of friendship when working together on a musical composition. *Social Development*, 9, 348-369.

Moreira, P. (2001). *Para uma Prevenção que Previna*. Coimbra: Quarteto Editora.

Neto, F. (sd). *Estudos de Psicologia Intercultural*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian

Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta

Oatley, K. & Jenkins, M. J. (1998). *Compreender as Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *Mundo da Criança*. Lisboa: McGrawHill

Poulin, F. & Chan, A. (2010). Friendship stability and change in childhood and adolescence. *Developmental Review*, 30, 257-272.

Robinson, M. D. & Clore, G. L. (2002). Beliefs, situations, and their interactions: Towards a model of emotion reporting. *Psychological Bulletin*, 128, 934–960

Rubin, K. & Fredstrom, B., Bowker, J. (2008). Future directions in...friendship in childhood and early adolescence. *Social Development*, 17, 4, 1086-1096.

Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 519-531.

Shaver, R. P., Morgan, J. H. & Wu, S. (1996). Is love a “basic” emotion?. *Personal Relationships*, 3, 81-96

Shiota, M., Campos, B., Gonzaga, G., Peng, D. (2010). I love you but...: Culture differences in complexity of emotional experience during interaction with a romantic partner. *Cognition and Emotion*, 24 (5), 786-799.

Shulman, S., & Knipis, O. (2001). Adolescent Romantic Relationships: a look from the future. *Journal of Adolescence*, 24, 337-351.

Slepoj, V. (1998). *Compreender os Sentimentos*. Lisboa: Editorial Presença

Sprecher, S., Aron, A., Hatfield, E., Cortese, A., Potapove, E., & Levitskaya, A. (1994). Love: American style, Russian style and Japanese style. *Personal Relationships*, 1, 349 – 369.

Stein, N. L., Trabasso, T., & Liwag, M. D. (1993). The representation and organization of emotional experience: unfolding the emotion episode. In Lewis, M., Haviland-Jones, M. J. & Barrett, F. L. (Eds.), *Handbook of Emotions* (pp. 279-300). New York: The Guilford Press.

Stendhal (2009). *Do amor*. Lisboa: Relógio D`Água.

Sternberg, J. R. (2003). *A Seta do Cupido – O Percurso do Amor ao Longo do Tempo*. Lisboa: Editora Replicação.

Strongman, K. (2004). *A Psicologia da Emoção* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B., & Santos, A. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica*, 4₁(21), 419-430.

Wang, Qi. (2003). Emotion situation knowledge in American and Chinese preschool children and adults. *Cognition and Emotion*, 17 (5), 725-746.

Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of experimental child psychology*, 88, 83-101.

ANEXOS

Grelha de Análise Temática e Categorical

TEMA I – SENTIMENTOS			
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	SUB-SUB CATEGORIA	
1. Algo que se sente	1.1. Por outro (s)	1.1.1. Gostar de uma pessoa	
		1.1.2. Pelos familiares	
		1.1.3. Pelos amigos	
		1.1.4. Afinidade com uma pessoa	
		1.2. Por si próprio	
		1.3. Indefinido	1.3.1. Algo que sentimos interiormente
			1.3.2. Algo que se sente por alguma coisa
			1.3.3. Algo que nasce dentro de nós
			1.3.4. Algo que não conseguimos explicar
			1.3.5. Algo que a pessoa demonstra
			1.3.6. Algo que surge com o tempo
			1.3.7. Uma coisa complicada
			1.3.8. Uma coisa boa
			1.3.9. Algo que tento viver
	1.3.10. Estar de férias em casa /praia		
2. Algo que se pensa	2.1. Pensamentos que se manifestam no corpo		
	2.2. Pensamentos profundos do ser humano		
	2.3. Algo que a pessoa pensa		
3. Estados Emocionais	3.1. Estados de alma		
	3.2. Reflectem a nossa forma de estar		
4. Reacções Emocionais	4.1. Positivas	4.1. 1. Estar feliz	
	4.2. Negativas	4.2. 1. Estar triste	
		4.2. 2. Estar com saudades	
5. Reacções Fisiológicas	5.1. Acto químico do corpo		
	5.2. Sentir frio		
	5.3. Sentir Calor		
6. Tipos de sentimentos	6.1. Positivos	6.1.1. Amor	
		6.1.2. Amizade	

		6.1.3. Paixão
		6.1.4. Alegria
		6.1.5. Felicidade
		6.1.6. Justiça
		6.1.7. Carinho
		6.1.8. Ternura
		6.1.9. Afecto
	6.2. Negativos	6.2.1. Ódio
		6.2.2. Raiva
		6.2.3. Tristeza
		6.2.4. Saudade
		6.2.5. Sofrimento
		6.2.6. Dor
		6.2.7. Revolta
		6.2.8. Vingança
		6.2.9. Medo
	6.3. Não sei	
	6.4. Não respondeu	
7. Não Sei		
8. Não Respondeu		

TEMA II - EMOÇÕES			
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	SUB-SUB-CATEGORIA	
1. Definição	1.1. Algo que se sente no momento		
	1.2. Sentidas à flor da pele		
	1.3. Espécie de primeiro impacto		
	1.4. Coisas que vivemos/passámos		
	1.5. Momentos que marcam		
	1.6. Estados de espírito		
	1.7. Algo que magoa		
	1.8. Gostar muito de uma coisa		
	1.9. Diversão		
		1.10. Não sei	
		1.11. Não respondeu	
2. Reacção emocional	2.1. Impulsiva		
	2.2. Espontânea		
3. Reacção comportamental	3.1. Positiva	3.1. Rir	
		3.2. Gritar de alegria	
		3.3. Chorar de alegria	
		3.4. Amar	
	3.2. Negativa	3.2.1. Chorar	
		3.2.2. Dor	
4. Relação com sentimentos	4.1. Expressão agradável de um sentimento		
	4.2. Expressão fisiológica do sentimento		
	4.3. Mais intensa do que o sentimento		
	4.4. Menos duradoura que o sentimento		
5. Tipo de emoções	5.1. Positivas	5.1.1. Alegria	
		5.1.2. Felicidade	
	5.2. Negativas	5.2. 1. Medo	
		5.2.2. Tristeza	
		5.2.3. Ansiedade	
	5.3. Não Sei		
	5.4. Não Respondeu		

TEMA III – AMIZADE		
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	SUB-SUB CATEGORIA
1. Sentimento	1.1. Complexo	
	1.2. Muito forte	
	1.3. Muito importante	
	1.4. Forma de amor	1.4.1. Menos profundo do que o amor
		1.4.2. Menor comprometimento do que no amor
		1.4.3. Menor exposição do que no amor
		1.4.4. Mais pura do que o amor
		1.4.5. Mais fácil do que o amor
		1.4.6. Amor faz parte da amizade
	1.5. Muito bom/bem precioso	
2. Gostar	2.1. Gostar de uma pessoa	
	2.2. Sentir-se bem com uma	
	2.3. Simpatizar com uma pessoa	
	2.4. Identificar-se com uma pessoa	
	2.5. Achar uma pessoa especial	
	2.6. Sentir carinho	
	2.7. Sentir que a pessoa é essencial	
	2.8. Escolher como família	
	2.9. Sentir saudades	
	2.10. De amigos	
	2.11. Da mana	
	2.12. A minha mãe me tratar	
3. Convivência		
	3.1. Conversar durante muito	
	3.2. Estar à vontade	
	3.3. Brincar/estar com os amigos	
4. Solidariedade	4.1. Ajuda mútua	
	4.2. Ajuda nas situações más	
	4.3. Apoio incondicional	
5. Partilha	5.1. Afecto	
	5.2. Experiências	
	5.3. Preocupações	
	5.4. Desabafos	
	5.5. Dar coisas aos amigos	
6. Cumplicidade	6.1. Alguém que ria connosco nas situações boas	
7. Confiança	7.1. Confiança entre as pessoas	
	7.2. Não desiludir	
	7.3. Ser sincero	

8. Compreensão	8.1.Quando nos entendem	
9. Duração	9.1. Cresce connosco	
	9.2. Pode durar toda a vida	
	9.3. Relacionamento de vários anos	
10. Não Sei		
11. Não Respondeu		

TEMA IV – AMOR		
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	SUB-SUB CATEGORIA
1. Sentimento	1.1. Dos mais difíceis	
	1.2. Muito forte	
	1.3. Algo próprio de cada pessoa	
	1.4. Afecto maior	
	1.5. Sentimento entre pessoas	
	1.6. Base de uma relação	
2. Experiência emocional	2.1. Engloba muitas emoções	
	2.2. É uma emoção	
	2.3. Sentida de várias maneiras	
	2.4. Expressada de várias maneiras	
	2.5. Dá felicidade e tristeza	
	2.6. Medo de perder alguém	
	2.7. Vontade de abraçar	
	2.8. Estar apaixonado	
	2.9. Sentir ternura	
	2.10. Sentir carinho	
3. Algo indefinido	3.1. Algo especial	
	3.2. Algo/alguém que nos faz sentir bem	
	3.3. Algo que ninguém controla	
	3.4. Algo que ninguém escolhe	
	3.5. Apenas se sente	
	3.6. Sabe-se só na altura	
	3.7. Sentir-se diferente	
	3.8. Não explicamos	
	3.9. Não tem definição	
	3.10. Ainda não senti	
	3.11. Não sei	
	3.12. Não respondeu	
4. Gostar de alguém	4.1. Sentir algo por uma pessoa	
	4.2. Gostar de muito de alguém	
	4.3. Admirar alguém	
	4.4. Afinidade	
	4.5. Viver em função do bem-estar de alguém	
	4.6. Preocupação com outra pessoa	
	4.7. Acordar e pensar na pessoa	
	4.8. Entrega a uma pessoa	
	4.9. Gostar de uma pessoa com os seus defeitos	
	4.10. Observar/analisar mais tempo alguém	

	4.11. Ver a pessoa além do exterior	
	4.12. Sentir falta de alguém	
	4.13. Dar beijinhos	
	4.14. De alguém que está na minha escola	
5. Sentir fisiológico	5.1. Conjugação de componentes químicos	
	5.2. Aumento de batimento cardíaco	
	5.3. Dor/aperto no coração	
	5.4. Sentir algo na barriga/estômago	
	5.5. Ferida que magoa	
	5.6. Nervosismo perto da pessoa	
	5.7. Atracção física	
	5.8. Desejo	
	5.9. Comer	
6. União	6.1. União mais íntima	
	6.2. União familiar	
7. Compromisso	7.1. Namorar	
	7.2. Casar	
8. Necessidade	8.1. Todos temos que sentir uma vez na vida	
	8.2. Precisamos de amor para ser felizes	
	8.3. Ter alguém importante na vida	
9. Tipos de amor	9.1. Amizade	
	9.2. Amor materno/paterno	
	9.3. Amor fraterno	
	9.4. Amor pela família (outros elementos)	
	9.5. Amor pelo namorado	
	9.6. Amor por qualquer pessoa	
10. Não Sei		
11. Não Respondeu		

TEMA V – PAIXÃO		
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	SUB-SUB CATEGORIA
1. Sentimento	1.1. Intenso/muito forte	
	1.2. Repentino	
	1.3. Efêmero	
	1.4. Impulsivo	
	1.5. Quase irracional	
	1.6. Superficial	
	1.7. Incoerente	
	1.8. Cíclico	
	1.9. Começo do amor	
	1.10. Componente do amor	
		1.11. A mesma coisa que amor
2. Experiência emocional	2.1. Emoção muito forte	
	2.2. Sentir algo ao conhecer alguém	
	2.3. Apaixonar-se	
	2.4. Loucura	
	2.5. Atração incontrolável	
3. Pensamento	3.1. Só pensamos na pessoa	
4. Necessidade	4.1. Só querer estar com a pessoa	
	4.2. Entrega total	
	4.3. Desejo	
5. Gostar de alguém	5.1. Gostar muito de uma pessoa	
	5.2. Alguém que me faz sentir melhor	
6. Sentir fisiológico	6.1. Uma “coisa”/dor no coração	
	6.2. Sente-se no corpo /adrenalina muito forte	
	6.3. Tremores	
7. Algo indefinido	7.1. Momento de imaturidade	
	7.2. Algo incrível	
	7.3. Sal da vida	
	7.4. Difícil de descrever	
	7.5. Acaba quando conhecemos a pessoa	
	7.6. Não Sei	
	7.7. Não Respondeu	
8. Não Sei		
9. Não Respondeu		